

FÁBIO MÁRCIO GAIO DE SOUZA

O RÁDIO EM GOIÂNIA: HISTÓRIAS E FATOS

Goiânia

2005

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
Curso de Graduação em Jornalismo

O RÁDIO EM GOIÂNIA: HISTÓRIAS E FATOS

FÁBIO MÁRCIO GAIO DE SOUZA

Monografia apresentada como exigência parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, sobre a orientação da professora Msc. Rosana Maria Ribeiro Borges.

Goiânia 2005

A meu filho, Gabriel.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos aqui não aparecem em ordem de importância, pois todos foram importantes para a realização deste trabalho.

A Deus, simplesmente o obrigado pela vida.

A minha esposa agradeço a paciência e compreensão que às vezes era retirada do fundo da alma sabendo a sua maneira me incentivar e apoiar.

A meu filho, desculpas por não ter atendido no momento que chamava por estar ocupado com este trabalho, mas que com certeza foi realizado pensando nele.

Aos pioneiros, o agradecimento pela coragem em me atender, pelos ensinamentos, conselhos, informações e pura e simplesmente pelas horas passadas ao lado de cada um deles.

As emissoras obrigado por atenderem meu pedido de pesquisa nos arquivos e um puxão de orelha por não manterem os mesmos preservados e organizados.

A professora Rosana Borges manifesto o agradecimento por ter aceitado, mesmo sem me conhecer, me ajudar neste projeto. Sua colaboração, paciência e palavras foram de fundamental importância.

Ao professor Luís Signates pelo apoio dado a este trabalho quando ainda era apenas um projeto de pesquisa.

Agradeço também ao Jornalismo e Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia que me ajudaram a enxergar o mundo não mais como o cidadão do interior brasileiro, mas agora como cidadão brasileiro.

Não agradeceria talvez ao tempo escasso, que me obrigou a dividir a vida entre esposa, filho, trabalho, estágio, faculdade e obrigações de cidadão e pai de família.

Lamento a falta de apoio da Biblioteca Central da UFG que teve suas atividades paralisadas durante a realização deste trabalho, o que impossibilitou consultas em seu acervo, recorrendo então à caridade alheia.

RESUMO

Esta monografia aborda a história da comunicação, tratando especificamente da história do Rádio em Goiânia. A intenção era realizar um apanhado mais abrangente, retratando a História do Rádio em Goiás, como surgiu, onde surgiu, quem foram os responsáveis por isso. No entanto por razões de tempo e custos optou-se por realizar o mesmo trabalho, no entanto em nível de Goiânia.

A preocupação aqui foi de manter os fatos conforme contados por aqueles que viveram a história, aliado a pesquisa documental no pouco que restou de arquivo das emissoras. Detalhes e fatos curiosos são contados por estes pioneiros do rádio. Também por uma questão de tempo e custo, foram pesquisadas as cinco primeiras emissoras AM de Goiânia, que são Rádio Clube de Goiânia, Rádio Brasil Central, Rádio Difusora de Goiânia, Rádio Anhanguera e Rádio Riviera.

Pretende-se imprimir aqui também certa preocupação com o passado do rádio goianiense, uma vez que as memórias estão partindo com os pioneiros, não existindo preocupação das emissoras e dos estudantes ou profissionais da comunicação, especialmente do rádio, em resgatá-las. De qualquer maneira fica o convite àqueles que gostam de rádio, a viajar no passado e a esperança de que outros tantos se interessem pelo tema.

SUMÁRIO

I	
INTRODUÇÃO.....	07
Momento histórico vivido por Goiás e Goiânia na ocasião do surgimento do rádio.....	07
Breve Histórico do Rádio no Brasil.....	11
II	
O RÁDIO EM GOIÂNIA.....	13
A emissora pioneira em Goiânia.....	13
Brasil Central pela mudança da capital.....	18
Difusora evangelizando e ao lado do povo.....	30
Do musical sertanejo ao jornalismo 24 horas.....	37
De mais carismática a totalmente evangélica.....	41
III	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
IV	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
V	
ANEXOS.....	47

INTRODUÇÃO

1 – Momento histórico vivido por Goiás e Goiânia na ocasião do surgimento do rádio

Na década de 30, o estado de Goiás não possuía uma situação que fosse considerada das mais promissoras. A área territorial do estado era bastante extensa e sua população bastante rarefeita. Existiam poucos centros urbanos, e estes não tinham condições de abrigar qualquer iniciativa de natureza industrial. (CÂMARA, 1979)

Politicamente, Goiás vivia os reflexos do Movimento Revolucionário de 1930, que representou um “divisor de águas” na cena nacional. Significou o início do projeto de urbanização e industrialização no país e o princípio da transição demográfica que leva o brasileiro do campo para a cidade. Em Goiás, o movimento culminou na queda da oligarquia Caiado e ascensão ao poder do médico Pedro Ludovico Teixeira.

Durante muito tempo, Goiás viveu um período de isolamento em relação aos grandes centros urbanos da época. As dificuldades de comunicação e transporte, a grande extensão territorial do estado, aliado a fatores políticos e sociais foram os principais responsáveis por este momento histórico.

O primeiro passo dado para a inserção de Goiás no cenário nacional, conforme observado pelos historiadores, foi sem dúvida a inauguração da estrada de ferro, no início do século XX. A ferrovia revolucionou o transporte, as comunicações e a produção. As cidades por onde passava a linha férrea passaram por transformações como a vinda do cinema, telégrafo, energia elétrica e outros benefícios. Passa a ocorrer a valorização da terra, dinamização na produção e certa mecanização nos meios de produção. O estado melhora as condições para escoamento da sua produção.

A Primeira República também foi um período marcado pelo domínio das oligarquias. A falta de uma vida cidadina, a existência de uma insípida classe média e questões políticas foram o sustento das oligarquias. O primeiro nome de destaque fora os

Bulhões, que inclusive ocuparam cargos políticos em âmbito nacional, a exemplo do patriarca da família Leopoldo de Bulhões. Posteriormente ocorre a troca no comando regional, com a emergência da família Caiado, que mais tarde fundam o Partido Democrata para dar sustento a sua hegemonia.

No entanto o fato de grande repercussão e que representou, depois da construção de Brasília, a efetiva ocupação do Planalto Central, foi à transferência da capital para Goiânia. Idealizada por Pedro Ludovico Teixeira, então interventor federal no estado, a construção de Goiânia representaria o novo e o rompimento com o passado e enfraquecimento das oligarquias locais, presentes na antiga Vila Boa. Pelo decreto nº. 3.359 de 18 de maio de 1933, foi escolhido o local para a construção de Goiânia, na região do córrego Botafogo, entre as fazendas Criméia, Vaca Brava e Botafogo, no município de Campinas. O urbanista Atilio Correa e Lima seria o responsável pelo plano urbanístico da cidade. Para a escolha do nome da nova capital, o jornal “O Social”, de 05 de novembro de 1933, lançou o grande concurso “Como se deve chamar a Nova Capital?” Foram sugeridos inúmeros nomes como Petrônia, Americana, Araguaiana, Bartolomeu Bueno, Pátria Nova, entre outros.

No entanto, a reação do povo contra a mudança da capital crescia com a mesma proporção em que o fato ia se consolidando. Os comerciantes da cidade de Goiás alegavam prejuízos à economia local e acreditavam que a cidade possuía todos os requisitos para ser a capital do estado, sem que houvesse necessidade de mudança. (CÂMARA, 1979)

Em 24 de outubro de 1933, foi feito o lançamento oficial da Pedra Fundamental da nova cidade. A Rua 20 foi a primeira a ser construída na capital. No ano de 1935 teve início a transferência de alguns órgãos públicos para Goiânia, à medida que os edifícios ficavam prontos. Em 23 de março de 1937, o agora governador Pedro Ludovico Teixeira, assina o decreto nº. 1.816, que transferia definitivamente a capital para Goiânia.

No mesmo ano, a cidade contava com uma população estimada de cerca de 22 mil habitantes. O primeiro recenseamento, realizado no ano de 1940, revelou uma população total de 48.166 habitantes em Goiânia.

Fato que entusiasmou toda a cidade ocorrido do ano de 1939 foi a visita do presidente do Brasil Getúlio Vargas. Essa seria a primeira visita de um presidente da

República a nova capital. No entanto, devido ao início da segunda guerra mundial, a visita teve que ser cancelada, retornando o presidente apenas no ano posterior, no dia 05 de agosto.

Nas comunicações, em Goiânia, o primeiro jornal a circular foi o “Nova Goyaz” em 11 de junho de 1935, sob a direção de Balthazar dos Reis sendo editado na tipografia de Germano Roriz. O jornal teve vida bastante curta. Já em 20 de novembro de 1935, iniciava-se a circulação do jornal “Goiânia”, sob a direção de Carlos Pierucetti, sendo editado na cidade de Araguari, Minas Gerais. Posteriores a estes jornais surgiram o “Correio Oficial” e o “Jornal de Goiânia” em 1936, sendo o último de propriedade de Venerando de Freitas Borges, na época prefeito de Goiânia e de Vasco dos Reis. O primeiro jornal a circular regularmente foi lançado em 03 de abril de 1938, com o nome de “O Popular”, sob a direção de Joaquim Câmara Filho e gerência de Jaime Câmara e Vicente Rebouças Câmara. Em 1939 era lançado o jornal “Folha de Goyaz”. No entanto é conveniente ressaltar que a imprensa em Goiás, chega com um atraso de 108 anos em relação à data de publicação do primeiro jornal brasileiro. Aplicando-se o modelo proposto por José Marques de Melo, as razões para este atraso são encontradas no modelo de desenvolvimento no Brasil, com a presença de escravos, exploração de riquezas, divisão entre classes, poder econômico e político. No caso goiano soma-se o fato do isolamento e distância em relação ao litoral e outros centros.

Apesar da transferência e construção da nova capital ter representado um passo importante na modernização do estado, Goiás, do final dos anos 30 ainda carecia de muitos recursos. As estradas eram poucas, existindo também apenas um ramal ferroviário que ligava parte do estado à região do triângulo mineiro, possuindo uma extensão total de 430 km até a cidade de Araguari. A nova capital ainda representava um enorme canteiro de obras, sem grande expressão nacional. O estado possuía sua economia basicamente agrária, destacando-se a pecuária. No ano de 1939 a receita do estado girava em torno de 17.565 cruzeiros¹. O estado contava no ano de 1940 com uma população de 826.414 habitantes,² sendo que destes 142.110 residiam na zona urbana e 684.304 na zona rural.

Se comparado ao ritmo do desenvolvimento atual, Goiás crescia de maneira lenta, mas aos poucos buscava sua vocação natural. A cidade de Goiânia, da década de 40, já esboçava uma vida cultural própria e buscava se consolidar como cidade mais importante

da região. Os inúmeros trabalhadores que para Goiânia vieram, começaram a se fixar nos primeiros bairros e aqui foram tendo seus filhos ou criando suas famílias, constituindo-se nos verdadeiros desbravadores desta nova terra.

¹ Fonte: Anuário Estatístico (IBGE) e Secretaria da Fazenda do Estado de Goiás, tendo em vista moeda da época.

² Fonte: Estimativa IBGE (Anuário 1977)

2 - Breve histórico do rádio no Brasil

As primeiras experiências públicas com a radiodifusão no Brasil remontam ao ano de 1922. Durante as comemorações de centenário da independência foram instalados auto falantes nos locais onde aconteciam as festividades no Rio de Janeiro e distribuídos a alguns componentes da sociedade carioca, 80 receptores especialmente importados para este fim. A empresa Westinghouse instalou um transmissor de 500 watts, no alto do Corcovado. A demonstração causou grande reboliço, entretanto, devido a falta de um projeto, as transmissões que ainda continuaram por alguns dias foram encerradas.

Anos antes, no final do século XIX, o italiano Guglielmo Marconi e o padre brasileiro Roberto Landell de Moura trabalhavam em experimentos que fossem capazes de transmitir o som.

A primeira emissora de rádio regular no Brasil, foi a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, inaugurada em 20 de abril de 1923. No entanto é conveniente destacar as iniciativas realizadas por jovens do bairro Santo Amaro que fundaram a Rádio Clube de Pernambuco e que antes da emissora do Rio de Janeiro, em 1919, trabalhavam em experimentos com telegrafia com um transmissor importado da França.

As emissoras de rádio em sua maioria surgiam como clubes ou associações onde as pessoas se filiavam e eram obrigados a contribuir com taxas, para o sustento da emissora. Somente em 1932 a publicidade no rádio foi regulamentada. Os empresários começam a perceber que o rádio possui uma resposta muito melhor para se anunciar do que o jornal impresso.

Em 1935, a Rádio Kosmos de São Paulo, mais tarde rádio América cria o primeiro auditório. A Rádio Jornal do Brasil procura estabelecer uma programação fundamentada na informação. A Rádio Record passa a investir na contratação de astros e orquestras.

No entanto a inauguração daquela que iria se tornar um marco na radiodifusão brasileira, acontece em 12 de setembro de 1936. Estava no ar a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. A partir dela, o rádio passa a se organizar burocraticamente, como empresa.

(ORTRIWANO, 198:18). Em 1940, por decisão do então presidente da República, Getúlio Vargas a emissora foi estatizada.

Até o início da década de 40, o rádio vive um momento de estruturação. Entre os anos de 1940 a 1955, o rádio vive seu apogeu, seu momento áureo até a chegada da televisão. Em 1942 pela Nacional do Rio, ia ao ar “Em Busca da Felicidade” a primeira radionovela do Brasil. Algumas emissoras passam a se especializar em determinados segmentos, a exemplo da Rádio Panamericana, que passa a ser conhecida como a emissora dos esportes. O radiojornalismo começa a despontar com o surgimento do “Repórter Esso” na Rádio Nacional, durante a Segunda Guerra Mundial.

Outra emissora de destaque foi a RádioTupi de São Paulo ligada ao grande grupo de comunicação dos Diários Associados, de Francisco de Assis Chateaubriand. Os Diários Associados chegaram a possuir 33 jornais, 25 emissoras de rádio, 22 estações de televisão, uma editora, 28 revistas, além de outras empresas. É de competência do grupo também a instalação da primeira emissora de televisão no Brasil.

Com o surgimento da televisão, já na década de 50, o rádio perdeu um pouco a sua soberania e fascínio. A televisão, aliás, quando surge, imita em praticamente tudo o rádio, haja vista os primeiros atores da televisão terem sido atores no rádio. Já não era mais possível manter produções tão caras como as dos anos anteriores. O rádio teve que optar por uma comunicação mais ágil, próxima ao ouvinte e informativa.

No início da década de 60, a recém descoberta frequência modulada, dava um novo impulso ao rádio. A nova faixa de transmissão oferecia qualidade superior à onda média, no entanto com alcance menor e programação quase que exclusivamente musical. Depois veio a descoberta do estéreo que melhorava ainda mais a qualidade.

Nos dias de hoje o rádio procura e tem encontrado seu caminho e sua vocação enquanto veículo capaz de chegar aos quatro cantos do mundo, trazendo música e informação. As novas tecnologias revolucionaram a forma de fazer rádio, acarretando também na falta de qualidade, fato comprovado pela freqüente automatização das emissoras brasileiras.

Lamentavelmente o rádio é pobre em bibliografia. São encontrados diversos estudos em mídia impressa, outros tantos em televisão e agora a internet, mas pouco é

estudado sobre o rádio. Sobre a história do rádio em Goiás, a situação chega a ser preocupante pois não existe nenhuma publicação a respeito.

O RÁDIO EM GOIÂNIA

1 - A emissora pioneira em Goiânia

Quando a Rádio Clube de Goiânia foi inaugurada já existiam emissoras de outros estados que eram sintonizadas em Goiás, o que demonstrava um certo costume do público em ouvir rádio. No entanto ainda não existia uma rádio que transmitisse de Goiânia. Existem algumas divergências quanto a data exata e o ano de funcionamento da Rádio Clube, mas certamente foi entre os anos de 1941 e 1943.

Somente com o decreto publicado no Diário Oficial de Junho de 1956, era concedida em caráter definitivo a exploração da frequência em onda média.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 87, nº. I, da Constituição, atendendo ao que requereu a Rádio Clube de Goiânia S.A. e tendo em vista o disposto no art. 5º, nº. XII, da mesma Constituição.

Decreta:

Art. 1º Fica outorgada concessão a Rádio Clube de Goiânia Sociedade Anônima, nos termos do artigo 11, do Decreto nº. 24.655, de 11 de julho de 1934 e art. 16 do Decreto nº. 21.111 de 1º demarco de 1932, para estabelecer na cidade de Goiânia, Estado de Goiás, sem direito a exclusividade, uma estação radiofônica de ondas médias, destinada a executar o serviço de

radiodifusão. (Diário Oficial da União de 13 de julho de 1956, anexado ao final deste trabalho)

Também obtive mais tarde, concessão para explorar a frequência em ondas curtas, serviço realizado por pouco tempo, sendo repassado tempos depois o direito a Rádio Anhanguera.

Como está escrito na razão social da emissora, a rádio era uma espécie de clube onde cidadãos se filiavam, tornando-se quase que sócios, sendo obrigados a contribuir com mensalidades para o sustento da rádio. Esta prática era bastante comum nos primórdios do rádio, sendo adotada, por exemplo, pela Rádio Clube de Pernambuco que para alguns pesquisadores da história da comunicação brasileira é considerada a primeira emissora de rádio brasileira.

Era presidente da Rádio Clube de Goiânia o então professor e prefeito de Goiânia Venerando de Freitas Borges. O prefixo da emissora era o ZYG 3, funcionando primeiramente em ondas médias.

A emissora tinha suas instalações na Avenida Tocantins, próxima a Rua 3 em um sobrado que havia pertencido a um médico e que fora comprado e adaptado para receber a rádio. De um lado Rádio Clube, de outro Folha de Goyaz, ambas do mesmo grupo. Possuía um pequeno auditório na parte inferior e a parte técnica e a direção funcionava na parte superior do prédio. Os primeiros que lá trabalhavam submetiam-se a testes e eram contratados ainda sem carteira assinada, afinal era uma grande novidade uma emissora de rádio em Goiânia. No entanto, vale salientar que de acordo com o depoimento dos pioneiros, a Rádio Clube de Goiânia, foi a primeira na capital e não no estado. Já existia a Rádio Xavantes de Ipameri, até hoje em atividade e Rádio Carajás de Anápolis, todas em uma região que seguiu o caminho do desenvolvimento e da aproximação de distâncias impostas pela estrada de ferro.

Um dos primeiros diretores da emissora foi Cunha Júnior, que praticamente acompanhou a montagem e o nascimento da Rádio Clube, só que naquela época trabalhando como contínuo ou office-boy. Josafá Nascimento, considerado o grande seresteiro goiano, começou como faxineiro. Era um tempo de autodidatismo. No princípio também eram poucos os receptores. Rádios enormes que custavam caro.

Uma característica peculiar a Rádio Clube, e que não é comum a nenhuma das emissoras pesquisadas por este trabalho é o fato de ter possuído inúmeros proprietários. Depois de Venerando de Feitas Borges, foram donos da emissora Os Diários Associados, de Francisco de Assis Chateaubriand e também políticos da família Roriz, só para citar alguns de seus donos.

Justamente este fato de ter possuído inúmeros proprietários, cada qual com seus interesses, praticamente liquidou a história e o pioneirismo daquela que foi a mãe de todas as rádios goianienses. Como acontece em praticamente todas as emissoras pesquisadas, não existe nenhum arquivo, restando apenas cópias de decretos do Ministério das Comunicações concedendo a outorga e concessão da frequência. Arquivos de áudio, escripts de programas, acervo musical, praticamente nada resta, a não ser a memória daqueles que viveram a rádio. Muitos ou praticamente todos os pioneiros da Rádio Clube já são falecidos o que causa um grande temor de que toda esta história se perca, pois os que ainda estão vivos, já estão com idade bastante avançada e a perda dessas memórias seria um grave prejuízo a história goiana.

Da época das rádionovelas, dos famosos programas de auditórios, dos programas noturnos, da participação do ouvinte, restou hoje a rádio programação esportiva e programação religiosa. A preferência pelo esporte teve início há alguns anos quando Jorge Kajuru adquiriu a emissora, ou parte dela, porque de acordo com os atuais proprietários, a emissora até hoje está registrada como Rádio Clube de Goiânia, tendo os primeiros proprietários como sócios, só que em percentuais bastante minoritários.

Hoje a rádio assumiu o nome de Rádio 730 e veicula programação esportiva durante o dia, com destaque para o futebol e programação religiosa em horário arrendado à noite. O gosto pelo esporte em princípio gerou bons frutos, já que a emissora por algum tempo ocupou o segundo lugar em audiência dentre as emissoras AM. Com a preferência por este segmento a emissora deixou de explorar a sua história. Em momento algum é citado durante a programação o fato da Rádio 730 ser a Rádio Clube de Goiânia, pioneira em Goiânia.

Para compor as páginas relativas à Rádio Clube a dificuldade foi grande e escassez de material ainda maior. A salvação foram os arquivos particulares dos pioneiros e a memória dos mesmos.

1.1 - Programas de auditório, rádio novelas e outros.

Os primeiros programas de auditório em Goiânia e as primeiras radio novelas foram da Clube. Naquele tempo o conhecimento de programa de auditório era dado apenas pela Rádio Nacional do Rio.

Contos literários eram radiofonizados e apresentados como rádio novelas. Nomes como Dalva de Oliveira, Sílvio Medeiros, Norma de Alencar e outros tantos por longos anos ou por período bastante curto, emprestaram suas vozes e sua animação em programas de auditório e rádionovelas.

Nas décadas de 80 e 90 a programação noturna da Rádio Clube conquistava o ouvinte. Era a época de Dalva de Oliveira, conhecida como a dona da noite, com o programa “Clube da Noite”. Mais tarde a experiência se repetiu em outras emissoras. O programa era feito ao vivo de oito e meia da noite até as quatro horas da manhã. Até as dez e meia da noite músicas mais balanceadas. Após este horário, eram rodados pensamentos, reflexões e palavras positivas capazes de agradar ao carente ouvinte noturno. Alguns ouvintes esporádicos que moravam em outras cidades, quando chegavam a Goiânia imediatamente ligavam para a Rádio Clube, avisando que chegaram e que estavam em sintonia com o “Clube da Noite”.

A audiência masculina na programação noturna era cativa, em especial no Clube da Noite. Era o tempo de se desligar a televisão, colocar o radinho embaixo do travesseiro e ouvir a rádio.

Aí quando eu trabalhava à noite, geralmente era muito, às vezes tinha assim aquele, aquelas coisas, uns rapazes meio atirados que achavam que era porque você estava ali, né, umas mulheres ciumentas porque os maridos ficavam escutando. Telefonava te ameaçando ou então faziam que iam por exemplo, porque a Folha de Goyaz era lá onde é hoje o Diário da Manhã, então ficava

Folha de Goyaz de lá e a rádio de cá. Aí falavam que iam na Folha de Goyaz e ao invés de ir para a Folha, entrava para a rádio, entendeu? E um dia eu estava lá trabalhando e eu trabalhava com a porta aberta porque era muito calor e naquela altura ninguém ia entrar porque eu sabia que o guarda não deixava ninguém entrar na rádio né. E quando dou por mim está um rapaz atrás de mim dizendo “você vai sair daqui agora e vai para o motel comigo”. Aí o operador viu, porque antigamente tinha operador de som, porque você trabalhava de um lado e o operador de som do outro. Aí ele foi e ligou para a portaria e foram lá e tiraram o rapaz. (Entrevista 06)

A Clube fez história mas não soube guardar a sua própria história. Uma emissora que quando foi fundada, representou uma nova conquista na imprensa goianiense, até então habituada apenas ao jornal impresso. É lamentável conhecer nos dias de hoje muito pouco sobre sua história.

2 - Brasil Central pela mudança da capital

Com o objetivo de realizar a campanha para transferência da capital da cidade do Rio de Janeiro para o cerrado goiano, dez anos antes da efetiva mudança da capital federal para Brasília, surgia em Goiânia, no dia 03 de março de 1950 a Rádio Jornal do Brasil Central. A emissora pertencia ao então senador federal Jerônimo Coimbra Bueno, considerado o grande construtor de Goiânia e proprietário de empresas de construção civil vinculada a Fundação Coimbra Bueno, cujos proprietários eram o próprio Jerônimo Coimbra Bueno e seu irmão Abelardo Coimbra Bueno.

Desde o ano de 1949 a emissora operava em caráter experimental, sem frequência e horário de transmissões definidas. Somente em 1950 ela havia sido aprovada pelo órgão responsável pelas concessões de empresas de radiodifusão, que na época era sediado na cidade do Rio de Janeiro.

A rádio funcionava num sobrado simples e adaptado, na Avenida Anhanguera, no Centro de Goiânia, próximo a atual Praça Botafogo. Possuía um auditório pequeno. A parte técnica funcionava no andar superior e no pavimento térreo ficava o auditório que possuía no máximo 180 lugares além do estúdio de gravação.

No ano anterior ao funcionamento da Brasil Central propriamente dita, jornais da época como a “Folha de Goyaz” e “O Popular”, anunciavam à instalação daquela que seria a segunda emissora de rádio regular da jovem capital goiana. Os anúncios solicitavam desde locutores a controladores de som. O primeiro diretor da emissora, Francisco Pimenta Neto, pessoalmente supervisionava os testes que ocorriam para locutores, animadores, rádio atrizes e outros profissionais do rádio. As pessoas que para lá iam fazer o teste falavam ao microfone, liam textos e, sobretudo imitavam velhos, crianças e outros tipos que serviriam de personagens para as rádionovelas e rádio teatro.

Aqueles que passavam nos testes eram admitidos recebendo cachê. Ganhava-se por apresentação. Neste período em que a rádio ainda não funcionava oficialmente, era gravada uma série de programas com duração variando entre 20 a 30 minutos que mais tarde seriam veiculados na programação.

“Rádio Brasil Central pela mudança da capital”. Com esse slogan que era repetido diversas vezes durante a programação a Brasil Central espalhava o seu som pelo Brasil. A emissora começou com potência que permitia ser escutada em praticamente todo o território nacional. Eram 10 mil watts considerando que naquela época não existiam muitas emissoras, edifícios, cidades e aparelhos eletrônicos que interferissem na recepção do sinal emitido pela Brasil Central.

Mesmo com a mudança da capital, considerada praticamente um fato, em 1958, a emissora ainda divulgava seu slogan, referindo-se a campanha pela mudança. Em 1960 foi definitivamente eliminada a palavra “Jornal”, ficando apenas Rádio Brasil Central. Na realidade, a nomenclatura já era utilizada em toda a programação, restando apenas aos noticiários que eram feitos de hora em hora, dizer o nome completo da emissora.

Em 1962 quando a mudança da capital já estava concretizada, a emissora foi adquirida pelo Estado, na época do então governador Mauro Borges, filiada ao CERNE (Consórcio de Empresas de Radiodifusão e Notícia do Estado de Goiás). Relatos de pioneiros dão conta de que não interessava mais a propriedade da rádio, já que Brasília era realidade. Foi então Jerônimo Coimbra Bueno foi embora para o Rio de Janeiro e nunca mais se teve notícia dele pelas terras goianas. Seu irmão Abelardo Coimbra Bueno, ainda retornou a Goiânia, mas, tempos deixou a cidade.

Nomes de destaque passaram pela emissora, que talvez tenha sido a grande escola do rádio goiano, por possuir produções de novelas, radio teatro, jornalismo e programas musicais. Também se revezaram diversas pessoas na função de diretor da rádio. Em 1965, por exemplo, era diretor Jorge Abrão, que anteriormente trabalhava na Rádio Difusora de Goiânia. No entanto, Jorge Abrão havia se submetido a uma cirurgia cardíaca bastante delicada e como naquela época ainda não havia os grandes avanços da medicina, o risco de complicações futuras era bastante grande. Fato esse que ocorreu. Pouco tempo depois de assumir a direção da Brasil Central, ele morre de infarto da rodovia que liga Goiânia a Anápolis. Na ocasião assume Taufic Sebba, que até então ocupava o posto de

superintendente. É conveniente lembrar que naquela época, o sistema de comunicação de governo era composto pelo próprio CERNE, pela Rádio Brasil Central e pela gráfica do estado.

Na gestão de Prestes Paranhos, entrava no ar, em 1971, a Rádio Brasil Central FM, que possuía um perfil popular, que anos mais tarde se modificou chegando hoje ao que se conhece como RBC FM, com perfil adulto contemporâneo. Paranhos também foi um dos grandes motivadores da montagem da Televisão Brasil Central. Nessa mesma época, a emissora perdeu a faixa de 31 metros para a Rádio Bandeirantes de São Paulo, restando a onda média e a onda tropical, além de outra frequência em onda curta. Também nesta ocasião, começou a operar 24 horas por dia. Até então, a emissora entrava no ar às seis da manhã e encerrava suas atividades entre dez da noite e meia noite. O quadro abaixo mostra a programação da emissora, na década de 70, época em que começou a funcionar 24 horas por dia.

Horário	Apresentador	Tipo de Programa
Das 5h às 7h	Conrado de Oliveira	Sertanejo
Das 7h às 7h30	Jerônimo Rodrigues e Íris Mendes	O Mundo Em Sua Casa (jornalístico)
Das 7h30 às 10h	Clarindo Rodrigues	Programa do Barrinha (variedades)
Das 10h às 11h	Valdemir Celestino	
Das 11h às 12h	Escrete de Ouro	Esportivo
Das 12h às 16h	Pedro Afonso e Roberto Nascimento	Variedades
Das 16h às 19h	Morais César	Nossa Fazenda (sertanejo)
Das 22h às 24h	Vicente Iglesias	Programação Noturna (música leve)
Madrugada	Mestre Cuiabano	Aquarela Brasileira

Fonte: Recorte de Jornal encontrado no pouco que restou do arquivo da Rádio Brasil Central

A Rádio Brasil Central, já foi abrigada em três sedes diferentes. A primeira no centro de Goiânia. Tempos depois foi transferida para a Vila Nova, em um prédio hoje pertencente ao estado. Finalmente, na década de 80, foi erguido o prédio onde hoje se encontra a AGECOM (Agência Goiana de Comunicação) e que abriga todo o complexo de comunicação do Governo de Goiás.

Um fato que merece destaque foi o grande incêndio sofrido pela emissora em 1988. Depoimentos de pessoas que vivenciaram o fato dão conta de que o fogo assumiu proporções imensas chegando a queimar até mesmo as paredes. Grande parte, ou praticamente toda a história documental da rádio se perdeu no incêndio, restando apenas a memória dos pioneiros e arquivos particulares e alguns poucos recortes de jornais. O incêndio, entretanto, serviu para imprimir o espírito de equipe contido nas pessoas, que duas horas após o fogo, já transmitiam ao vivo sua própria tragédia.

Atualmente, a emissora tem dificuldades para contratar profissionais pela burocracia exigida pelo estado. Todas as contratações precisam passar pelo crivo da Secretaria de Assuntos Institucionais e como comenta Fernando Cozac, um dos diretores da emissora na atualidade, fica difícil explicar para os burocratas que não existe possibilidade de se licitar, por exemplo, um locutor. Outra dificuldade é a falta de concurso público. Observa-se aqui a falta de interesse do governo estadual em realizar um concurso público e moralizar a situação dos funcionários, que estão sujeitos a contratos como servidores comissionados, sem grandes possibilidades de futuro, pois não sabem como será o amanhã, no caso de um novo governo assumir o comando do estado.

Observam-se hoje duas emissoras bem distintas. A AM assumidamente popular, tocando desde musica internacional romântica até sertanejo de raiz e a FM com uma programação que pretende conquistar o público considerado mais exigente. A participação do ouvinte no caso da AM se restringe aos telefonemas, oriundos de toda a parte de Goiás e, sobretudo dos estados do Maranhão, Bahia e Tocantins. A rádio ainda raramente é utilizada como nos tempos antigos para levar recados as fazendas do interior do Brasil. Hoje em dia o tipo de recado mais comum são pessoas procurando parentes e amigos desaparecidos. Mesclando música, informação e entretenimento, a rádio praticamente não sorteia prêmios e procura cativar seus ouvintes pela programação e pelo quase pioneirismo. Logicamente, como se trata de uma emissora estatal, a divulgação de governo

é feita quase que a todo o momento, com repórteres que viajam o interior, correndo atrás do governador e sua comitiva. Já no caso do FM o alvo é um público essencialmente musical, que procura ouvir o rádio não para companhia, mas para ouvir boa música.

2.1 - Os programas de auditório

Em uma época em que não havia televisão, restava ao morador nos finais de semana os programas de auditório das emissoras goianienses e da Rádio Brasil Central e as poucas salas de cinema existentes na capital. Essa foi uma realidade que perdurou até meados da década de 70, quando os programas de auditório do rádio, foram para a televisão, com as mesmas características, entretanto agora com o recurso da imagem.

Os programas eram sempre realizados com casa cheia. Não raras as vezes ficavam pessoas em pé nos corredores. Um dos programas de destaque na Brasil Central foi o Festival SM (que muitas pessoas acreditavam ser Sua Majestade e não Sílvio Medeiros a razão da sigla SM), apresentado por Sílvio Medeiros, que ia ao ar às seis horas da tarde no final de semana, permanecendo até as dez da noite. Quatro horas antes de começar o programa, já era grande a fila para se acomodar em uma das poltronas do pequeno auditório, como conta o próprio Sílvio Medeiros.

O auditório lotava. Cobrava ingresso, sorteio de prêmios, naquele tempo o liquidificador estava chegando. Sorteio de rádio, batedeira de bolo, roupa, sapato, era o sorteio que a gente fazia. Sempre começava com calouros. A primeira parte era só com calouros, depois entrava os quadros de quinze minutos, vinte minutos, dos patrocinadores. Brincadeiras, sorteios, a gente bolava uns programas assim com prêmios, quadros divididos no rádio. (Entrevista 04)

Outros nomes de destaque também apresentaram programas de auditório na emissora. Jeovah Bailão fazia o seu programa nos sábados. Ele já havia trabalhado na Rádio América de São Paulo e possuía grande aptidão para animador e apresentador. Fued

Nacif também foi outro importante nome da época. O auditório lotava para ouvir Josafá Nascimento, Emerson Camargo, Celi Coutinho, que tinha voz idêntica a de Nelson Gonçalves e outros tantos nomes passaram pelo auditório da Brasil Central.

Os programas de auditório talvez fossem os mais complicados de se produzir e levar ao ar. Eles exigiam o que na ocasião era chamado de vestimenta musical, com sonoplastia e sonoplasta especializado, além de forte relação entre apresentador e público. O Conjunto Musical do Belo marcou presença nos primeiros tempos, seguido depois do conjunto comandado por Geraldo Almarão. As músicas eram executadas ao vivo, assim como todo o programa. Em um dos programas, Sílvio Medeiros e Jeovah Bailão eram animadores. No intervalo da apresentação dos calouros era feito no palco ao vivo os comerciais e locuções diversas. Em geral esse trabalho era realizado pelos assistentes que em ocasiões de férias dos titulares, assumiam o comando do programa.

Nos domingos pela manhã, era comum avistar várias meninas de seus dez a doze anos na porta do auditório, esperando o início do programa apresentado por Dalva de Oliveira e Moacir Junior. As participantes declamavam poesias e cantavam.

2.2 - Novelas e rádio teatro

Não foram poucas as emissoras no Brasil que fizeram rádio novelas. Algumas de fortíssima audiência em todo o Brasil. Sem dúvida a grande produtora de novelas no Brasil, foi a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Em Goiás também foram realizadas rádio novelas com qualidade nas rádios Brasil Central, Clube e Anhanguera.

Boa parte dos rádioatores e rádioatrizes goianos veio do grupo de teatro do SESC, também chamado de GT. O SESC (Serviço Social do Comércio) ficava nas proximidades da Rua 16 no centro. Como em Goiânia havia Cine Teatro, volta e meia era necessário retirar a tela de projeção para dar espaço ao palco. Em geral ensaiava-se entre dois a três meses, ficando em cartaz pouco mais de três dias com apresentações de teatro que na maioria das vezes era veiculado no rádio, tempos mais tarde.

Era tudo bem rudimentar. O trote do cavalo era feito com dois cocos batidos sobre uma mesa de madeira. O ruído da chuva era produzido dentro do estúdio utilizando-se chapas de metal e papel ou plástico amassados. O sonoplasta precisava ser criativo e rápido. Enquanto isso os microfones dispostos ao longo do estúdio, emprestavam sua voz a personagens, sejam eles velhos ou crianças, brasileiros ou estrangeiros, que de posse de seu roteiro e de sua fala, davam vida a narrativa.

As novelas da Brasil Central eram escritas por João Bênio, Sérgio Sampaio, Carlos de Souza, além de outros atores e escritores como Sílvio Medeiros, Jeovah Bailão, Fued Nacif, Humberto Bonfim, Lívio Orcine, Norma de Alencar e outros tantos.

A cidade parava para ouvir “Direito de Nascer” e o “Rádio Teatro Colgate Palmolive”. Com o advento da televisão, as radionovelas foram incorporadas à grade de programação das emissoras e deixaram de motivar o imaginário presente no ouvinte, uma vez que a imagem já trazia consigo a própria imagem, ou seja, tudo pronto.

2.3 - Jornalismo

“O Mundo Em Sua Casa” é talvez a grande marca registrada da Rádio Brasil Central. Criado praticamente junto com a rádio por Lins Mesquita que também sugeriu o nome, o informativo continua no ar até os dias de hoje. Lins Mesquita trouxe a idéia do jornal falado da Rádio Brasil Central, da Rádio Mayrink da Veiga onde havia trabalhado. Tempos depois se muda para Goiás, indo trabalhar na Brasil Central. O programa já foi apresentado por diversos locutores. Primeiramente apresentou o programa Jorge Abrão, que na época também era diretor da emissora. Revezaram-se nos microfones nomes como Eli Mesquita, Antônio Gregório, Gonçalves Filho, Humberto Bonfim, Ivo de Melo e outros tantos. No entanto a dupla que mais tempo ficou a frente do noticiário foi Jerônimo Rodrigues e Íris Mendes, estando ambos 23 anos consecutivos apresentando o programa. Nesta época, de acordo com pesquisa realizada pela ABERT (Associação Brasileira das Empresas de Radiodifusão), “O Mundo Em Sua Casa”, fora considerado neste período o segundo jornal falado de maior penetração no Brasil, estando atrás do “Grande Jornal

Falado Tupi”, com Colifeud de Azevedo e Homero Silva. Em terceiro lugar, de acordo com os dados da ABERT, estava “O Globo no Ar”, da Rádio Globo do Rio de Janeiro.

“O Mundo Em Sua Casa” era apresentado no horário das nove da noite até as nove e meia. Posteriormente o tempo foi estendido até as nove e quarenta e cinco da noite. Com o surgimento da televisão, o jornal teve seu horário remanejado para as sete da manhã, estando até hoje, de segunda a sábado com uma hora de duração.

O informativo feito de hora em hora também foi apresentado por Jorge Abrão. Com o falecimento de Jorge Abrão, ficou no seu lugar Valter Pureza. A linha jornalística de fato teve início com “O Correspondente Brasil Central” que trazia o slogan “a cada volta do ponteiro, notícias do mundo inteiro”. Posteriormente surge também “O Repórter BEG”.

O padrão seguido pela Rádio Brasil Central e por praticamente todas as rádios brasileiras era o padrão Rádio Nacional do Rio, que sem dúvida na época era considerada a maior e mais bem aparelhada emissora brasileira. Posteriormente, surgiram outras rádios como a Tupi de São Paulo e a Rádio Globo do Rio de Janeiro.

A captação de notícias era feita por meio do teletipo ou da rádio escuta. No teletipo, por longos anos o tenente Ostalício Noronha, passava horas na morsa do aparelho que fazia a comunicação com o mundo. Ali ele recebia as notícias, passava informações e traduzia as mesmas para os noticiaristas. Já na rádio escuta os responsáveis por ela, permaneciam todo o dia e boa parte da noite sintonizados nas maiores emissoras do país ouvindo informações e copiando para mais tarde divulgar na Brasil Central.

Havia também reportagens de rua e participação popular diretamente da rua ou por telefone e carta. Diferentemente de hoje onde com apenas um aparelho celular é possível fazer um flash ao vivo, naquela época utilizava-se enormes gravadores de fio, que muito se assemelhavam a um acordeão, da marca Crown Corn. No princípio a rádio não possuía carro e para fazer chegar até o estúdio para ser lida, a informação captada na rua, era realizada permuta com empresas de táxi. O motorista do táxi levava a gravação até a sede da rádio e em troca à emissora se comprometia a anunciar durante sua programação os serviços de rádio-táxi existentes. O sertanejo dominava a programação, no entanto o carro chefe da emissora era o jornalismo.

Outros programas de caráter jornalístico também marcaram época. O programa “Alô, Alô, Motorista”, criado por Otoniel da Cunha trazia dicas importantes sobre a situação do trânsito na capital e era apresentado logo pela manhã, interessando as pessoas que se deslocavam para o trabalho ou para a escola. Com o falecimento de Otoniel da Cunha em um acidente de avião, os direitos do programa foram vendidos a Rádio Brasil Central e a Ivone Gomes que permaneceu como apresentadora.

Entretanto o grande fato jornalístico e o mais importante até hoje coberto pela equipe de radiojornalismo da Brasil Central foi a transferência da capital para Brasília. A emissora transmitiu ao vivo direto de Brasília, comandando a grande cadeia de rádio formada com as principais emissoras de estados como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. O depoimento de Taufic Sebba ilustra bem este grande momento vivido por aqueles que participaram da transmissão.

Aí espalhamos gente lá para todo o lado, avisando, ó, o som está chegando perfeito em São Paulo, no Rio, e eles estão satisfeitos e estão no ar. E pode aí ficar à vontade, ficar uma, duas horas no ar, nós estamos com vocês no ar. Foi, nós fomos a primeira emissora a transmitir a mudança, com esse mundão de gente atrás de nós. Isso é um fato importante. (Entrevista 07)

Orlando Consorte era o responsável técnico pela transmissão e Eli Mesquita foi o locutor oficial. Os dois e a equipe da emissora colocaram um enorme transmissor que mais parecia uma geladeira, em um pequeno caminhão e foram para Brasília, com grande dificuldade. Primeiramente foi transmitida a Santa Missa em cadeia, seguida do discurso do então presidente da república e grande idealizador de Brasília, Juscelino Kubsticheck. Emissoras como Record, Tupi e outras tantas estavam em conjunto com a Brasil Central.

Durante muito tempo, a Rádio Brasil Central foi porta voz das transformações ocorridas no centro-oeste brasileiro, já que era a única emissora da região a possuir alcance nacional, uma vez que não existia a Rádio Nacional de Brasília.

O jornalismo esportivo também mereceu destaque na programação, ocupando até pelo menos três horas diárias na programação. O programa esportivo mais antigo e apresentado até os dias de hoje é o “Escrete de Ouro”, hoje com produção terceirizada. No

horário do almoço era apresentado o “Parada dos Esportes”, com Aluísio Martins. Desde aqueles tempos eram realizadas transmissões ao vivo diretamente dos estádios de futebol. As instalações para a imprensa, na época praticamente restrita ao rádio, eram pequenas casas com janelas, cobertas com telha de barro, onde cabiam no máximo quatro pessoas. Elas ficavam dispostas um pouco acima da arquibancada o que permitia uma visão até regular da partida.

2.4 - Outros programas

Nem só de jornalismo, programas de auditório e rádio novelas viveu a Rádio Brasil Central nos áureos tempos do rádio brasileiro. Programas humorísticos e musicais faziam parte da programação. Um programa de boa audiência apresentado por Taufic Sebba juntamente com Dalva de Oliveira, João Nedes, Didi Costa, Jerônimo Rodrigues e Javier Gondinho foi o “De Bicanca”. A expressão “de bicanca” era utilizada antigamente quando uma pessoa dava um chute com o bico do pé. O objetivo do programa era falar de esportes, especialmente o futebol, de uma maneira diferente, descontraída e bem humorada.

Os programas de caráter cultural eram produzidos e apresentados Javier Gondinho que trazia histórias de poetas e poemas. Taufic Sebba e Ivone Gomes, filha de Pedro Gomes que empresta seu nome a uma escola estadual na capital, produziam o “Estante Literária”.

Algumas crônicas como “Bom Dia Para Você”, fizeram história na programação. Como conta o próprio autor do programa Taufic Sebba, o programa era levado ao ar cinco minutos antes de uma novela de grande audiência transmitida pela Rádio Nacional. A novela era rodada às dez da manhã. Após a crônica vinham os comerciais e logo em seguida a radionovela.

Programas de variedades tiveram grande participação popular. O programa “Show Revista”, apresentado por Luís Carlos Pimenta recebia inúmeras cartas e telefonemas. Em uma época de efervescência do tango argentino surge o programa “O

Tango e a Poesia”, onde o ouvinte mandava o disco para ser rodado seguido de comentários sobre o tango. A Casa do Baralho era a patrocinadora de “O Tango e a Poesia”. Programas aparentemente simples como “Telefone Pedindo Bis”, faziam grande sucesso entre os ouvintes. Cerca de vinte músicas eram rodadas e ouvinte ligava para a emissora solicitando aquela que deveria ser rodada mais uma vez.

No quesito música dominava o sertanejo, pelo fato da emissora atender o interior e possuir diversos anunciantes nas cidades próximas a Goiânia, que dirigiam seus produtos principalmente ao homem do campo. Naquele tempo era veiculada duas horas de sertanejo pela manhã, mais duas horas no final da tarde e uma hora no momento de dormir. O primeiro programa sertanejo da rádio foi o “Nossa Fazenda” com Moraes César. O programa foi fundado em 1954 na cidade de Uberlândia, trazido para Goiânia no ano seguinte, primeiramente para a Rádio Anhanguera. Durante o “Nossa Fazenda” além dos pedidos musicais eram bastante corriqueiros os recados para o homem do campo, do tipo para esperar no ponto do ônibus ou avisando sobre o estado de saúde de alguém ou ainda avisando que os viajantes haviam chegado bem ao seu destino. Em um tempo onde o telefone não chegava a todas as regiões, sobretudo as rurais, programas como o “Nossa Fazenda” e “Na Beira da Mata”, foram o grande prestador de serviço.

2.5 - Relação apresentador e ouvinte

Então a participação dele (o ouvinte) era direta, fora aquela frequência do rádio o tempo inteiro, porque o cidadão quer conhecer, porque, como. Então essa participação foi ativa.
(Entrevista 05)

O depoimento descrito por Jerônimo Rodrigues realça como era a participação do público antigamente. O local de excelência do contato entre ouvinte e apresentador eram os programas de auditório, onde ambos ficavam frente a frente durante horas. Era

disponibilizado ainda telefone, endereço para cartas e visitas ao vivo na sede da emissora, afinal, quase todo mundo queria conhecer quem era o dono ou a dona daquela voz ao vivo.

A Brasil Central ouvida por meio das Ondas Tropicais, recebia cartas de toda a América do sul, além da Europa, Ásia, Japão e Austrália. Os ouvintes internacionais mandavam fitas gravadas, rodadas na programação, flâmulas e cartões postais das cidades. No ano de 1967, por ocasião das comemorações de aniversário da rádio, foi realizada uma grande exposição com estas cartas. Como o rádio pagava pouco, fato que perdura até hoje, alguns apresentadores e locutores, inclusive comentam terem recebidos colaborações de ouvintes mais fiéis, que acreditavam estarem retribuindo um grande serviço feito por eles.

Ao mesmo tempo em que eram admirados, os radialistas eram marginalizados sob o rótulo de boêmios e não muito preocupados com a vida como revela Taufic Sebba.

É tanto que eu me lembro de uma moça que eu namorei na época do Lyceu, eu estudava no Lyceu e fazia Rádio Brasil Central. Então moleque naquela época, eu comecei com 19 anos. Ela chamava Suzana, não sei nem o que foi feito dela. Era uma coleguinha muito bonita, mas era filha de um desembargador aí. Aí ele falou “Não, ele trabalha em rádio, você não vai mexer com isso não”. (Entrevista 07)

Do outro lado, as mulheres que trabalhavam em rádio, sobretudo no período noturno, eram vítimas de crises de ciúmes de seus esposos ou namorados. Algumas chegaram a largar o rádio por imposição da família, sobretudo do marido.

Na época não havia escola de comunicação, e aqueles que se enveredaram pelos caminhos do rádio foram verdadeiros desbravadores e autodidatas. Uma experiência que estava dando certo era ouvida e na medida do possível copiada ou adaptada no estado de Goiás. O rádio goiano e especialmente a Brasil Central foi feito por mineiros, em especial aqueles vindos de Uberlândia e do triângulo mineiro.

3 - Difusora evangelizando e ao lado do povo

Ela não nasceu uma emissora católica. Existia na Praça Joaquim Lúcio um serviço de auto falante, chamado “Auto Falante Marisa” pertencente aos irmãos Ivo Sassi e Emílio Sassi. As caixas de som eram espalhadas por toda a praça, transmitindo para os freqüentadores, sobretudo namorados, recados, músicas e informação. Sempre existiu a intenção de fazer do serviço de auto falante uma emissora regular que pudesse ser sintonizada em casa de qualquer aparelho.

A partir do serviço de Auto Falante Marisa, Paulo de Castro e seu sobrinho Omar Barbosa, fundaram no dia 24 de maio de 1957 a Rádio Difusora de Campinas, com uma potência de apenas 250 watts, tanto que as pessoas costumavam dizer que a rádio falava para toda a Praça Joaquim Lúcio e cochichava para Trindade.

Um dos fundadores da emissora, Paulo de Castro, morava em Uberlândia onde possuía uma concessão de rádio, tendo contato com o processo de montagem de uma emissora. Posteriormente montou outra rádio em Rio Verde. A facilidade na montagem das emissoras se deve também ao fato dele ser proprietário de uma loja de produtos eletrônicos. Todas as emissoras foram vendidas pouco tempo após serem inauguradas. Basicamente a rádio era montada e estruturada e vendida cerca de dois anos após.

Nomes como Paulo de Castro, Deli Azevedo, Luís Gonzaga, Ivon Goulart, Jerônimo Rodrigues, Claudino Silveira e outros foram os primeiros a passar pelos microfones da Rádio Difusora de Campinas.

No ano de 1958 a emissora foi adquirida pela Arquidiocese de Goiânia, na pessoa do arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos, passando a se chamar Rádio Difusora de Goiânia. Na época o então pároco da matriz de Campinas, padre Nelson Antonini, foi quem intermediou e achou por bem adquirir a emissora. O objetivo da aquisição da emissora era divulgar o Movimento de Educação de Base, criado pelo então arcebispo de Natal, Dom Eugênio Sales. Nos três anos seguintes após a aquisição da emissora pela Igreja Católica, a potência de apenas 250 watts foi mantida, havendo sempre o desejo de que esta fosse ampliada. Foi então adquirido um transmissor de 10 quilowatts.

De um quarto de quilowatt passou para 10 quilowatts. Devido ao alcance restrito da emissora, neste período praticamente não se recebia cartas, o que veio a mudar com o passar dos tempos.

O primeiro diretor foi o padre Nelson Antonini, paulista da cidade de Monte Alto e ordenado redentorista na cidade de Tietê. O segundo José Luís Bittencourt, que também foi o primeiro e único diretor que não era padre ou religioso, depois da venda para a Arquidiocese de Goiânia. Finalmente, assume a direção padre Jesus Flores, que permaneceu durante 23 anos à frente da emissora.

Em 1971 a rádio foi vendida para a Vice-Província Redentorista de Brasília e no ano de 1972 foi transformada em Fundação Padre Pelágio. Na mesma ocasião a rádio que funcionava na Praça Joaquim Lúcio, onde hoje funciona um prédio da Igreja Universal do Reino de Deus, foi transferida para sua atual sede, uma casa também na Praça, especialmente adaptada para abrigar a rádio.

Em meados dos anos 90 a Difusora começou a apresentar o “Jornal Brasil Hoje”, atualmente transmitido para mais de cem emissoras espalhadas pelo Brasil. Foi a partir desta experiência que surgiu a Rede Católica de Rádio, juntamente com a Rádio Aparecida, da cidade de Aparecida do Norte, em São Paulo, Rádio América de São Paulo e de Belo Horizonte e Rádio Católica do Paraná. Mais tarde vieram as rádios dos padres capuchinhos e da Milícia da Imaculada em São Paulo.

A Difusora é caracterizada como uma rádio eminentemente católica. No entanto, não possui 24 horas de programação católica. Os programas religiosos estão inseridos ao longo de toda a programação, o que o atual diretor da emissora, padre Rafael Vieira Silva chama de evangelização encarnada, ou seja, é possível evangelizar no jornalismo, no programa musical, enfim. Nos dias atuais é considerada como a mais importante emissora católica goiana. Não teve a experiência de realizar programas de auditório e realizou algumas poucas rádionovelas, entretanto na década de 80, se posicionou claramente ao lado das pessoas de maior necessidade. Na ocasião Goiânia vivia um grande surto de expansão urbana e inúmeras ocupações surgiram em toda a cidade que mais tarde se transformaram em bairros da capital.

Atualmente a emissora se diz líder de audiência no segmento AM. Sua programação mescla jornalismo, participação popular em entrevistas realizadas na rua ou

pelo telefone, programas musicais e programas religiosos. A potência do seu transmissor é de 50 mil watts espalhando seu sinal inclusive para cidades mais distantes de Goiânia, como São Luís dos Montes Belos. Como toda a rádio goianienses, possui equipe, sobretudo de jornalismo bastante enxuta. Retransmite e transmite programas em rede nacional.

Durante muito tempo a Rádio Difusora chefiou a Rede Católica de Rádio, cargo que mais tarde foi entregue a Rádio Aparecida. Alguns programas são terceirizados, inclusive jornalísticos.

3.1 - Programas

O programa que estreou a rádio foi “Sua Música Favorita”. Tratava-se de um pedido musical, que era atendido. O primeiro programa musical sertanejo foi o “Alma Sertaneja” apresentado no amanhecer. Na década de 60 surge o “Mourão da Porteira”, apresentado no final do dia. Um técnico de São Paulo contratado para estudar o desenvolvimento da rádio, achou por bem acabar com o “Alma Sertaneja” e no lugar dele o “Mourão da Porteira” passaria a ser apresentado no amanhecer e no entardecer. Mais tarde o jornalismo ocupou o espaço do “Mourão da Porteira”, restando a ele o espaço entre as 5 horas da manhã até as sete horas. O programa, apresentado por Claudino Silveira até os dias atuais serviu de grande instrumento de comunicação entre as fazendas do interior e a capital.

Todo o interior de Goiás, como não tinha então meio de comunicação, o “Mourão da Porteira” era a agenda nacional de mandar notícia, dar recado, aqueles recadinhos de doença, de buscar no ponto, de mandar o animal no ponto. A pessoa foi operada, mãe deu à luz, a criança passa bem. Então marcou muito.

Tinha dia de eu mandar 150 avisos em uma hora de programa.
(Entrevista 02)

A base da programação musical da Difusora foi o sertanejo, entretanto programas de variedades e outros tipos de músicas marcaram época. Em uma época de grande efervescência de mexicanos no Brasil, a rádio apresentava o programa “O México e Seus Ritmos”. Naquele tempo os horários eram comparados e foi assim que surgiu o “A Sorte é Sua”, com Darci de Souza, programa com grande participação do ouvinte e sorteio de prêmios. Cada dia era realizado em um ponto diferente da cidade. Adalfin das Vêia apresentou o “Onde a Lua Clareia”.

Por ser uma emissora ligada a Igreja Católica, todos os anos a Difusora transmitia a novena em honra ao Divino Pai Eterno, em Trindade. Há 48 anos, ou seja, desde a sua fundação, todos os anos é transmitida a festa em Trindade. No princípio não era ao vivo. As informações eram gravadas e então levadas rapidamente para a sede. No final da década de 50 a transmissão era feita por meio de uma linha que ia de encontro a rede, o que possibilitou falar direto de Trindade.

O quadro abaixo mostra a grade de programação da emissora no ano de 2003.

Horário	Apresentador	Tipo de Programa
0h às 5h	RCR	Milícia da Imaculada
5h às 5h55	Claudino Silveira	No Mourão da Porteira
5h55 às 6h30	Oração da Manhã	Padre Éverson
6h30 às 6h49	Claudino Silveira	No Mourão da Porteira
6h50 às 6h54	Caminhos da Solidariedade	Cáritas Brasileira
7h às 7h30	Jornal Brasil Hoje (edição nacional)	Geraldo e Sueli
7h às 7h55	Jornal Brasil Hoje (edição regional)	Geraldo e Sueli
8h às 8h55	Jornal Brasil Hoje (edição local)	Adolfo Campos
9h às 10h	Programa Pe. Marcelo Rossi	Padre Marcelo Rossi
10h às 12h	Programa Humberto Aidar	Humberto Aidar
12h às 14h	Esporte – A grande jogada	Equipe Show de Bola

14h às 14h55	Tarde Premiada Difusora	Eduardo Ferreira
15h às 15h15	Caminhos da Solidariedade	Cáritas Brasileira
15h15 às 15h55	Tarde Premiada Difusora	Eduardo Ferreira
16h às 17h54	Radio Livre	Sueli Ramos
18h às 18h55	Jornal dos Esportes	Equipe Show de Bola
20h às 22h	Novena, transmissão esportiva ou programa religioso.	Diversos
22h às 0h	Milícia da imaculada	Rádio Mauá

Fonte: Revista da Arquidiocese 2003 – número 3 – Goiânia - GO

Experiências com radio novelas foram poucas. Participaram desta época Dalva de Oliveira, Taufic Sebba, Willian Luís e outros nomes. Como as rádonovelas feitas em outras emissoras era tudo bastante rudimentar. Com o falecimento do presidente norte americano John Kennedy, José Carlos Maltes quis fazer uma pequena novela sobre a história da morte do presidente. Havia grande curiosidade internacional em saber quem havia matado o chefe do executivo. A trama aos poucos foi se encaminhando para outros lados e três meses depois da estréia a novela acabou.

3.2 - Jornalismo

Grandes nomes do jornalismo goiano passaram pelos estúdios da Difusora. Destacam-se Jorge Abrão, Eva de Castro, Antônio Gregório, Taufic Sebba, dentre outros. O programa jornalístico que marcou época foi o “Jornal Falado Difusora”, apresentado as nove horas da noite. Naquele tempo eram três emissoras de rádio em Goiânia, cada qual com seu jornal. A Rádio Clube com o “Informativo Folha de Goyaz”, a Rádio Brasil Central com “O Mundo Em Sua Casa” e a Rádio Difusora com o “Jornal Falado Difusora”. Com o advento da televisão alguns destes programas jornalísticos foram remanejados para a manhã, outros mudaram de nome e outros deixaram de existir. Além do “Jornal Falado Difusora” eram realizados durante o dia, informativos de cinco minutos a cada hora.

Na época da ditadura militar o jornalismo Difusora ficou bastante conhecido, caracterizando-se por um jornalismo combativo e ao lado dos movimentos sociais. Na década de 90, a produção jornalística local é dividida com a produção transmitida via satélite.

3.3 - O apresentador e o ouvinte

No tempo em que não havia programas de computador que automatizam as emissoras de rádio, praticamente tudo era ao vivo. O locutor trabalhava em conjunto com o operador de som, responsável pela parte técnica do programa. O trabalho era grande. As propagandas eram gravadas no acetato sendo necessária muita destreza para colocar a agulha no momento certo e soltar a propaganda. O trabalho era todo manual e em geral o operador trabalhava em pé.

Com os novos transmissores instalados poucos anos após a venda da emissora para a Igreja Católica, a emissora passou a ter um raio de alcance de 300 quilômetros. A participação do público era por carta. Alguns programas como o “Mourão da Porteira” chegavam a receber até 200 correspondências por dia. Eram cartas pedindo para registrar aniversário, pedindo música, mandando recado, agradecendo, de tudo um pouco. A participação por telefone também era comum. Com a instalação de emissoras de rádio locais nas cidades atendidas pela Difusora, naturalmente o morador passa a ouvir a rádio de sua cidade, o que ocasionou uma queda nos níveis de audiência e participação, aliado a evolução natural dos veículos de comunicação no Brasil. Restou a rádio, concentrar sua programação, sobretudo na música, mandando e oferecendo canções para seus ouvintes.

Os locutores chegavam a ser tão queridos e admirados por seus serviços que muitos deles chegaram a conquistar o título de cidadão em cidades vizinhas. Épocas aquelas em que as pessoas esperavam para comemorar o aniversário de nascimento de algum ente querido, junto com o Mourão da Porteira.

Interessante que eu fazia o programa, por exemplo, Nova Veneza, havia um aniversário lá. Eu então mandava o abraço de

aniversário. Eu colocava a música e dedicava para o Fulano de Tal lá em Nova Veneza, que era aniversariante de hoje. O povo estava em volta da mesa esperando para cantar parabéns junto. Isso aí aconteceu que depois eu, por exemplo, eu noticieei o nascimento do menino, depois eu noticieei o casamento desse menino. E até hoje eles se comunicam com o a gente. (Entrevista 02)

4 - Do musical sertanejo ao jornalismo 24 horas

A Rádio Anhanguera nasce dentro de um grande grupo de comunicação da região centro-oeste, a Organização Jaime Câmara. A Rádio Anhanguera em ondas médias, ZYH 756 em 1230 kHz e a Rádio Anhanguera em ondas tropicais, ZYF 691 em 4.915 kHz, faixa de 62 metros, oficialmente começou a operar em 8 de outubro de 1954, com apenas

1 quilowatt de potência. Em 13 de maio de 1955 era assinado o decreto nº. 37.338 que oficializava em caráter definitivo a concessão. Ela foi a primeira emissora da Organização Jaime Câmara, que na época possuía a histórica gráfica onde tudo começou e o jornal “O Popular”.

Sua primeira sede foi em um prédio na Avenida Goiás, sendo dirigida no princípio por Francisco Ludovico de Almeida e Francisco Durval Veiga nos primeiros anos, além da família Câmara. A emissora possuía programação bastante diversificada com rádio novelas, programas musicais, jornalismo e participação popular, chegando a realizar também programas de auditório.

O nome da emissora faz referência ao bandeirante Bartolomeu Dias Bueno, chamado pelos índios Goyazes de Anhanguera, por atear fogo em um prato com cachaça, o que fez os nativos pensarem que o explorador estivesse ateando fogo em água.

Em novembro de 1988 foi lançado o AM estéreo, o que não representou grande diferença na recepção do sinal, já que não havia muitos aparelhos capazes de sintonizar o AM estéreo. Em 1990 era lançada a onda curta de 25 metros com transmissor de 5 mil watts e onda curta de 49 metros e transmissor de 10 mil watts.

A onda tropical em funcionamento desde o princípio veiculava uma programação diferenciada da onda média, basicamente sertaneja e ouvida em todo o país. Também contava em sua grade com programas religiosos.

A segunda emissora com o nome Anhanguera, entra no ar em 1988, na cidade de Porto Nacional no recém criado estado do Tocantins. Possuía o prefixo ZYH 785 em 610 kHz e potência de 1 quilowatt, o que permitia um raio de cobertura de até 70 quilômetros. Funcionava das cinco da manhã à meia noite. Depois vieram outras tantas emissoras de rádio e televisão com as denominações Anhanguera e Araguaia, no estado de Goiás e Tocantins.

A emissora tem em sua história um divisor de águas. Até 1994 era uma rádio popular, destacando, sobretudo músicas sertanejas que ocupavam grande parte da programação. Em 18 de outubro de 1994 passa a integrar a Central Brasileira de Notícias, idéia original do Sistema Globo de Rádio, inspirada em rádios estrangeiras que tocam notícia 24 horas por dia. Em princípio 11 horas da grade de programação estavam

reservadas a programas locais e outras 7 horas dedicadas ao noticiário nacional e internacional, totalizando 18 horas de programação jornalística por dia.

Atualmente a Rádio, hoje chamada de CBN Anhanguera, praticamente não tem produção local. Tocando notícia durante todo o dia, a emissora se vale de programas transmitidos pela CBN nacional e pelo Sistema Globo de Rádio. O radiojornalismo local está restrito a um pequeno programa local, produzido e apresentado por uma equipe bastante restrita. No horário do almoço é veiculado programa esportivo local. Das radionovelas, programas musicais e outros restaram poucos arquivos e, sobretudo recortes de jornais.

4.1 - Os programas, rádio novelas e o ouvinte.

Nomes conhecidos do rádio goiano fizeram radionovelas na Anhanguera. Sílvio Medeiros, que na ocasião trabalhava na Rádio Brasil Central recebeu uma das maiores propostas já vistas no rádio goiano para trabalhar na Rádio Anhanguera. Dentre os muitos que fizeram programas de auditório ou rádio novelas estão os nomes de Cleuza Jaques, Dalva de Oliveira, Taufic Sebba, dentre outros.

A loja de eletrodomésticos General Novilar, situada na Avenida Anhanguera, patrocinava um programa de animação na emissora. O programa era apresentado por Fued Nacif com sorteio de brindes e contato direto entre apresentador e público. Roberto Ferreira e Célen Domingos também fizeram programas de auditório.

Na década de 60, as radionovelas da Anhanguera, faziam grande sucesso. As dificuldades em se fazer uma novela para o rádio eram inúmeras e nem sempre tudo acontecia como planejado, de acordo com o depoimento de Cleuza Jaques.

Por exemplo, estava lá no roteiro para se fazer uma determinada coisa. Aí como eu estava falando, como era tudo assim muito precário, falhava alguma coisa, aí pronto. Como por exemplo, deixa eu contar uma história aqui curtinha para você. Numa das cenas lá o cara chegou e estava muito irado e ia matar o sujeito

com um tiro. “Eu vou te matar agora, vou te matar com um tiro no meio da testa” E então ele fez o gesto de atirar, mas a sonoplastia não ajudou lá, falhou e o tiro não saiu. Aí ele ficou falando: “Não, dessa vez eu vou te matar mesmo” Aí também não saiu o tiro. “Quer saber, eu vou te matar é de faca mesmo”. (Entrevista 01)

Os programas contavam com fatos de interesse público, dicas, prestação de serviços e músicas. Era um rádio mais conversado, mais “ao pé do ouvido”, mais próximo. O retorno era excelente. Os ouvintes ligavam expressando sua opinião e volta e meia queriam conhecer esse ou aquele ator ao vivo. Por algum tempo as rádionovelas eram feitas ao vivo e depois passaram a serem gravadas no sábado e depois veiculadas durante a semana.

Em 1986, com o advento da televisão, 90 por cento da programação era musical. Programas populares como o “A Força do Povo” de caráter informativo esteve 12 anos no ar, encerrando sua história na Anhanguera em 1994. Outro programa foi o “Show dos Bairros”.

O sertanejo era destaque com o “Manhã Sertaneja”, nos moldes de outros programas existentes em outras emissoras. Nas ondas tropicais, tipicamente sertaneja, se destacaram “Quando Canta o Sabiá”, “O Som do Berrante”, “Padrão Sertanejo” e “Som Rural”. Nos finais de semana o espaço era para o programa “Sertão em Festa”. As ondas tropicais abriam espaço também para a programação religiosa com os programas “A Hora Milagrosa” da Igreja Apostólica de São Paulo, “Programa Boa Vontade”, da LBV e “Fé Para Vencer”, pertencente a igreja Evangélica Cristã.

Na década de 60, a captação de notícias dava-se por meio do telégrafo, rádio escuta das principais emissoras do país. Tempos mais tarde o ponto forte eram os noticiários locais, com flashes ao vivo. Na década de 70 o programa “A Sorte é Sua”, que já foi apresentado em outras emissoras, era apresentado em diversos pontos da cidade.

A partir da década de 80 tem início com maior força a distribuição de prêmios, com os programas “Quem é Bom”, “Loto Show” e “Você é Quem Manda”, baseados em perguntas, respostas e prêmios para a resposta certa.

O programa “A Força do Povo”, entra no ar em 04 de novembro de 1985 fazendo forte concorrência com a Rádio Difusora. Trazia informações, denúncia, cotações de

preços, fatos policiais, troca-troca e plantão direto da Praça Cívica, a partir das 11 horas, com participação do ouvinte ao vivo.

Em janeiro de 1981 era lançado o departamento de esportes na tentativa de conquistar esse filão de mercado, o ouvinte esportivo.

5 - De mais carismática a totalmente evangélica

Pelo decreto número 926 de 27 de abril de 1962 surgia em Goiânia a Rádio Riviera Ltda. Surgiu com um transmissor potente, que alcançava um raio de 300 quilômetros. Assumidamente popular e já vivenciando uma época de mudança no rádio goiano, a emissora optou por privilegiar os programas no estilo revista, o jornalismo e o entretenimento.

40 Tempos mais tarde era feita a sociedade com a Rádio Terra o que reforçava ainda mais o estilo popular da emissora. Entre as décadas de 70 e 80 esteve por várias vezes como líder em audiência no segmento AM. Era um tempo em que a televisão já havia conquistado o seu espaço e rádio tentava trazer os antigos ouvintes, que antes ouviam rádionovelas e programas de auditório, através da participação e sorteio de brindes.

Nomes famosos e que hoje ainda são destaque como Sandes Júnior, por exemplo, passaram pelos microfones da Riviera. Outro programa de sucesso era apresentado por Dalva de Oliveira e se chamava “Eu e a Madrugada”. Por ela passaram ainda João Sobreira, Sílvio José e outros mais.

Entretanto praticamente nada foi possível encontrar sobre a história da Riviera, Aqueles que trabalharam lá falam muito pouco a respeito da emissora, talvez com um tom de revolta ou saudosismo. Quanto aos arquivos absolutamente nada, nem documental, nem em áudio existe.

A Rádio Riviera que antes prestava serviço de Bolsa de Emprego, com uma pequena tenda no centro, na Avenida Goiás e que buscava ouvir e ajudar seu ouvinte teve uma mudança tremendamente radical em 1992, quando a Igreja Universal do Reino de Deus, adquiriu a emissora.

Da programação popular, os ouvintes tiveram que se adaptar de um dia para o outro com uma programação totalmente evangélica, com finalidade de utilizar as ondas do rádio para a propagação e difusão da fé cristã. O 540 AM não eram mais o mesmos. A sociedade com a Rádio Terra foi desfeita.

Restaram da história da Riviera apenas ouvintes que sentem saudades de ouvir a emissora de outros tempos. Pensar a Rádio Riviera seria mais ou menos, guardadas as devidas, uma emissora semelhante a atual Rádio Terra FM.

Infelizmente a memória não foi preservada e de acordo com os dirigentes atuais, restaram apenas documentos obrigatórios e trabalhistas. Tudo foi incinerado. O precioso arquivo musical não atendia mais aos anseios de uma programação evangélica e por isso foi desfeito.

Situação irreversível esta, resta apenas saber que a Riviera serviu como grande começo e vitrine para outras tantas rádios e para outros tantos profissionais. E pouco se sabe a respeito desta emissora.

Posteriormente a Riviera vieram novas emissoras, como Rádio Jornal de Goiás, em 1964, Rádio Universitária em 1965, Rádio Universal em 1966 e por aí vai.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar a história do rádio é o mesmo que pesquisar a história de uma cidade, de um povo, de uma época, porque o rádio e os veículos de comunicação mais do que nunca viveram e falaram desta época, atendendo a seus interesses e aos interesses de seu público.

Goiânia e os estado de Goiás foram até a construção de Brasília o centro das atenções da região centro-oeste. Da mesma forma o rádio serviu por muitos anos aos interiores, aos recados, ao homem da cidade e do campo. Em um determinado tempo a

família se reunia à noite na sala em redor daquele imenso móvel que nem de longe lembra os minúsculos rádios de hoje, para ouvir sua rádionovela e em outra ocasião ligava o rádio logo pela manhã para ouvir os recados e se interar dos fatos do dia.

Desde os tempos antigos buscou os interesses dos ouvintes, mas acima destes estava, na maioria das vezes, os interesses dos proprietários. A maioria das emissoras estava como está até hoje, nas mãos de grupos ligados a política ou mesmo políticos. No princípio era necessário dinheiro e uma boa dose de coragem para se enveredar por um território quase desconhecido, mas que fascinava muitas pessoas.

O rádio goianiense foi feito de desbravadores, assim como foram aqueles primeiros homens que no tempo do império pisaram no desconhecido território goiano. Havia apenas a referência das rádios Nacional e Tupi.

Interessante notar que devido ao isolamento da região, o rádio chega praticamente dez anos após a construção de Goiânia. O rádio aqui como a própria imprensa no Brasil chegou tarde, somente em 1943, época em que a Rádio Nacional já fazia sucesso com seus programas de auditório, sua orquestra e seus atores do rádio.

A grande cartada em qualquer veículo de comunicação é adequar sua linguagem ao tipo de público que pretende atingir. Aliás, esse é um fator preponderante em qualquer atividade, conhecer quem é seu público alvo. Mikhail Bakhtin em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1981:113) afirma que a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação.

No depoimento dos entrevistados, aqueles primeiros tempos foram de um rádio gratificante, sinal de que o trabalho estava sendo cumprido. Apesar das dificuldades e dos baixos salários, o locutor era quase um membro da família, um agregado.

Daquele tempo para cá muita coisa mudou. O rádio não morreu, mas teve que se adaptar aos novos tempos e buscar uma maneira de sobreviver. Veio a FM que em Goiânia já começou imprimindo o caráter musical da nova frequência que perdura até hoje. O público de FM é um público tipicamente musical.

O rádio AM com a televisão não precisava mais fazer rádio novelas e programas de auditório. Veio a época das músicas e dos prêmios e hoje, praticamente todas as emissoras AM de Goiânia, optaram pelo esporte em especial o futebol, ou pela programação

religiosa em especial evangélica. Até mesmo aquelas que conservaram seu estilo arrendam espaços em sua programação para estes dois estilos tão diferentes. É quase certo: Futebol na hora do almoço e no entardecer e programação religiosa noturna.

Falta em Goiânia uma programação noturna de qualidade como era aquela feita nos tempos de Dalva de Oliveira. Um rádio que servisse de companhia e que desse prazer em desligar a televisão e ouvir aquele ou esse programa. Claro, a televisão devido à correria de hoje fascina é mais fácil. Como se refere o professor José Marques de Melo, trata-se de um anestésico social.

O rádio, entretanto continua sendo o que chega mais rápido e no momento do fato. A televisão precisa de um aparato enorme de equipamentos para transmitir ao vivo e o impresso não pode fazer coberturas ao vivo. Com o rádio ligado é possível fazer inúmeras coisas. Como dizia um antigo slogan da Rádio CBN, “se você não tem tempo de ver notícia, ouça”. Sem contar que o custo para aquisição de um aparelho de rádio e mesmo para a montagem de uma estação é bem menor se comparado a outras mídias.

O progresso e os avanços tecnológicos no rádio eliminaram muitos profissionais. Hoje em dia com apenas um computador e um transmissor é possível montar uma rádio. Programas de computador automatizam a rádio, não exigindo a presença de ninguém durante o período em que estiver no ar, chegando até a falar a hora certa e de certo modo tentando enganar o ouvinte.

Um fato curioso é que praticamente todos os pioneiros do rádio que viveram as décadas de 40 a 60, não ouvem rádio mais. Afinal a mudança daqueles tempos para cá foi imensa e de certo modo imposta pelo progresso ou por interesses sabe se lá de quem. Aqueles eram tempos em que atrás de um locutor existia um operador de som e uma grande equipe de produção, que escrevia textos, trazia notícias, informações sobre cantores e dicas. Isso praticamente foi eliminado. São raras as emissoras de rádio que possuem um departamento de produção.

Especialmente em Goiás, a ordem é baixar custos. Não existe grande importância com a qualidade. O importante é pagar pouco. Isso se reflete em qualidade. O rádio caiu muito em qualidade. É um absurdo rádios praticamente fecharem nos finais de semana para dar espaço a uma programação fria e gravada.

Soluções para este problema passam principalmente pela profissionalização do rádio e pela abertura de novos canais que atendessem a comunidade e não a grupos ligados a políticos ou religiosos. Existem muitos despreparados e leigos fazendo rádio pelo Brasil afora. Depois de alcançado esse padrão de excelência é necessário cativar o ouvinte novamente, trazê-lo de novo para a audiência. E a partir daí trabalhar música, informação e emoção, pois o rádio é o veículo da emoção, da pulsação.

O futuro talvez não seja muito diferente do que estamos vendo ou quem sabe, será muito diferente. Hoje se ouve rádio pela internet. No dia em que a informática e a internet forem acessíveis a todos, as ondas curtas deixarão de existir, como acontece um pouco hoje com as ondas tropicais. Não se fabricam mais aparelhos que contenham a faixa de ondas tropicais. Fala-se em radiodifusão digital, o que representaria a melhoria na qualidade do som recebido, mas resta saber se este aparelho capaz de sintonizar uma emissora AM com qualidade estará acessível.

Enfim, tentando acompanhar o progresso e o fascínio exercido por outras mídias o rádio sobrevive e ainda ocupa lugar de destaque entre os veículos de comunicação, chegando aos quatro cantos do Brasil e por que não dizer do planeta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARA, Jaime – *Os tempos da mudança*. Goiânia, Editora O Popular, 1979.

JUNIOR, Oscar Sabino – *Goiânia Global*. Goiânia, Editora Oriente, 1980.

MONTEIRO Ofélia Sócrates do Nascimento – *Goiáz, coração do Brasil*. Brasília, Editora Senado Federal, 1983.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana – *A informação no rádio*. São Paulo, Editora Summus, 1985.

HAUSSEN, Doris Fagundes – *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. Porto Alegre, Editora Edipucrs, 2001.

BORGES, Rosana Maria Ribeiro – *A pedagogia Bonaesperense: Um estudo de caso da fazenda-escola Bona Espero*. Goiânia, Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Educação da UFG, 2000.

BAKHTIN, Mikhail – *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Editora SC, 1981.

ANEXOS

ENTREVISTA 01

ENTREVISTADA: CLEUZA JACQUES

DATA: 14 DE SETEMBRO DE 2005.

(Entrevista realizada nos estúdios da RBC FM durante a apresentação do Programa Instrumental 90,1 que vai ao ar de segunda à sexta-feira, às 18 horas).

Fábio Gaio: Eu queria assim que a senhora falasse, como é que foi o seu começo no rádio. Como é que era essa experiência de fazer rádio naquela época?

Cleuza Jaques: Olha, a minha experiência de rádio é assim, começou de uma forma assim muito interessante. No meu modo de pensar foi de um jeito interessante porque eu não entendia nada de rádio, eu nunca tinha feito nada em rádio e só por ter ouvido falar na rádio que estavam precisando de pessoas para fazerem teste para locutor, para rádio-atriz. Eu, toda vida tinha assim aquela vontade, né, ouvia no rádio achava bonito, me interessava por aquele trabalho, não é? Então foi quando eu resolvi ir até, foi naquele tempo Rádio Anhanguera, fui até lá e dei o meu nome e depois no dia marcado eu fui fazer o teste. Não passei no primeiro teste (risos), claro não tinha a menor experiência. Mas depois de um certo tempo eu consegui ficar por lá.

FG: Em que ano foi isso?

CJ: 62.

FG: E como é que era fazer rádio naquela época? Era difícil?

CJ: Era difícil. Era bem mais difícil do que é hoje.

FG: Por quê?

CJ: A gente fazia naquela época programas realmente recheados de todas as coisas que são do interesse público, sabe? Eram programas difíceis, mas a gente fazia assim com o maior bom gosto, a gente gostava de trabalhar, gostava do que fazia. Também tinha um resultado muito bom também.

FG: Como é que eram esses programas?

CJ: Olha, a gente falava para o público masculino, para o público feminino, dava dicas, né, saúde é... de tudo assim relacionado ao público eram abordados num programa só.

FG: É mais ou menos igual um pouco a AM hoje?

CJ: Sim. Um pouco como a AM. Um pouco assim, é... (pausa)

FG: Uma coisa mais conversada, menos musical.

CJ: Mais conversada e com mais pessoas participando, você entendeu? Várias pessoas participavam do mesmo programa.

FG: A senhora falou desse negócio de rádio-atriz, como é que funcionava isso aqui em Goiânia?

CJ: Ah, rádio atriz que no nosso tempo era assim...

FG: Era uma novela de rádio?

CJ: Era uma novela de rádio e não tinham os recursos que tem hoje. Então era assim, uma coisa um pouco improvisada, no sentido dos ruídos que tinham que serem feitos, nas novelas, então, mas no final (risos), tudo acabava bem.

FG: Na Rádio Anhanguera?

CJ: Na Rádio Anhanguera onde eu comecei, mas depois eu fiz também rádio teatro na Rádio Clube por um período muito curto, porque meu período de rádio, de locutora e de rádio-atriz foi realmente na Rádio Brasil Central.

FG: E a questão assim desses programas de radio novelas, como é que era a aceitação, porque será que eles acabaram?

CJ: Olha, isso é uma coisa que a gente lamenta até hoje. Eu considero para mim o melhor trabalho que eu já fiz as radio novelas né? E acredito que muitos dos colegas que a gente trabalhou, perdeu contato, outros já morreram, mas os poucos que ainda existem, a gente sabe por eles através deles que foi realmente uma época gratificante, um trabalho gratificante no rádio. Tinha um retorno assim excelente, as pessoas ligavam, as pessoas vinham nos conhecer pessoalmente, tinham aquela curiosidade de conhecer aquele ator ou aquela rádio-atriz. Então era uma coisa assim espetacular, eu gostava muito desse trabalho que a gente fazia e lamentei bastante que tivesse acabado naquela época e nunca mais voltou. Até hoje não se falou mais em rádio novela.

FG: Se a senhora fosse analisar a trajetória do rádio, desde lá quando a senhora começou, a senhora acha que melhorou, piorou..?

CJ: Não, num aspecto melhorou. Com eu te falei hoje a gente tem, o rádio hoje é moderno a gente conta com todo o recurso que na época a gente não tinha. É claro que com certeza, melhorou muito em muitos ângulos.

CJ: Tinha muitos problemas com aparelhagem antigamente?

CJ: Tinha muito...

FG: Que hoje a gente vê tudo assim...

CJ: Com a maior facilidade, com a maior facilidade. Naquele tempo tudo era muito mais difícil, muito mais difícil. É para você ter uma idéia as novelas eram feitas assim, ainda no tempo do vinil, né, às vezes emperrava lá para soltar um fundo musical.

FG: E era ao vivo?

CJ: Um período nos fizemos ao vivo, depois no passamos a gravar as novelas todas que iam ao ar durante a semana no sábado. A gente ficava por conta de gravar essas novelas e aí durante a semana quem fazia a locução como eu, ficava no trabalho de locução e quem não tinha, ficava assim num mar de rosas (risos) esperando todos os sábados para gravar novamente.

FG: Então quer dizer que nisso o rádio, mesmo com essas melhorias todas ele pode ter perdido alguma coisa, a questão do ouvinte, a questão da emoção mesmo, porque eu acho que o rádio está muito musical.

CJ: Eu acredito que sim, eu acredito que sim, sabe. Naquele tempo, a gente falava coisas e eles ouviam também as novelas e atingia direto, diretamente a eles que tinha aquela coisa de emoção, mesmo de curiosidade né, acerca de coisas que eles só tinham alcance pelo rádio. Depois é que veio a televisão, né, e aí já ouve essa separação, né. O pessoal já ficou entusiasmado com a televisão, eles até deixaram um pouco o rádio de lado. Mas, sob todos os pontos de vista, o nosso rádio daquela época, foi um rádio assim...

FG: A senhora acha que sente saudade, deixa saudade aquela época?

CJ: Deixou muita saudade. Eu sinto muita saudade daquele trabalho que a gente fazia naquela época. Muita saudade mesmo.

FG: Se a senhora fosse comparar a forma como é feito o rádio, como foi e como é feito o rádio em Goiás e em outros lugares, a senhora acha que nos temos qualidade?

CJ: Claro que sim. A sim, claro que sim, eu acho que hoje o rádio, a televisão, está muito atento para os problemas sociais, com os problemas de um modo geral do povo. Os interesses do povo eu acho que tem sido assim muito falado, muito divulgado. Então eu acho que é isso que o povo quer. O povo quer ser lembrado de todas as formas e isso o nosso rádio e a televisão têm conseguido fazer. Todas as classes, faixas etárias, então eu acho que o nosso rádio hoje está bem, é muito importante para a população de um modo geral. Eu acho que tem muita influência e agrada muito hoje também.

FG: E senhora acha que, bom, o rádio hoje com o advento da televisão, da internet, tenha ficado um pouco esquecido, não sei. Como é que a senhora vê isso?

CJ: Olha, eu acho assim...

FG: Ou a senhora acha que não, que ele não está esquecido, que ele sempre vai...

CJ: Eu acho assim... Não é o rádio hoje tão ouvido como naquela época.

FG: Teve a época de ouro, a década de 40.

CJ: Exato, exato. Teve aquela época de ouro mesmo.

FG: Da Rádio Nacional...

CJ: Mas eu acho que ainda tem muita gente que ainda gosta muito de rádio.

FG: Com certeza.

CJ: As pessoas que moram longe, nos interiores, essas pessoas são muito ligadas a programas de rádio, a música sertaneja, né. Nós temos vários programas sertanejos e eu acho que isso agrada muito ao pessoal no interior aí que gosta, que curte muito ainda o rádio.

FG: A senhora tem assim algum programa de sucesso, algo assim que marcou que a senhora fez parte ou algum fato inusitado...?

CJ: (pequena pausa) Olha, fatos inusitados nós tivemos vários (risos). Principalmente nas rádio novelas, durante as gravações das rádio novelas aconteciam cada coisa assim.

FG: O que, por exemplo?

CJ: Coisas engraçadas (risos). Por exemplo, estava lá no roteiro para se fazer uma determinada coisa. Aí como eu estava te falando, como era tudo assim muito precário, falhava alguma coisa, aí pronto. Como por exemplo, deixa uma contar uma história aqui curtinha para você. Numa das cenas lá o cara chegou e estava muito irado e ia matar o sujeito com um tiro. “Eu vou te matar agora, vou te dar um tiro no meio da sua testa”! E então ele fez o gesto de atirar, mas a sonoplastia não ajudou lá, falhou e o tiro não saiu. Aí ele ficou falando: “Não, dessa vez eu vou te matar mesmo!”.

FG: (risos)

CJ: Aí também não saiu o tiro. “Quer saber, eu vou te matar é de faca mesmo” (risos).

FG: (risos) Nossa que interessante!

CJ: Isso entre outras coisas. Isso pronto, a gente ria demais. Foi assim um tempo muito gratificante, muito mesmo.

FG: E tem algum programa assim que a senhora fez que merecesse assim mais destaque, além das novelas?

CJ: Fiz uma programação com Sílvio Medeiros, Norma de Alencar, esposa dele. Aliás, na época que eu estava começando em rádio. Então esse programa que como eu já disse para você agora a pouco, era um programa que abrangia todos os aspectos, todas as classes.

FG: E como era o nome desse programa?

CJ: Não me lembro. Não consigo me lembrar agora. Sei que eu fazia esse programa. Eu era assim, eu ajudava a fazer esse programa, eu fazia uma pontinha no programa, vamos dizer assim né. Mas quem ficava à frente no comando todo era o Sílvio e a Norma de Alencar.

FG: Como é que a senhora como pioneira do rádio, assim como outros que a gente tem o prazer de ter aqui né, como é que a senhora acha que as pessoas tratam esses pioneiros do rádio? Eles estão valorizados ou esquecidos?

CJ: Eu acho, olha eu acho como eu disse para você agora a pouco, a gente perdeu muito contato, né, com essas pessoas que a gente conhece, a gente trabalhou. Outros também que mudaram de cidade e tal. Mas, realmente eu acho que muito poucas pessoas têm lembrança dessa época, que lembram de alguma coisa de rádio dessa época. Eu acho que caiu assim um pouco mesmo no esquecimento.

FG: A que será que se deve isso? O dia-dia corrido?

CJ: A vida mudou muito né (risos)

FG: Com certeza.

CJ: A vida mudou muito. Hoje a gente tem que correr muito. Então o tempo é muito pouco para você estar até mesmo se lembrando desses detalhes. Assim, quando coincidentemente você encontra uma pessoa que te conhece daquela época, aí ele lembra, ó... á... Você ainda faz aquilo que fazia aquela época, tal, como esses casos assim né?

FG: A senhora acha que o rádio hoje teria espaço para programas como eram feitos antigamente ou comercialmente não?

CJ: Olha, sinceramente, eu ainda acho que sim. Porque o homem ainda não perdeu a sensibilidade. Mesmo com toda essa modernidade, a sensibilidade, o romantismo, no caso das novelas, ainda existe.

FG: Eu acho o rádio assim um veículo muito intimista, né, de chegar próximo, de estar ali do lado...

CJ: Com certeza...com certeza. Você vai para a cozinha você leva o rádio, você vai para o quarto você leva o rádio. Nada impede que você ouça o rádio.

FG: É, eu acho que ele continua assim tendo um papel...

CJ: Eu acho.

FG: Muito importante.

CJ: Eu acho. Eu acho que muito ainda pode ser feito

CJ: Que mais que a senhora acha que pode acrescentar, não sei...?

CJ: (pausa de alguns minutos para desanunciar e anunciar música, já que a entrevista foi feita dentro do estúdio, no horário de trabalho da locutora).

FG: Para finalizar, a senhora queria acrescentar mais alguma coisa?

CJ: Bom, eu só queria dizer que... que trabalhar em rádio e em televisão... é algo que conquista a gente assim para sempre. Haja vista que estou trabalhando aqui na RBC FM.

FG: A senhora está a quantos anos no rádio?

CJ: Estou já há 30 anos no rádio. Mais de 30 um pouco, porque teve uma época que eu fiquei afastada e depois eu voltei a trabalhar. Então é algo que assim, deixa a gente assim meio cativo.

FG: Com certeza. Apaixonante.

CJ: Se você fica fora você sente saudade. Porque gosta realmente. Gosta e não dá conta de ficar fora do rádio ou da televisão, se for o caso de trabalhar na televisão, eu fiz televisão também, fiz telejornal, aqui na TBC, mas eu fiz mais mesmo foi rádio.

FG: É o que pegou mesmo.

CJ: É o que pegou mesmo, foi rádio. É o que mais me tocou e ainda me toca até hoje. Ainda gosto desse trabalho.

FG: Que beleza! Então está bom, Dona Cleuza, muito obrigado.

CJ: Obrigado a você.

ENTREVISTA 02

ENTREVISTADO: CLAUDINO SILVEIRA

DATA: 20 DE SETEMBRO DE 2005.

(Entrevista realizada na Rádio Difusora, logo pela manhã, após a apresentação do Programa “No Mourão da Porteira”).

Fábio Gaio: Seu Claudino, como é que nasceu a Rádio Difusora, quando, quem eram os donos?

Claudino Silveira: Aqui na Praça Joaquim Lúcio existia um alto-falante, chamado alto-falante Marisa. Transmitia para toda Praça Joaquim Lúcio, namorados e coisa e tal. Então sempre teve uma vontade de criar uma rádio. Nessa ocasião aí o Omar Barbosa e o Paulo de Castro fundaram a Rádio Difusora de Campinas, uma estaçãozinha com 250 watts só, que a gente até brincava que ela falava para toda Praça Joaquim Lúcio e cochichava para Trindade. Era uma rádio bem pequena mesmo.

FG: Isso foi em...?

CS: Isso foi em 24 de maio de 57, e foi lançada a rádio. Desde essa época já tinha jornalismo bom, tinha gente boa que fazia jornalismo. Nomes famosos passaram por aqui como Jorge Abrão, Eva de Castro, Antônio Gregório, Taufic Sebba, passou por aqui naquela época. Era muito importante jornalismo naquela época, que a televisão estava começando. E então, nós tínhamos o “Jornal Falado Difusora”. E eram 9 horas da noite. Parava a cidade para ouvir o jornal porque tinha a Rádio Clube com o “Informativo Folha de Goiás”, a Brasil Central com “O Mundo Em Sua Casa” e a Difusora então, criou o “Jornal Falado Difusora”, que com o advento da televisão, que tomou espaço todo, o jornal passou para de manhã. E foi até bem feliz porque ficou bem situado de manhã no jornalismo da rádio. Por volta de 1959, ela foi oferecida a Dom Fernando, através do Padre Nelson, que, Nelson Antonini, aqui da nossa matriz de Campinas. Ele teve por aqui, entrou conversou com todo mundo e achou por bem comprar a rádio. Foi em nome então da Arquidiocese, representado pelo Dom Fernando e Dom Antônio. Aí foi durante três anos nos ficamos então, é... com 250 watts. À medida que o tempo passava o Dom Fernando queria aumentar a potência da rádio. Então ele comprou um transmissor de 10 quilowatts. De um quarto de quilowatts, passou para 10 quilowatts. Naquela época a gente quase não recebia correspondência. O Mourão da Porteira foi criado em 1960, ainda a rádio pequena. Quando surgiu então a potência maior nos começamos a receber carta de todo lugar. Todo interior de Goiás, como não tinha então meio de comunicação, o “Mourão da Porteira” era a agenda nacional de mandar notícia, dar recado, aqueles recadinho de doença, de buscar no ponto, de mandar o animal no ponto. A pessoa foi operada, mãe deu à luz, a criança passa bem. Então marcou muito. Tinha dia de eu mandar

150 avisos em uma hora de programa. Aí foi preciso aumentar o horário. O “Mourão da Porteira” apresentado das cinco às seis da tarde. Aí passamos das cinco às sete. Depois de três às seis da tarde. De manhã a gente fazia o programa “Alma Sertaneja”. Era um programa mesma coisa, sertanejo, mas não tinha aquele ícone do “Mourão da Porteira”. Veio um técnico de São Paulo aqui para estudar o desenvolvimento da rádio e achou por bem tirar o “Alma Sertaneja” e colocar o “Mourão da Porteira” para de manhã e de tarde. Foi o que ele fez. E pegou, a coisa pegou mesmo. Então o “Mourão da Porteira” era apresentado de manhã e de tarde. Aí o tempo passa. Os redentoristas adquiriram a rádio do Dom Fernando, ele quis vender a rádio com o tempo. Eles passaram então a fazer jornalismo à tarde. Tiraram o “Mourão da Porteira”. O povo reclama até hoje que falta programa, e colocou jornalismo. Ele ficou de manhã, de cinco às sete da manhã. É mais ou menos isso.

FG: E quem que foi o primeiro locutor. O primeiro foi o senhor e mais quem?

CS: Começamos, é... Vicente Iglesias, Valter Pureza, Jorge Abrão e eu Claudino Silveira, começamos aqui em 1957, 1958. E naquele tempo eu fazia mais programa religioso. Em 58 eu fui para o exército, servi o exército e três meses eu já vinha para cá fazer programa. Aí já foi em 58 mesmo. Parei só uns três meses.

FG: Foi bem no princípio?

CS: Foi bem no princípio.

FG: Toda vida a rádio foi aqui?

CS: Era na esquina ali onde tem uma Igreja Universal. Então foi comprado esse prédio e eles adaptaram especialmente para a rádio.

FG: E quais os programas que mais marcaram aqui?

CS: Olha, foram vários programas. Primeiro o jornalismo. O “Jornal Falado Difusora” foi o ícone daquela época. Depois, O “Mourão da Porteira” surgiu e criou muita raiz no interior. Surgiu também o Darci de Souza com o programa “A Sorte é Sua”. Nós tínhamos “O México e Seus Ritmos”, nós tínhamos “Sua Música Favorita”, todos os programas que marcaram época na rádio. Desde 70 quando os padres vieram e que compraram a rádio, então fomos obrigados a entregar horário. Então a gente comprava horário da rádio aquela época. A gente comercializava a rádio e ficava com o horário. E depois, foi cortado então foi quando saiu o Darci de Souza, com “A Sorte é Sua”, eu com

o “Mourão da Porteira”, o Adalfin das Véia, com o “Onde a Lua Clareia”. Então foi tirado e passado para a rádio o programa, de lá para cá.

FG: O “A Sorte é Sua” era uma espécie de programa com prêmios.

CS: Com prêmios, brindes. O “A Sorte é Sua” ele falava de Goiás, de Goiânia todinha. Cada dia era um lugar, um comércio, uma casa que ele ia. Ficava cheio de gente. Era um mutirão de gente. O Darci de Souza marcou época na rádio, com esse programa “A Sorte é Sua”.

FG: Interessante... E qual que era o perfil da rádio naquele tempo? Qual que é o perfil da rádio, para quem que ela é feita, que tipo de público?

CS: Feito para igreja. Era uma rádio eminentemente católica. Se bem que não tinha muito programa religioso, mas era feito para a Igreja Católica. Divulgação da Igreja Católica em Goiás. E perfil dela foi sempre religião, nós sempre tivemos aí, por exemplo, transmitíamos de Trindade, a festa de Trindade. Tem 48 anos, nós transmitimos de Trindade. Primeiro ano a gente foi com um gravadorzinho. Gravava, vinha e soltava a novena aqui. De 59 a 60 nós já conseguimos uma linha, era rádio naquele tempo. Com a linha, nós fizemos 300 metros de foi até encontrar a rede e transmitimos direto de Trindade. Hoje é tudo moderno. Hoje um botãozinho apertou fala Trindade, fala qualquer lugar.

FG: É verdade. O senhor diria que nesses... quantos anos a Difusora têm?

CS: 48 anos.

FG: 48 anos. Nesses 48 anos assim, qual a grande mudança, qual, o que mudou de lá para cá, na Difusora.

CS: É... Mudou muito porque ela passou para Fundação. Ela não é mais, ela é Fundação Padre Pelágio.

FG: Não seria mais dos Redentoristas?

CS: É deles. É dos Redentoristas, mas com a Fundação vieram novos diretores, houve um pensamento diferente, de modo que a rádio hoje, ela está, inclusive ela dominou durante muito tempo a cabeça da Rede, da Rede Católica de Rádio. Agora entregou para a Rádio Aparecida. Perdeu a cadeia, perdeu a chefia da cadeia. Mas continua transmitindo. Agora, hoje, por exemplo, até locar horário, comercial, horário de jornalismo ela vendeu.

Vendeu horário, para gente aqui da rádio mesmo, para terceirizar, para fazer o jornalismo. Quer dizer, ela mudou muito, ela não podia fazer isso.

FG: Bom, o senhor tem assim mais alguma coisa para falar a respeito da Rádio Difusora?

CS: A gente... o que a gente gosta na vida é de rádio. Eu aprendi desde pequenininho a mexer com rádio e a gente tem um amor muito grande na Rádio. A Rádio é a casa da gente e ela conquistou muito o interior, ela tem um domínio muito grande de audiência. Graças a Deus o meu conhecimento no interior eu tenho amizade por todo lugar que a gente vai, em toda cidade a gente tem amizade. É muito importante para a gente.

FG: Bom, às vezes a gente pode ainda voltar na questão da Difusora. Eu queria que o senhor falasse agora da sua vivência no rádio, como é que era fazer rádio naquela época? Era difícil, era bom, era ruim?

CS: Aliás, eu comecei falando em alto-falante. Eu era da Igreja Matriz de Campinas, congregado mariano. A gente rezava lá em voz alta, puxando os terços, a reza. E então quando compraram a rádio, nós fomos chamados para cá para fazer um programa religioso. Foi quando a gente começou na rádio. De lá para cá a gente aprendeu a gostar de rádio e viver, e fazer a vivência da rádio todinha.

FG: Qual que o senhor acha que é a diferença daquela época para hoje, o senhor que é uma pessoa que acompanhou aí?

CS: Olha, a diferença é a seguinte. Naquele tempo, a gente tinha audiência em todas as cidades num raio de 300 km de Goiânia, nós tínhamos audiência. Com a criação das rádios locais, por exemplo, Silvânia, Piracanjuba, mesmo Trindade, foi criado a rádio, a gente perdeu um pouco de audiência. Houve uma mudança então. A pessoa é mais bairrista, algum programa ou outro ela vai lá, mas a programação mesmo, que ouve é da cidade onde ele mora. Isso foi uma mudança muito grande pela época. E depois com o advento da televisão, o modernismo mesmo de estrada, de tudo acabou aquele meio de comunicação como um rádio de recado. Não tinha mais aquele recado para o interior, então essa mudança foi grande. Então a gente concentra mais na música hoje. A gente fala pouco, a correspondência diminuiu bastante. A gente manda muita música.

FG: O senhor acha que o rádio perdeu muitos ouvintes nesses anos todos?

CS: É... eu acho que o rádio nunca perdeu para televisão. Está é mal cuidado. Tem muita programação ruim de Goiás. Tem muita rádio FM que é uma radiola. Isso não é rádio. Então, rádio tem que ter aquela comunicação do ouvinte com o apresentador, do ouvinte com o locutor, a interação completa da rádio. Por exemplo, eu tenho amizade por todo esse interior. Nesses anos eu já tive oito títulos de cidadão. Sou cidadão goianiense, Nova Veneza, é, cidadão de Avelinópolis, cidadão de Guapó, e de Trindade. E tenho agora para receber de Inhumas e de Palmeiras. Que isso a gente plantou. Isso não tem coisa que paga no mundo.

FG: Qual que era a grande dificuldade daquela época? Porque hoje a gente vê tudo moderno, computador e tal. Qual que era a grande dificuldade?

CS: O progresso liquidou tudo. Porque, por exemplo, o caso do operador de som, a propaganda era gravada num acetato e três pick-up de um lado, três pick-up de outro. Gravava no acetato, então tinha que ter que colocar a mão, colocar na agulha, na hora certa. Então dava uma, duas, três voltas, largava, isso no seis. Quando entrava a propaganda tinha que soltar tudo. Era um manual terrível. Então ele trabalhava em pé. Hoje não, um modernismo grande, aperta um botão já sai tudo, não tem mais nada, nada. O operador põe a rádio no ar e vai conversar.

FG: Naquela época era ao vivo também?

CS: Tudo ao vivo, tudo ao vivo, não tinha nada montado.

FG: Hoje está tudo gravado, né?

CS: Hoje é tudo moderno.

FG: E a Difusora também chegou a trabalhar com rádio novela, essas coisas?

CS: Fizemos, fizemos. Nós fizemos alguns casos, inclusive, a Dalva de Oliveira que foi nossa locutora antiga, aposentou já. O Taufic Sebba foi um diretor de novelas aqui. O William Luiz trabalhou no rádio aqui. No Mato Grosso, ele também fez novelas. Nós fizemos algumas novelas. Muito difícil. Era feito na madeira mesmo. O batido, o barulho entrava na hora. Quando faleceu o Kennedy, então o José Carlos Maltes fazia jornalismo e o Zé Carlos uma vez, ele quis fazer uma história da morte do Kennedy. Então começou, capítulo dois, três, dois meses depois nós fomos obrigados a parar. Porque estava em disputa quem matou quem, não cabia quem tinha feito. Então nós não tínhamos como apoiar a novela, foi preciso parar. Mas fizemos novelas.

FG: Qual que o senhor acha que foi o grande momento do senhor aqui na Rádio Difusora, que lhe deu muita alegria?

CS: Olha, a alegria maior foi ver... primeiro receber esse título de cidadão, uma coisa muito importante na vida. Segundo o reconhecimento da rádio, porque ela reconhece em mim, uma pessoa que ajudou muito a rádio. E outra coisa é que a gente com o passar do tempo, a gente vai acostumando, vai recebendo aquele elogio e então a TV procurou a gente para contar a história. Eu fiz uma gravação com Salvador Farina, no “Coisas de Nossa Terra”, uma hora de programa de entrevista que eu me realizei mesmo. E esse programa já foi reprisado e o povo gostou demais da gente contar a história da vida da gente. Isso é muito gratificante.

FG: E como é que era a participação do público naquela época, é diferente de hoje?

CS: A participação do público era por carta. É carta e mais recado e carta. Telefone, telefone sempre teve, mas não como hoje, porque hoje tudo é telefone. Com o problema do transporte melhorar, da estrada melhorar, a televisão entrar, então parou de vir cartas. Eu recebia 200 cartas por dia. Cartas pedindo para registrar aniversário, pedindo música, pedindo uma coisa ou outra. Isso acabou isso foi uma mudança muito grande.

FG: O senhor tem assim aqueles ouvintes que te acompanham desde aquela época?

CS: Tenho, tenho. Quase todo mundo que escreve hoje “Ô, estou fazendo aniversário hoje, te acompanho há 40 e tantos anos”. Daquela época mesmo. Interessante que eu fazia o programa, por exemplo, Nova Veneza, havia um aniversário lá. Eu então mandava o abraço de aniversário, que tinha o horário certinho, cinco e meia. Era a hora do aniversário. Eu colocava a música e dedicava para Fulano de Tal lá em Nova Veneza, que era aniversariante de hoje. O povo estava em volta da mesa esperando para cantar os parabéns junto. Isso aí aconteceu que depois, eu, por exemplo, eu noticiei o nascimento do menino, depois eu noticiei o casamento desse menino. E hoje eles comunicam com a gente. “Ó, aquele menino que o senhor anunciou o nascimento, está casando agora”. E depois aniversário e tudo, aí emenda 40 e tantos anos.

FG: Como é que o senhor vê o futuro do rádio?

CS: Ah rapaz, eu vou te contar. Não sei como nós vamos fazer não.

FG: (risos)

CS: O rádio sempre será o rádio. Por exemplo, tem a televisão para esporte, mas o esporte do rádio não morre. O rádio vai sobreviver. Mas está muito difícil, porque a comercialização do rádio está muito difícil. Difícil demais. Depois aquela luta, aquela disputa de emissora AM, de FM, é muito difícil para conviver. Mas, vamos levando.

FG: Só para gente terminar, eu queria que o senhor falasse um pouco mais sobre programas e locutores que marcaram aqui. Qual o programa mais antigo?

CS: Certo. O primeiro foi o “Alma Sertaneja”, um programa que a gente fez em 58. Depois...

FG: Qual foi o programa que inaugurou a rádio?

CS: “Sua Música Favorita”. Esse foi da inauguração da rádio. O que marcou na época, chama-se “Sua Música Favorita”. Um pedido musical, atendendo o ouvinte. Depois teve “O México e Seus Ritmos”. Na década de 60 foi uma doença de mexicanos aqui. Mexicanizou as músicas todas, então nós tínhamos um programa de uma hora, “O México e Seus Ritmos”. Também foi muito sucesso. Aí entrou o Darci de Souza, criou o programa “A Sorte é Sua”, foi outro programa que marcou muito a época. Agora temos aí, o nosso amigo Humberto Aidar, que faz programa. O padre Marcelo Rossi que tem um programa muito marcante. É eu acho que vai levando assim.

FG: O senhor tem alguma coisa mais a acrescentar?

CS: Não, eu agradeço, a sua atenção, muito obrigado.

FG: Eu que agradeço.

CS: Fiquei muito feliz em poder falar alguma coisa então.

FG: Eu que agradeço. Está jóia.

ENTREVISTA 03

ENTREVISTADO: FERNANDO COZAC

DATA: 20 DE SETEMBRO DE 2005.

(Entrevista realizada em sua sala na Rádio Brasil Central)

Fábio Gaio: Quando que a Rádio Brasil Central surgiu? Qual o dia de inauguração dela?

Fernando Cozac: É, a Rádio Brasil Central começou em 1950. Na época chamava Rádio Jornal do Brasil Central. Era uma empresa da, era uma rádio da Empresa Coimbra Bueno que era uma empresa particular. Depois posteriormente, já em 62, que ela passou a ser uma empresa estatal. Ela foi doada pela, pela Fundação Coimbra Bueno para o estado. Então a Rádio Brasil Central ela foi a, ela não foi a primeira rádio do estado. Ela foi a segunda rádio do estado. Mas ela desempenhou a questão de pioneirismo no estado, porque ela foi a precursora de todas as campanhas que trouxe Brasília para o centro-oeste. A capital do Brasil para o centro-oeste. Então, é, na época do Juscelino, a Rádio Brasil Central foi o grande instrumento. Naquela época não tinha muita...

FG: Naquela época já tinha onda curta?

FC: É, aliás, ela tinha mais uma onda do que tem hoje. Naquela época nós tínhamos quatro ondas, hoje nós temos três, onda média, onda curta, onda tropical e frequência modulada. Naquela época nos tínhamos a onda de 30, 31 metros também. É, então hoje, é, deixou, nós perdemos uma onda e daquela época por ser a única rádio do estado com a potência que tem até hoje, mas naquela época era muito menos a rádio. A penetração dela era muito maior em todo o Brasil, né. Ela foi o grande instrumento de mobilização do povo para a fundação da capital aqui em Goiás.

FG: Onde que era o prédio da rádio?

FC: Olha, não é do meu tempo (risos prolongados).

FG: (risos)

FC: Quando ela foi fundada, ela foi fundada, é na Rua, na Avenida Anhanguera, ali próximo a Rua 6. Então era na Avenida Anhanguera o primeiro prédio da Rádio Brasil Central.

FG: Ainda quando era do grupo Coimbra Bueno?

FC: Ainda quando era. Aí quando até depois que passou, ela ainda ficou uma época lá. Ela mudou duas vezes. Mudou mais uma vez no Centro e depois foi para Vila Nova. Da Vila Nova ele foi para este prédio atual.

FG: Qual foi o primeiro programa da rádio, ou os primeiros programas?

FC: Olha, a grande marca da Rádio Brasil Central foi “O Mundo Em Sua Casa”. O Jornal falado “O Mundo Em Sua Casa”.

FG: É, até o Claudino hoje falou.

FC: “O Mundo Em Sua Casa” ele começou praticamente com a Rádio Brasil Central. Então, ele foi considerado nos áureos tempos do rádio, considerado o segundo jornal falado do Brasil. Era ele e os “Sentinelas da Tupi” primeiro. “Os Sentinelas da Tupi”.

FG: Ainda tem até hoje.

FC: Ainda tem até hoje. Os dois que permaneceram. Um pouco mais na frente que surgiu “O Globo no Ar”, que é o terceiro. Então, por muitos anos foi considerado, o segundo jornal. E agente mantém isso, a tradição. Outro programa que, outro programa, outra marca da Rádio Brasil Central é o “Escrete de Ouro”. O “Escrete de Ouro” é uma grande marca da Rádio Brasil Central. Hoje ele apesar de estar terceirizado, mas a marca é da Rádio Brasil Central. O Escrete hoje é da Rádio Brasil Central.

FG: E sobre os locutores. Quais aqueles que marcaram história aqui ou ainda marcam?

FC: Ainda tem, marcaram né. Os precursores, o primeiro locutor, é... salvo engano é o Sílvio Medeiros.

FG: Aquele que teve aqui no programa...

FC: Teve aqui recentemente.

FG: Eu também vou entrevistar ele. Ele tem um bar ali no...

FC: Convivart. Inclusive nós combinamos, ele fez a festa do radialista lá na chácara do Sindicato dos Radialistas e ele teve a oportunidade de estar. Me parece que ele tem 81 anos. Parece não, ele tem 81 anos. Uma pessoa lúcida.

FG: Ele foi o primeiro aqui.

FC: Ele foi o primeiro locutor. E ele cantava, interpretava, fazia rádio-novela, um grande locutor e hoje ainda canta. Ele deu uma colher de chá no meio da meninada toda cantando. Aí ele chegou e mandou ver (risos). É uma pessoa altamente qualificada e conhecedora para falar do rádio.

FG: Qual que é o perfil da Rádio Brasil Central? Ela atende a que tipo de público?

FC: O perfil da Rádio Brasil Central, aí nós temos que fazer um parêntese. Tem a Rádio Brasil Central e a RBC FM. Então a Rádio Brasil central, o perfil dela, é um perfil popular, visa atingir um público popular. A RBC visa atingir um público mais exigente, né. Então um público de qualidade, nós temos uma programação de qualidade na RBC FM. Agora a Rádio Brasil central ela, é, foi feita para atingir o público, um público bem popular, não deixando qualquer outro tipo, principalmente de música. Músicas na Rádio Brasil Central nós rodamos desde o rock, até principalmente o sertanejo e o sertanejo de raiz. É tanto que nós temos dois programas, dois horários de programas de música raiz, sertanejo de raiz, que o “Na Beira da Mata” que é o programa mais tradicional com certeza, na Rádio Brasil Central e um dos mais tradicionais no Brasil também. Ele compete aí com o “Mourão da Porteira”.

FG: Eu estive hoje lá no “Mourão da Porteira”.

FC: Por muitos anos, o grande programa sertanejo, o grande programa sertanejo no Brasil foi o programa “Nossa Fazenda” aqui na Rádio Brasil Central. E foi fundado pelo, o primeiro programa sertanejo, isso aí é uma coisa interessante, o primeiro programa sertanejo foi na Rádio Brasil Central, aqui em Goiás.

FG: Em que ano foi.

FC: Foi em 1900, é... 1950 e 6 se não me engano. O programa “Nossa Fazenda” com Morais César. Inclusive eu tenho a abertura do primeiro programa, desse, do programa “Nossa Fazenda”. Ele foi fundado, esse programa foi fundado em 1954, em Uberlândia e depois trazido no ano seguinte aqui para a Rádio Brasil Central. Aliás, ele veio primeiro, ele passou pela Rádio Anhanguera e depois veio para a Rádio Brasil Central.

FG: A Rádio Brasil Central é mais antiga que a Rádio Anhanguera.

FC: É, é mais antiga. Ela foi a segunda rádio do estado.

FG: A Rádio Clube, né.

FC: A primeira foi a Rádio Clube.

FG: 730 hoje.

FC: É.

FG: Agora eu já ouvi falar que a primeira foi em Ipameri, Rádio Xavantes e a segunda foi uma rádio em Anápolis.

FC: É, não, não, nós estamos falando em termos de Goiânia. Nós precisamos aprofundar mais a discussão em termos de estado. É, e até pela representatividade, poderia até ser alguma rádio, talvez, talvez até em Goiás, não sei. Naquela época antes, anterior a isso aí poderia ser até alguma rádio, é uma coisa que a gente até pode tentar levantar.

FG: Agora, engraçado que eu acho que o rádio chegou aqui em Goiás muito tarde.

FC: Tudo aqui chegou muito tarde.

FG: 1900 e 40 e tantos, na época que já era A Era de Ouro Rádio.

FC: É, é. Naquela época era sertão aqui, né. Gastava-se dois meses para ir a São Paulo (risos).

FG (risos). Qual que era a potência da rádio quando ela começou e hoje como é que é?

FC: Não, a Rádio Brasil Central começou grande, ela começou ela tinha, 10, 10 mil watts. Hoje nós temos 50 mil quilowatts, né. Então, é naquela época, esses 10 mil significavam em propagação até mais que os 50 de hoje. Porque, porque naquela época não tinham emissoras concorrentes. Era, a rádio tinha alta penetração.

FC: (recebe uma visita e pede a mesma que se sente na mesma sala onde é realizada a entrevista e aguarde, ocasionando uma pausa de segundos na entrevista).

FG: Como é que eram os equipamentos?

FC: Os equipamentos eram, é... Como tudo naquela época, mais improvisado. Trabalhava-se com, é... carências de equipamentos. Para substituir essa questão de equipamentos tinha que ter muita competência e muito improviso. Tinha que ser bom. Naquela radialista era feito de emoção. Radialista era feito de emoção, não era, não tinha uma escola como tem hoje, para você ter uma formação. O radialista era radialista nato (risos), tinha o dom, tinha o improviso. Então naquela época, os equipamentos, eram todos, é... de... manuais, naquela época não existia informatização. Informatização em rádio veio agora recente, coisa muito recente. Quando eu entrei em rádio, eu entrei em 1970, na Rádio Brasil Central tinha 15 anos de idade (risos). Comecei, foi o primeiro emprego. Entrei aqui como operador e agente foi passando. Tive a oportunidade de trabalhar em todas as outras emissoras de Goiânia, paralelamente aqui e lá. Então a gente tem uma história de definição de rádio bem clara. É... do rádio e dos anos, até os anos 80. Porque existe um divisor de águas. O rádio até 80 e depois de 80. Até os anos 70 era uma

vida totalmente diferente o rádio monopolizava o público. Dos anos 70 para cá veio diminuindo aí nos anos 80 para hoje houve uma divisão muito grande de força com a televisão, internet e vários outros veículos de comunicação.

FG: Qual foi o momento histórico aqui da rádio, um fato assim...

FC: Olha, momentos...

FG: Ou momentos, né?

FC: Eu acho que houve momentos bem diferenciados, foi quando daquele trabalho de trazer a capital para Goiânia, é para Goiás, para Brasília, foi o grande trabalho da Rádio Brasil Central, sem dúvida. Isso aí foi a marca da Rádio Brasil Central. Eu acho que o grande, o prestador de serviço que foi a Rádio Brasil Central, nessa, porque ela dizia isso para o país inteiro. Ela mudou a concepção do país ao trazer a capital para cá. Então, foi um dos grandes serviços da Rádio Brasil Central. Outro momento para todos que conheceu e trabalhou aqui, por vários anos, foi quando do incêndio da rádio, em 1978. 88, 88, corrigindo foi em 88.

FG: Nesse prédio?

FC: Já era nesse prédio. Então nos vimos, a rádio queimou até as paredes. Impressionante, eu nunca vi. Queimou parede. Sumiu. Então foi um incêndio de grandes proporções e para você ver o que é o trabalho de equipe, dentro de duas horas nós estávamos transmitindo o nosso incêndio. Conseguimos transmitir o nosso incêndio. Nós ficamos fora do ar duas horas apenas, no dia do incêndio.

FG: Naquela época a rádio já funcionava 24 horas.

FC: Já, já, há muitos anos a rádio funciona 24 horas.

FG: Mas não desde o início?

FC: Não, não, foi a partir dos anos 70, não preciso bem o ano, mas foi na década de 70, que passamos a funcionar 24 horas.

FG: O senhor tem assim algum fato inusitado, alguma curiosidade, alguma coisa?

FC: Muitas coisas curiosas. Entre, aproveitando aí que é um trabalho de faculdade, umas das coisas curiosas, eu acho que interessante, até bem descontraída, é, hoje uma das melhores repórteres que temos, aqui em Goiânia, então recente, quando chegou a trabalhar, fazer o seu estágio aqui, aí passou um período, na época ela foi trabalhar aqui, eu era chefe da produção, então passou um mês mais ou menos, estava fazendo produção.

Aí chegou um dia, precisou de uma repórter. “Ô querida chegou o seu dia”. Pegamos um gravadorzinho, “vai para rua cobrir, não tem bem determinado não, você vai fazer o serviço de rua”. Aí foi naquele pique, com vontade. É tanto que ela é uma grande repórter. Aí foi fazer, chega na Avenida T-9, um tumulto, gente lá um acidente. Aí ela falou “vou pegar o acidente na hora” Dá licença, dá licença e o pessoal não deixava chegar porque tinha muita gente em volta. Aí ela pensou, “bom, tenho que improvisar alguma coisa”. “Dá licença, dá licença que a vítima é meu parente, dá licença que a vítima é meu parente” A hora que chegou lá era um cavalo que tinha sido se acidentado (risos).

FG: (risos) Tanto tumulto.

FC: (risos) Todo mundo “mas não é possível”

FG: (risos) É, tanto tumulto.

FC: É, então são coisas curiosas que vai. Outra coisa interessante foi do próprio Moraes César, que ele marcou época no rádio. Ele era uma das pessoas mais criteriosas, se não a mais criteriosa em termos de rádio. Ele não aceitava erro nenhum. Então, não aceitava mesmo. Ele tinha o produtor dele, um cara com conhecimento mesmo. Aí um dia, tudo com ele era programado, mas rádio, como tudo vira e mexe tem que ter um improviso, aí o rapaz fez um texto de improviso de última hora e entregou para ele e ele leu. “Atenção fazenda não sei o que, atenção Fulano de Tal, a sua mãe avisa que o Fulano de Tal morreu e será enterrado às quatro horas”. Ele olhou, faltava cinco minutos para as quatro horas. “Se você correr, você ainda apanha (risos)”.

FG: Ainda acompanha o enterro (sorriso). Nossa!

FC: Então são essas coisas.

FG: Qual que é a grande diferença daquela época e de hoje em se fazer rádio?

FC: A diferença é muito grande. A diferença que, eu acho a principal diferença do rádio, do radialista antigo, com o radialista hoje, porque o radialista antigo era uma pessoa descompromissada, era uma pessoa mais liberal e era uma pessoa que fazia rádio porque gostava, porque rádio nunca teve grandes salários, salvos uns e outros que conseguiram através de terceirização, alguma coisa assim. O rádio nunca pagou um grande salário. Então aquilo de dom, de gostar mesmo. Naquela época trabalhava-se muito com critério e principalmente, por exemplo, naquela época, se não tivesse uma grande voz jamais seria um locutor. Era mais, era mais trabalhado o rádio naquela época. Até pelas dificuldades.

Para você ver, para ter um sonoplasta naquela época, naquela época tinha sonoplasta, hoje em dia tem apertador de botão, tirando claro, salvos, uma minoria. Hoje Por exemplo, a parte operacional, perdeu-se muito, muita qualidade. Ganhou em tecnologia e perdeu em qualidade. Hoje nós temos é... profissionais na parte de operação, o rádio perdeu muito. Na qualidade de voz, o rádio perdeu muito (ênfatisado). Hoje fala-se, “hoje não se exige voz mais”. Até concordo que tem muita gente boa com condição de fazer, mas o rádio feito com uma bela voz é bem diferente. Naquela época trabalhava-se muito a questão do padrão de rádio. Hoje tirando uma ou outra aí, rádio, o padrão de rádio é um só. Então todo mundo é japonês (risos)

FG: Igual o Claudino falou hoje para mim “o rádio está mal cuidado”.

FC: Olha eu considero, eu considero o FM que é feito hoje, a grande, que monopoliza a grande massa, ele é um rádio bem piorado do que se fazia em 70 no AM. Ele é um AM piorado do que se fazia em 70. Quem viveu até a década de 70 no rádio, vê que tudo que se faz no AM hoje, no FM hoje é um AM piorado. E o que aconteceu com AM? O AM restou principalmente em Goiânia, lá fora ainda é melhor um pouquinho. Em Goiânia sobrou AM, tirando a Rádio Brasil Central, você vê o que tem...

FG: Tem futebol, programa religioso.

FC: Duas que fazem informação e futebol e o resto é religioso. Então, o que dentro de um ano, um ano e pouco, tenho certeza que vai reverter isso aí, o rádio AM vai tomar, com a digitalização, o rádio AM vai voltar com certeza, sem dúvida, vai ter um grande, um grande...

FG: Porque o grande problema é a qualidade.

FC: Hoje.

FG: A digitalização vai melhorar muito a qualidade?

FC: Vai melhorar não, vai superar a qualidade do AM digital vai ser a mesma qualidade do FM hoje. O FM vai continuar praticamente do jeito que está. Vai ganhar pouquíssima coisa. Então AM e FM vão ter praticamente a mesma qualidade.

FG: O alcance do AM é muito mais do que o do FM.

FC: Ah, sem dúvida.

FG: Tanto é que a noite a gente sintoniza lá, rádio...

FC: É, nós temos audiência aqui na Brasil Central, nós temos audiência de praticamente o Brasil inteiro no AM à noite. Durante o dia menos, a propagação é bem menor no AM. A nossa grande audiência nacional é a onda curta, é a onda curta e a tropical que é a grande audiência.

FG: Como é que você vê o futuro do rádio? Como é que vai estar o rádio daqui alguns anos?

FC: Olha, eu acho que vai depender muito dos radialistas porque existe um trabalho, isso aí, inclusive eu vou participar de um congresso agora, em Recife, dia 29, do dia 29 ao dia 02, Congresso dos Radialistas, em Recife e lá vai ser tratado justamente sobre esse assunto, dos destinos do rádio. Existe um trabalho muito grande de estrutura de TV e rádios por assinatura. Isso aí, o rádio e a televisão aberta, ou arruma-se uma maneira de competir com isso ou então é difícil. (termina um lado da fita com pequena pausa para trocar de lado, sem prejuízo para a gravação). Nós vamos ter que competir com esse avanço tecnológico, porque o problema não é o avanço tecnológico, são os grupos que usam esse avanço tecnológico para ganhar dinheiro. O grande problema nosso é esse, é achar uma forma de não deixar os grupos dominarem essa tecnologia com direcionamento para eles.

FG: Para gente terminar, uma pergunta que ficou para trás e eu esqueci de fazer. Como é que era a infra-estrutura técnica e física da Rádio Brasil Central na época em que começou, nos primeiros anos e como é que é hoje?

FC: Olha, a infra-estrutura da Rádio Brasil Central, principalmente na década de 70, mais precisamente a partir de 72, para você ter um parâmetro, vinha pessoal da Globo e da Tupi para ver o que nós tínhamos na central técnica para eles botarem no ar. (pausa de segundos para atender alguém na porta). Então, o que acontece é o seguinte, naquela época, o pessoal vinha para ver, porque, naquela época se comprava o que tinha melhor nos Estados Unidos, em termos de tecnologia. Nós tínhamos multiplex, audimax, volumax, são aparelhos que limitavam o som. Hoje, nós trabalhamos com grandes marcas do nosso equipamento nacional. Naquela época não se trabalhava, apesar de hoje, ter melhorado bem a qualidade do equipamento, mas infelizmente não dá ainda para gente fazer um rádio que nós merecemos que a Rádio Brasil Central merece com equipamento só nacional, ainda não dá. Então, a grande diferença de infra-estrutura, em termos de

radialistas, por exemplo, nós tivemos quase toda nossa permanência ao lado da maior cast de rádio, com certeza. Pessoas que hoje ainda todo mundo conhece, como Jerônimo Rodrigues, Íris Mendes, Silvio Medeiros, Taufic Sebba, Jorge Abrão, Jackson Abrão. Então são pessoas que faziam o rádio que nós fazíamos no dia-dia. Entre, Moraes César, Conrado de Oliveira, Jota Costa, são nomes que qualquer pessoa que buscar a história do rádio, são pessoas que saíam daqui e trabalhavam em qualquer emissora do Rio e São Paulo, sem pedir favor... Antonio Humberto, então são esses, o nosso potencial humano era muito grande, era tão grande quanto o potencial técnico e hoje a realidade é bem outra. Nós temos dificuldades de contratar profissionais, até pelo mercado, além de considerar a parte administrativa que hoje é bem diferenciado das partes, da parte administrativa encontra dificuldade, porque é diferente. Naquela época, nós éramos uma empresa pública, então a partir do presidente autorizar a contratação, compra de aparelho, tudo já estava definido. Que era como uma empresa comum. Hoje não, depois de definido com o presidente e toda diretoria, você tem que passar por controle interno, Tribunal de Contas e explicar para a parte burocrática, tem que explicar a parte técnica para burocratas que muitas vezes, então a nossa dificuldade para fazer compras, para adquirir coisas, porque tem que ser tudo licitado. Agora, você licitar um locutor é complicado. A grande questão hoje e que nós não somos mais uma empresa, nós somos da administração direta. Então é uma ocorrência do governo, aconteceu por acaso, foi extinto a empresa que geria a Rádio Brasil Central.

FG: O senhor acha que ficou mais alguma coisa para falar sobre a rádio ou sobre a sua vivência?

FC: Nós não falamos muito sobre a vivência, mas eu acho que o importante é nós falarmos da rádio, da história do rádio e da Rádio Brasil Central. Agora futuramente se você quiser saber sobre pessoas, como é que foi...

FG: Quem o senhor me indicaria para entrevista, pessoas assim acessíveis, além do Silvio Medeiros...

FC: Sílvio Medeiros, o Jerônimo Rodrigues que é o dono da Rádio Mil, é uma pessoa que tem também mil coisas para contar.

FG: Eu acho que eu vou ter dificuldades de falar da Rádio Riviera, porque mudou tudo lá e ninguém sabe mais.

FC: Um pouco da Rádio Riviera quem pode falar para você é o Sílvio José, ele trabalhou um bom período lá. Agora a parte técnica de rádio a pessoa mais indicada para falar chama-se Jesus Brasileiro de Moraes. Foi o cara que me ensinou a trabalhar de operador e que hoje está aí montando rádio no interior. Trabalhou aqui mais de 38 anos. São pessoas interessantes para você conversar.

FG: Então está bom Fernando Cozac, obrigado.

ENTREVISTA 04

ENTREVISTADO: SÍLVIO MEDEIROS

DATA: 28 DE OUTUBRO DE 2005.

(Entrevista realizada logo pela manhã em uma lanchonete, enquanto o entrevistado tomava o café da manhã).

Fábio Gaio: O senhor foi o primeiro locutor da Rádio Brasil Central?

Sílvio Medeiros: Fiz teste lá em 1950, eu comecei, fui um dos fundadores lá. Agora, eu comecei na Rádio Clube em 1946, estava com 16 anos. A Rádio foi fundada em 1943. Em 46 eu comecei lá, sem carteira assinada sem nada. Fazia programas, participava de programas de calouros, contava piadas. Comecei no rádio contando piadas. Depois apareceu um anúncio no Jornal “Folha de Goiás” e “Popular” anunciando uma nova rádio que surgia aí e precisava de locutores, controladores de som, todo tipo de funcionários. Aí eu fiz inscrição para locutor lá, entre cento e tantos candidatos. Tirei em terceiro lugar, parece que foi Ivo Sassi ou Emílio Sassi, não sei, um dos dois irmãos foi o primeiro. Adélia Pereira em segundo e eu em terceiro lugar. Tinham oito vagas para locutor. Os outros eram operadores de som, técnicos, corretor de continuidade. Naquele tempo não tinha escola de comunicação nem faculdade de comunicação. O negócio era no autodidatismo. Você apostava na coisa, idealismo, você apostava na coisa, então. Em 1950 comecei na Brasil Central, fiquei dez anos lá. Em 1960 fui para a Rádio Anhanguera. Dá uma paradinha aqui (toma café).

FG: Pode ficar à vontade aí, não esquento não.

SM: Um dos maiores contratos que já foi que aconteceu no rádio, porque eu deixei a Rádio Brasil Central por dez anos e fui para a Rádio Anhanguera. Praticamente dobraram o meu salário. Abriram mais um campo para mim trabalhar na corretagem, porque o salário era pequeno demais. O que valia mesmo era você corretar propaganda. Goiânia era uma cidade pequena ainda, crescendo e desenvolvendo. Não tinha o grande mercado que tem hoje, comparando aí com os grandes aí do Brasil. Então foi com muita luta muita dificuldade. Eu consegui ficar muito conhecido, ganhei um bom dinheirinho, comprei meus imóveis, casei dois filhos, são cinco netos, já tenho dois bisnetos e estou tocando a vida aí. Depois da rádio veio a época da televisão. Aí veio aquele susto: Será que vai acabar agora com o advento da televisão? Mas aí eu lembrei, tinha o cinema e o cinema não acabou com o rádio, porque que a televisão vai acabar com o rádio. O rádio foi para outros caminhos, ele tomou uma nova dinâmica diferente, uma nova maneira de trabalhar. Interagiu rapidamente, mais público, mais gente, mais bairro, mais cidade, aí conseguiu se manter como se mantém até hoje. É o grande comunicador o rádio. Ele é o

povão ainda, é o mais rápido, o mais ágil. É o mais chegado, o mais popular, o mais chegado no povo. Por isso que o rádio sobrevive ainda com essa carga muito grande aí. Surgiu a FM, eu participei do lançamento da primeira rádio FM. Tinha aí a rádio..., a rádio...

FG: Rádio Musical.

SM: Rádio Musical, depois veio a Rádio Riviera que hoje é a rádio sertaneja aí, como é que chama?

FG: A Terra.

SM: Terra. Quase todas essas transformações eu peguei. Mas a rádio FM começou a chegar aqui, foi assim, os hotéis, os hospitais colocavam o som direto e pagavam uma taxa por mês para manter a rádio. Era só música e hora certa, música e hora certa, não tinha locução, nem notícia. Você chegava no posto de gasolina aquele sonzinho gostoso, era a Rádio Musical. Aí começou a crescer e passou para Rádio Riviera, da Riviera, passou para a Rádio Terra. Depois esses acontecimentos todos que a gente vem presenciando. Aí comecei na televisão, fui para o Rio, São Paulo, mandado pelo Coimbra Bueno. Por sinal, fui o primeiro locutor da Rádio Brasil Central, batizei o slogan da rádio: “Fundação Coimbra Bueno pela nova capital do Brasil”. Foi em 1950. Antes, dez anos antes da capital mudar para cá. Todo mundo achava que era uma loucura. E acabou mudando realmente. Foi quando o Coimbra Bueno e o Jaime Câmara se uniram e me mandaram para o Rio e São Paulo, na Rede Tupi, na Rádio Tupi, dos Diários Associados para ver como é que fazia televisão, o que era televisão. Então foi lá no Rio e São Paulo e vi como é que se fazia televisão. Fiquei 40 dias lá, vendo como é que fazia. Eu já era animador famoso aqui em Goiânia e me pintaram como diretor do Jaime Câmara e me mandaram para lá. Quando eu cheguei aqui já tinha vindo um pessoal de Uberlândia aí e tomaram conta da TV Anhanguera. Eu fiquei sem ação, tive um prejuízo muito grande, fiquei 40 dias fora. Embora aprendi muito, meus patrocinadores me deixaram. Eu comecei, para recomeçar não foi fácil não, foi um período muito ruim na minha vida, muito difícil na minha vida. Eu aprendi a fazer televisão, foi uma viagem eu descansei, curti um grande centro que eu não conhecia direito, mas em compensação quando eu voltei, foi um desmanche na minha vida que não tem tamanho, mas eu consegui recuperar. Então, são passagens que eu tenho na minha vida aí.

FG: E como é que era o começo de tudo lá na Rádio Clube, era muito difícil? Porque era uma coisa nova, uma coisa diferente que nascia. Como é que era esse começo?

SM: Era tudo muito provinciano.

FG: O rádio chegou muito tarde em Goiás, em Goiânia?

SM: Em 43. A rádio mais antiga se não me engano era em Anápolis, Rádio Carajás.

FG: Carajás, é. Me parece que tem também a Xavantes em Ipameri que também é bem antiga.

SM: Sei que a Carajás é antiga. A Xavantes também em Ipameri. Tudo por causa da estrada de ferro. Era aquele desenvolvimento. Pires do Rio já tinha serviço de alto-falante. Fizeram uma rádio lá em Pires do Rio, tinha uma praça lá.

FG: Como era a Rádio Difusora. No principio ela também era um serviço de alto falante.

SM: Alto-falante Marisa. Serviço de alto-falante Marisa. Ah, Marisa justamente dos Sassi, dos irmãos Sassi eles que entraram no concurso e ganharam um dos dois, não lembro se foi o Ivo ou o Emílio, os dois eram irmãos. Então eu não tenho certeza qual dos dois que ganhou o concurso. Se não me engano foi o Emílio e inclusive o Emílio acabou não entrando na rádio. Ele arranhou um emprego melhor e não quis mexer com rádio. Mas, ganhou lá o concurso. Vozeirão, uma dicção bonita. Ele é que fundou esse primeiro serviço de alto-falante. Depois é que veio a Rádio Difusora. Mas a primeira Rádio aqui de Goiânia mesmo foi a Rádio Clube instalada na Avenida Tocantins. Foi lá que eu comecei, tinha um auditoriozinho pequeno e tal. Cunha Júnior que está vivo até hoje era o locutor de lá. O Cunha Júnior começou assim como um office-boy lá. O Josafá Nascimento que era o grande seresteiro goiano era o faxineiro da rádio, o Josafá Nascimento, depois casou tem músicos, filhos músicos aí. Eu tenho até um long play dele aí, Josafá Nascimento o maior seresteiro goiano, uma voz muito bonita. São negócios do meu tempo e eu presenciei isso aí. Eu lancei programas de calouros, meu forte foi programa de auditório, fiquei famoso com programa de auditório.

FG: O rádio aqui no princípio era feito por goianos ou vinham pessoas de fora?

SM: Ah, inclusive eu, era uma mineirada danada. De dez pessoas você podia botar, sete eram mineiras.

FG: Eram pessoas que já tinham prática?

SM: Era uma ligação com Minas lá, Araguari, triângulo mineiro, Araguari. Inclusive o comércio de Goiânia, os grandes atacadistas, os primeiros comércios, vieram tudo de Uberlândia. São Paulo, Uberlândia, os caminhões traziam mercadoria e tudo. Tudo vinha de Uberlândia. Irmãos Alves, Machado Irmãos e Companhia, esse Irmãos Soares, as firmas todas tradicionais aí, Casa Iracema, tudo veio por intermédio de Minas Gerais. Eles que começaram a incrementar o comércio aqui, confecção, roupa, alimentação e material de construção. Material de construção então, nem se fala. Muita coisa vinha de lá. Mas não vinha tudo de Uberlândia. E foi assim que surgiu Goiânia e nesse começo eu comecei a trabalhar como corretor. Uma cidade pequena, um comércio pequeno, não tinha indústria, mas eu consegui graças a Deus manter minha família e ter um padrão de vida bom.

FG: E como é que era a questão de equipamentos naquela época, era muito difícil?

SM: Equipamentos?

FG: De lidar mesmo com equipamentos. Aquele princípio todo era meio uma descoberta?

SM: Vinha de tudo de São Paulo. Vinha tudo dos estados Unidos lá e de São Paulo para Goiânia. Eu lembro que o primeiro gravador que eu vi aqui era de fita, não era nem de fita. Era um gravador de fio. Um gravador vermelho e o nome do gravador era Crown Corn, eu lembro direitinho Crown Corn era a marca dele. Então a gente gravava, fazia novelas, rádio novelas, gravava tudo naquilo lá. Dois, três microfones, estúdiozinho pequeno, tudo sem muito recurso. Com muita dificuldade, mas era muito amor (ênfase), a gente fazia um rádio não era nem por dinheiro, mas era por amor. A gente fazia dedicava com muito amor e carinho e fazia um rádio para o ouvinte, sobretudo.

FG: Qual é a diferença maior daquele tempo para hoje?

SM: A diferença é muito grande, o dinamismo é outro. O dinamismo é outro, mudou de mais. Além do mercado que era pequeno hoje não, você correta melhor, fatura mais. Naquele tempo era difícil de mais para você fazer rádio.

FG: O senhor tem assim algum programa de sucesso que marcou época, locutor, alguma coisa assim que te lembra que marcou época?

SM: Bom, eu comecei como locutor comercial. Dois anos já fiz programa de auditório “Rádio Oportunidade”. O nome do programa era “Rádio Oportunidade”, um

programa de calouros. Então, buscando artistas cantores, primeiras duplas sertanejas que vinham do interior e vinha gente de Anápolis, a Rádio Brasil Central tinha uma penetração muito grande, 10 mil watts. Naquele tempo não tinha o espaço que tem hoje, não tinha tanta tecnologia, tanto som, tanta coisa, não tinha nem celular para atrapalhar o espaço, então a rádio chegava em São Paulo, Rio de Janeiro, com a maior facilidade do mundo. Cartas, até hoje eu tenho cartas arquivadas do Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, da cidade mais longe que tem. Até do exterior, Venezuela, Argentina, Paraguai, recebi cartas desses lugares todos. Tinha o programa “O Tango e a Poesia”, eu rodava o programa “O Tango e a Poesia” na Brasil Central. Por causa do tango argentino a pessoa escrevia para mim, mandava o disco para poder rodar no programa. A Casa do Baralho patrocinava o programa “O Tango e a Poesia”, eu que apresentava sete horas da noite na Brasil Central. Então era tido como um sucesso na época.

FG: Qual foi o primeiro programa na Rádio Brasil Central?

SM: Ah, não tinha programa, o negócio era rodar coisas. Logicamente era sertanejo de madrugada.

FG: Naquele tempo a rádio era 24 horas?

SM: Não. Abria às seis horas fechava às dez horas, onze horas, depois meia noite, no máximo meia noite. Começava às seis da manhã e parava às dez da noite.

FG: Tinha uma regularidade ou não?

SM: Tinha sim. De manhã era sertanejo, na hora do almoço rodava era música clássica como é a Rádio Universitária. Era sagrado. Naquele tempo você almoçava de onze horas a uma da tarde, só música clássica. Hoje não, você vê, a rádio toca uma coisa horrível que eu acho esse exagero, não é que eu seja contra o esporte, contra o futebol. O sujeito está almoçando rapaz, ouvindo futebol.

FG: Todas as AMs estão assim.

SM: Até FM. Futebol na hora do almoço, futebol na hora do jantar. Para mim é um defeito que o rádio tem, não pode uma coisa dessas.

FG: Parece que o AM passou para esse lado do esporte.

SM: Até o FM também. Para mim tem uma legião prejudicada de mais da conta. O diretor da rádio não permitia esse negócio não. Futebol era como notícia, era como notícia

comum. Nada do jogo começa às quatro horas da tarde, o povo começa a falar às duas horas da tarde. Como é que tem tanto assunto para falar sobre isso!

FG: Acaba que entra na mesmice, não é?

SM: Depois vem a religião criando um fanatismo, uma ilusão, iludindo o povo. Para mim foi uma mancada do rádio, um pecado que o rádio está fazendo. O jogo começa seis horas, três horas da tarde já começa a transmitir. Fica três horas falando sobre jogador, a mulher do jogador, a dor que teve, ele viajou, eles inventam notícia, ficam repetindo. Para mim é uma pastelaria, isso é uma vergonha.

FG: Seu Sílvio, como é que era o relacionamento com o público naquela época, os programas de auditório, as rádio novelas?

SM: Não tinha televisão. O negócio era cinema e rádios, programas de auditório. Chegava domingo o auditório lotava, cobrava ingresso. A Brasil Central tinha auditório, parece que de 180 poltronas.

FG: Ficava ali na Vila Nova?

SM: Não. Começou na Anhanguera, na subida ali da Anhanguera. Era um sobrado. A parte técnica era em cima e em baixo montaram um auditório. Nos produzíamos tudo em baixo e em cima era a diretoria, departamento comercial, essa coisa assim. Redação, rádio telegrafia, naquele tempo era telex, (imita o ruído do telex) vinha notícia, pelo telex. Depois do telex passou para o, como é que chama?

FG: Telégrafo?

SM: Era tão rudimentar a coisa que era terrível. Era assim o tal de telex. Depois é que vieram as máquinas diferentes, a máquina que batia sozinha. O caboclo batia lá, batia em São Paulo, no Rio, isso tudo eu presenciei. Tinha um tal de Noronha, ele é que trabalhava nesse setor de notícia, captava notícia. Ele captava a notícia e preparava para gente colocar no ar. Rádio Brasil Central tinha lá, “a cada volta do ponteiro, notícias do mundo inteiro”, depois é que tiraram esse título. Agora ficou “O Mundo Em Sua Casa”, ele está lá até hoje. Coisa do meu tempo, “O Mundo Em Sua Casa” é do meu tempo. No esporte tinha uma marcha americana que roda até hoje. Eu fico muito emocionado quando eu ouço esse prefixo. “O Mundo Em Sua Casa” não mudou o prefixo também. Então são coisas que mantém. Esse negócio de tradição eu acho que mexe muito. Eu acho que a

empresa tem que ser assim, jornal padrão, logotipo, tem que manter a criatividade, marcas e símbolos não devem mudar, devem permanecer.

FG: É o que eu vejo com a Rádio 730 em Goiânia. Ela é a primeira mas não explora essa identidade.

SM: Só que não era 730, era 1230, Rádio Clube.

FG: Rádio Clube de Goiânia ou de Goiás?

SM: Rádio Clube de Goiânia. Primeiro presidente dela foi o Venerando de Freitas que era prefeito e depois virou presidente da rádio. E a Rádio Clube funcionava na Avenida Tocantins, pertinho da Rua 4, da Rua 3, perto da Rua 3. Primeira rua acima da Rua 3, não sei que rua era aquela, 29, mas vai dar no Atheneu, funcionava ali a Rádio Clube. Era um prédio residencial se não me engano era de um médico ou dentista. Adaptaram a casa dele. Alugaram e adaptaram a casa dele, tinha um auditório em baixo, direção e técnica em cima, a gente subia numa escadinha. A Rádio Clube começou ali, foi ali que eu comecei a minha carreira. Eu adorava o rádio, imitava todos os locutores do Rio, São Paulo, ouvia a Rádio Nacional do Rio, a Rádio Tupi de São Paulo. Então eu aprendi a fazer rádio com esse pessoal.

FG: Interessante que quando o rádio começou aqui, lá fora já existia uma época de ouro no rádio, como o senhor falou Rádio Tupi, Rádio Nacional.

SM: A Rádio Nacional era como a TV Globo, a televisão globo. A Rádio Nacional dominava mesmo. A cidade parava para você ouvir novela, não tinha televisão. A cidade parava, chegava oito horas da noite Goiânia parava. “Direito de Nascer”, novela da Globo. “Rádio Teatro Colgate Palmolive”. A gente ia na casa de uma pessoa todo mundo ouvindo rádio, chorava, todo mundo se emocionava no rádio. Tudo isso eu presenciei. Os rádios, os aparelhos de rádio se modernizando. Rádios grandes de válvula, depois foi diminuindo foi condensando, já não precisava mais usar aquela antenazona, porque antigamente tinha que usar antena, botar aquelas antenas enormes no quintal para pegar, para conseguir sintonizar a rádio.

FG: Antigamente eram poucos receptores no tempo da Rádio Clube, era pouca gente que tinha, era muito caro, como é que era isso, difícil?

SM: Você fala para anúncio?

FG: Não, eu digo assim, o aparelho para poder ouvir a rádio, eram poucos aparelhos?

SM: Para ampliar?

FG: Para ouvir em casa mesmo, o aparelho receptor. Era igual à televisão quando começou, dizem que eram poucos aparelhos para as pessoas. O rádio era assim também?

SM: Não, não, eu não lembro disso não. Pelo menos aqui quem quiser comprar compra, era muito caro, mas o sujeito que podia comprar, comprava. Tinha tal de Eletro Americana na Avenida Anhanguera que era especializada em rádio, peças para rádio, tudo. Então tinha lá... o Rádio Miler, M1, não sei deve ser alemão, era uma grande fabricante de rádio, foi o primeiro rádio que eu tive também. Funcionava que era uma beleza, já com antena pequena, caixa de madeira, de válvula, depois foi diminuindo. Depois começou a entrar em São Paulo o Moto Rádio que também é do Japão, Moto Rádio japonês, Moto Rádio para carro, era mais para carro, mas fazia também o Moto Rádio à pilha. Uma coisa que nós sofremos muito aqui em Goiânia era falta de energia, porque a usina aqui funcionava com motor e esse motor funcionava de seis a dez da noite. Foram dois três anos desse jeito. Dois três anos uma cidade às escuras. Depois de dez horas era na base da vela, lampião, lamparina a querosene. Geladeira era na base da querosene. Então o negócio não era fácil não, eu peguei esse período também e não foi fácil não. Eu vejo aí Dois Filhos de Francisco, filme brasileiro. Começa o filme mostrando lá o seu Francisco, pai do Zezé, subindo no telhado para arrumar a antena, colocando a antena. Começa o filme assim, é o começo do filme, mostrando a época do interior, aquele radiozão em cima da mesa e no telhado, puxando o fio e ligando. Aí descia e corria, quando conseguia sintonizar era aquela alegria, o rádio, a alegria que o rádio levava para o interior. Por isso que eu falo, o rádio até hoje tem um negócio de ligação. Moraes César ficou rico aqui em Goiânia, a Rádio anhanguera, depois foi para Rádio Brasil Central para mandar recado para a fazenda. Recado: Atenção, o sujeito ia na rádio e pagava, “Avisa meu pai que eu cheguei no hospital, vou ser operado, vou ver se saio amanhã”. Ainda punha:”Devo chegar na cidade tal hora, vê se me espera no ponto”. Esse recado a gente cobrava dois reais, três reais cada recadinho daquele. Naquele tempo não era reais, cruzeiro sei lá. Então ficou rico com isso aí. Só no programa “Nossa Fazenda”, porque ele tinha o programa “Nossa Fazenda”. A minha área nunca foi o sertanejo, talvez se eu tivesse entrado no sertanejo

estaria muito bem financeiramente. Mas o meu negócio era mais popular brasileiro, música popular brasileira, mais notícia, mais auditório, mais cultura, eu sempre fui para esse lado cultural. Cultura na dá dinheiro.

FG: O perfil do rádio era mais sertanejo mesmo?

SM: Era, viola.

FG: Assim como é hoje.

SM: Porque veio do interior. Você atendia muito interior, patrocinador, basta dizer que a rádio tinha quatro, cinco horas por dia de música sertaneja. Duas horas de manhã, a noite também na hora de dormir e a tardezinha, na boca da noite. Horário sertanejo, então você acordava cinco, seis horas da manhã ouvindo sertanejo. Assim, antes das seis horas da tarde também sertanejo. A noite, no programa noturno era menos, uma hora, clássicos sertanejos, mais música de raiz. O locutor falava da música, compositor. Era o sertanejo que mandava mesmo.

FG: Era assim mais falado?

SM: O sertanejo é que mandava, o forte era o sertanejo.

FG: Assim como é um pouco hoje também. Hoje ainda preserva um pouco isso também?

SM: Especialmente interior de São Paulo, até hoje. Você vai no interior de São Paulo, considerado aí o estado mais evoluído, até hoje no interior, sertanejo manda. Música sertaneja de raiz mesmo é o caso de Goiás, Minas Gerais. Muitas das nossas duplas aqui fizeram sucesso e continuam fazendo sucesso, mais do coração, aquilo veio da raiz mesmo.

FG: Falava da vida no campo.

SM: Mais sentimento, até hoje tem isso aí. Coisa de Brasil mesmo, Brasilão.

FG: Como é que o senhor vê o futuro do rádio? Hoje estão falando em rádio digital, não sei o que. Como é que o senhor vê o futuro?

SM: Rapaz eu estou meio perdido nesse negócio.

FG: O rádio nunca vai morrer.

SM: Chegou o computador, eu trabalho numa máquina minha velha. Mas eu não sei mexer com computador, nem celular direito. Que maravilha, você está com um

gravardozinho na mão. No meu tempo, era um gravador de fita imenso, você carregava aquilo para gravar, fazer uma reportagem.

FG: Era como se fosse uma bolsa, amarrava...

SM: Uma pasta, uma capa grande, tipo um acordeão. Era acordeão, você abria aquele gravardozão, aquele trem enorme. A gente fazia reportagem. A gente ia para o hospital quando chegava lá o caso do nascimento de um gêmeo, trigêmeos, para fazer reportagem. Eu trabalhei muito na notícia também.

FG: Como é que era isso, o jornalismo antigamente.

SM: Ah, difícil de mais.

FG: Hoje você liga no celular e passa um flash ao vivo. Como é que era antigamente, você gravava e corria para a emissora?

SM: A rádio não tinha nem carro. A gente fazia permuta com táxi. Anunciava o táxi e o táxi é que servia a rádio. Você ligava para o táxi, rua tal, supermercado, roubo, explosão não sei aonde. Você levava o gravador e não tinha negócio de transmitir direto, o negócio era gravado. Gravava e levava. Como é a televisão hoje, se bem que tem muita coisa direta, mas a televisão grava, depois leva para o estúdio e põe no ar. É bem isso bichão, o rádio. É muita coisa para você lembrar.

FG: Sem dúvida, é muita coisa.

SM: Tudo que eu sei, eu fiz no ginásio. Naquele tempo não tinha como tem hoje escola de comunicação. Juscelino Kubsticheck, parece que em 72 parece, baixou um decreto, Ministério da Educação, um projeto baixou um decreto. Todo o profissional de rádio, televisão e jornal, com mais de dez, anos de exercício de suas atividades, passa a ser considerado jornalista. Eu tenho na minha carteira profissional. Aí fui ao Ministério do Trabalho e carimbaram lá: “De acordo com o artigo presidencial, tal, o portador dessa carteira passa a ser profissionalmente jornalista”. Porque não tinha formação, era autodidata agora não era qualquer um não, eles faziam uma espécie de um Enem na época, uma seleção. Além de a pessoa ter comprovadamente dez anos de exercício da profissão, eles faziam esse teste. A gente ouvia a rádio de fora tomava amor pela coisa, via como é que fazia, ia para o microfone e mandava ver. Era um rádio muito puro.

FG: As rádios de fora tinham mais penetração do que as daqui, como é que era?

SM: Eram mais possantes. A gente ouvia gostava e fazia.

FG: O senhor tem mais alguma coisa para acrescentar?

SM: O meu forte mesmo foi auditório, onde eu ganhei dinheiro. O auditório lotava. O programa começava seis horas, era de seis as dez, chegava quatro horas já tinha gente na fila. O auditório com no máximo 200 poltronas, ficava gente em pé no corredor. Cobrava ingresso, sorteio de prêmios, naquele tempo o liquidificador estava chegando. Sorteio de rádio, bateadeira de bolo, roupa, sapato, era o sorteio que a gente fazia. Sempre começava com calouros. A primeira parte era só com calouros, depois entrava os quadros de quinze minutos, vinte minutos, dos patrocinadores. Brincadeiras, sorteio, a gente bolava uns programas assim com prêmios, quadros divididos no rádio. Depois eu aderi a televisão, aí eu adaptei o Festival SM que era o nome do meu programa, minhas iniciais, o pessoal pensava que era Sua Majestade. Então eu passei para a televisão, com quatro horas também para a TV Goyá, na Avenida Goiás. O que eu fazia no rádio passei a fazer na televisão, preocupando com a imagem. O rádio começou com o teatro, pessoas ligadas a arte. Eu não sei como é que vai ser no futuro, eu acho o rádio assim meio parado. Está muito estúdio, o rádio tem que ser mais rua, mais povo, mais prestação de serviço. Eu não ouço mais rádio, eu só ouço a CBN. Até deixei de comprar jornal.

FG: Muito bom conversar com o senhor.

SM: Vem com mais tempo aí. É isso aí.

ENTREVISTA 05

ENTREVISTADO: JERÔNIMO RODRIGUES

DATA: 05 DE OUTUBRO DE 2005.

(Entrevista realizada em sua sala, na Rádio Mil FM, no centro de Goiânia).

Fábio Gaio: Seu Jerônimo, há quantos anos o senhor está no rádio?

Jerônimo Rodrigues: 48 apenas (risos).

FG: Como era o rádio naquela época, quando o senhor começou?

JR: Eu tenho acompanhado de lá para cá esse giro todo, essa mudança toda, mas era um rádio, não quero dizer mais profissional, mas pelo menos você tinha além de boa vontade, o desejo de trabalhar, às vezes não se preocupando muito com o faturamento, era mais com a participação espontânea. Mudança quero crer que mudando para melhor de lá para cá. Comecei no dia 07 de março de 1957 e estou até hoje.

FG: Foi em qual emissora?

JR: Começamos na Rádio Difusora. A Rádio Difusora de Goiânia não era da Igreja. Ela pertencia ao seu Paulo de Castro que veio de Uberlândia para cá e montou a Rádio Difusora e na montagem nós participamos. Naquele tempo era Paulo de Castro, Deli Azevedo, Omar Barbosa, Luís Gonzaga, Ivon Goulart e nós, apertamos os primeiros parafusos lá. Quando foi em 58, Dom Fernando Gomes era arcebispo de Goiânia, adquiriu a Rádio Difusora para a Igreja. Eu fui nessa época convidado pelo Cunha Júnior que era da Rádio Clube. Fui para a Rádio Clube de Goiânia onde fiquei até o dia 9 de março de 59, quando atendendo um convite do então senador da República Jerônimo Coimbra Bueno, que era o dono da Rádio Brasil Central na época, eu fui para a Brasil Central. Fui como locutor comercial, operador de som, participei de um punhado de rádio teatro. Naquela época as rádio novelas eram escritas por João Bênio, Sérgio Sampaio, Carlos de Souza, uma equipe muito grande de atores, narradores, dentre eles eu me lembro, Sílvio Medeiros, Jeovah Bailão, Fued Nacif, Humberto Bonfim, Lívio Orcine, Norma de Alencar, tantos e tantos outros aí. Fiquei nessa área até 64 quando comecei na linha noticiosa, fazendo “O Mundo Em Sua Casa”, o jornal falado de maior penetração no Centro-oeste, quero quer que até hoje. Que naquele tempo o jornal era feito no horário de 21h as 21h30, depois 21h45. De um certo tempo para cá passou para as sete da manhã. Das 7h às 8h. “O Mundo Em Sua Casa” eu fiz a primeira vez com Eli Mesquita, uma das reservas mortais do jornalismo na época e era o diretor de radiojornalismo da rádio. E com Eli Mesquita, fiz dupla com Eli Mesquita, fiz dupla com Antônio Gregório, Gonçalves

Filho, Humberto Bonfim, Ivo de Melo e o noticiário de hora em hora era o Jorge Abrão. Com o falecimento do Jorge, Valter Pureza, fez o noticioso até 74. Com a saída do Valter eu fiquei. Com Íris Mendes eu fiz uma dupla durante 23 anos na Brasil Central em “O Mundo Em Sua Casa”. Foi tido na época, eu parei em 97, eu o Íris paramos em 97, naquela época segundo uma pesquisa da Abert, que era a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, era o segundo melhor jornal falado do país. O primeiro era “O Grande Jornal Falado da Tupi”, que era da Tupi de São Paulo, apresentado por Colifeud Azevedo Marques e Homero Silva, o segundo era Jerônimo Rodrigues e Íris Mendes em Goiânia. Valeu a pena. E foi por um longo tempo fazendo “O Mundo Em Sua Casa”, fazendo o noticioso de hora em hora, participando de gravações e tudo mais, com grandes amigos. Em 97 me aposentei para cuidar da minha vida. Então como você diz falando da nossa vida, do lado digamos empresário, montamos em 1986 a Rádio Rio Vermelho de Silvânia. Eu, José Denison, Marcos Fleury e Marcos dos Santos. Montamos em 1990 a Rádio Caraíba em, Aparecida, Jerônimo, Jairo Rodrigues, Godofredo Sandoval e Odilon Valter Santos. Em 95 entrava no ar a Rádio Mil de Trindade. Eu, José Denison e meu irmão João Rodrigues. Em 93, antes, nós adquirimos a Rádio Sociedade de Ceres. Então os anos foram correndo. Hoje, como os anos vão passando, as cargas vão passando. A Rádio Rio Vermelho nós vendemos para o Colégio Marista, que por sinal faz um belo trabalho em Silvânia nessa área de comunicação, orientação pelo rádio, um bom trabalho mesmo, estão de parabéns. E na Mil hoje, somos sócios eu e minha mulher> Estamos lutando aí, levando a vida enquanto der tempo.

FG: O senhor disse que participou do processo de montagem da Rádio Difusora. Como é que era esse negócio de você montar uma rádio numa época em que era mais ou menos uma novidade?

JR: Primeiro o rádio era concessão. Concessão do Governo Federal.

FG: Naquela época já era concessão?

JR: Naquela época era concessão. Concessão ficou até agora há pouco tempo atrás, cinco, seis anos para cá virou leilão. Naquele tempo era concessão. O Paulo de Castro tinha uma concessão, tinha montado uma rádio em Uberlândia, montou uma em Rio Verde, todas elas foram vendidas. E montou a Rádio Difusora. Ele tinha uma loja de material e por isso partiu para a área de montagem de rádio. Montava e vendia. E naquele

tempo era realmente novidade. Só tinha naquele tempo a Rádio Clube de Goiânia, que foi a primeira, montada em 42, a Brasil Central, montada em 50, eu não me lembro a Anhanguera.

FG: A Anhanguera em 54, 8 de outubro.

JR: Então foi a Clube em 42, a Brasil Central em 50 e a Anhanguera em 54 e a Difusora em 57. Tanto é que chamava sempre Rede ABC de Rádio, Anhanguera, Brasil Central, Clube e Difusora. Então era, isso é importante. Hoje tem tantas rádios aí que a gente nem sabe mais.

FG: O senhor acha que o rádio lá do princípio, sofreu muita influência de fora, de outros lugares?

JR: O padrão nacional era Nacional do Rio. A Rádio Nacional era a escola do rádio brasileiro. Depois vieram Rádio Tupi, Rádio Globo e outras emissoras do país inteiro que hoje todos nós conhecemos. Mas a Brasil Central fez história no rádio teatro por exemplo, eu posso lhe assegurar agora, no tempo do Taufic Sebba por exemplo. O Taufic foi o primeiro locutor da Brasil Central. Ele está vivo até hoje.

FG: Eu marquei entrevista com ele.

JR: É, foi o primeiro locutor da Rádio Brasil Central. Contratado exatamente no dia 3 de março de 1950. Mas então, a Rádio Brasil Central fez história nessa época. Por exemplo, os programas de auditório, os primeiros da cidade foram da Rádio Brasil Central. Os programas cômicos também, as rádio novelas, só existiam na Nacional do Rio e na Rádio Brasil Central. Então você vê que era uma equipe muito grande. Quando o governo adquiriu a Rádio Brasil Central é que houve uma mudança. Mas primeiro a rádio era um campo profissional violento, continua no campo profissional hoje, são profissionais gabaritados, porém houve uma mudança, pertencia a um cidadão na verdade político, um cidadão comum, era uma empresa particular. Em 1962, foi adquirida pelo governo Mauro Borges, filiada então ao Consórcio de Empresas de Rádio Difusão e Notícia do Estado, CERNE. Em 71 entrava no ar a FM, a Rádio Brasil Central FM, na gestão Prestes Paranho. Prestes Paranho foi o grande motivador das duas montagens, da televisão e da FM, isso já no governo Leoni Caiado em 76 (telefone toca).

FG: E como é que era a programação naquela época da rádio. Era sertanejo, era notícia?

JR: Completo, era, tinha de tudo. Tinha tanto a área sertaneja, mas a linha noticiosa era o carro chefe para esse país inteiro. Noticiário de hora em hora competindo com os grandes prefixos do Brasil. Na época, Brasil Central foi a porta voz por longos e longos anos de todas as informações do Brasil e do mundo inteiro pra o centro-oeste brasileiro.

FG: Como é que era feita essa captação de notícias?

JR: No tempo do famoso teletipo. Eu me lembro bem do tenente Ostalício Noronha, nosso tenente Noronha. Ele vivia 24 horas por dia diante do teletipo, naquela morsazinha recebendo notícia e passando para a gente. Ou então você fazia a famosa rádio escuta. Ouvia uma estação de fora, copiava a notícia e fazia daqui (telefone toca) ou ia o repórter para a rua (atende ao telefone, pausa de poucos segundos).

FG: E como é que era a relação com o ouvinte no princípio?

JR: O ouvinte é a base principal da rádio. Nós temos na Brasil central, tinha naquela época o telefone 1000. Um, zero, zero, zero. E lançaram no ar, a Rádio Bandeirantes de São Paulo e a Brasil Central em Goiânia o programa que chamava “Telefone Pedindo Bis”. E o cidadão não usava o telefone pra outra coisa se não para pedir música, quer dizer, você rodava porque a programação era feita pelo rádio. Rodamos digamos, 30 músicas. O ouvinte na medida do possível pedia para repetir aquela música uma hora depois. Então a participação dele era direta, fora aquela frequência do rádio o tempo inteiro, o cidadão quer conhecer (telefone toca e atrapalha o entendimento da gravação) porque, como. Então essa participação foi ativa (atende o telefone outra vez)

FG: Eu queria que o senhor falasse um pouquinho mais sobre a questão do teatro e da rádio novela que a gente não acompanhou e não tem conhecimento. Como é que era?

JR: A novela, a rádio novela, por exemplo, é a mesma coisa da telenovela hoje, na época sem imagem. Quer dizer uma grande equipe, na época eu me lembro, por exemplo, de quantos artistas, interpretação, Taufic, Naves Faib (dúvida quanto ao nome certo), o próprio Sílvio Medeiros, Dona Norma, Alivi Orcine (dúvida quanto ao nome certo). Didi Costa foi um nome de peso nessa área, entendeu? O Sérgio interpretava, o César quantas vezes participou de rádio teatro. Era a telenovela de hoje no rádio, sem a imagem.

FG: E os programas de auditório?

JR: Feitos ao vivo com casa cheia o tempo inteiro. Sorteio de prêmios, sorteio de bicicletas, passagens para Brasília, passagem de avião, essa coisa toda. Programas já

tivemos, eu me lembro, na Rádio Brasil Central, Sílvio Medeiros fazendo o “Festival SM” dele. Fazendo Anhanguera tinha aí o Roberto Ferreira, que fazia programas de auditório, tinha Célen Domingos. Lá na Brasil Central, Jeovah Bailão, Fued Nacif.

FG: E quando é, quando é que tempo...

JR: Até mais ou menos na década de 70 ainda foi feito.

FG: Quando a televisão de fato...

JR: Entrou.

JR: Dominou, não é?

JR: Eu não quero dizer que dominou

FG: Dominou não é? (a palavra dominou em ambas as frases é dita ao mesmo tempo)

JR: Que dominou... o rádio tem o seu espaço até hoje. Por exemplo, todas as pesquisas feitas pelas grandes revistas do país, por exemplo, ainda dá o rádio como foco de destaque. Citando por exemplo, eu cito, por exemplo, de comunicação de governo. O governador Fleury, na época em São Paulo, minto, não é Fleury, é Orestes Quércia, criou o Bom Dia São Paulo, que é o nosso Bom Dia Goiás. Foi copiado no Brasil inteiro via rádio. Até o horário de 6h55 às 7h da manhã. Quer dizer, o sujeito está se deslocando de casa no carro, no ônibus, em qualquer lugar ouvindo aquilo ali, sem atender o telefone, sem falar nada com ninguém para acompanhar. O rádio, você dirigindo o carro, indo para a escola, indo para o trabalho, voltando para casa, a cozinheira da sua casa ouvindo rádio, o tempo inteiro.

FG: É, o rádio é mais próximo, mais intimista.

JR: Mais intimista, exatamente. Eu acho até que mais...

FG: Televisão conversa para muita gente, o rádio conversa para você.

JR: Para você.

FG: Tanto é que no rádio não existe o vocês.

JR: Dormindo para você ver, muitas pessoas dormem com o rádio ligado.

FG: Eu sou um. Ponho embaixo do travesseiro (risos), a mulher fala desliga. Não... (risos)

JR: Eu não sei até que ponto mas eu vou te contar um exemplo. Por exemplo, você tinha um programa produzido por Fábio, ele tinha produção. Na pior das hipóteses você

pegava a capa de um long play na época e lia “Música de Roberto Carlos”. Essa música foi feita, por exemplo, em homenagem a Leide Laura. Em homenagem a sua mãe, fulana de tal. Você contava uma história da música em poucas palavras. Você contava, quer dizer, tinha uma produção. Hoje não, “produção Jerônimo Rodrigues, Zé Miquin e Goiazin, Apaixonado por Você”. Cadê a produção, entendeu? Eu posso até dizer o meu caso, por exemplo. Eu faço na Rádio Mil até hoje, uma entrevista das sete e manhã às oito da manhã, de segunda a sexta-feira. Eu tenho uma equipe para pesquisar, tanto é que o bom destaque da série é exatamente por isso, eu não pego o entrevistado no ar de uma vez. O senhor é o que? Eu sou prefeito de Nova Glória, O que o senhor faz na prefeitura? Não, eu vou entrevistar amanhã Fulano, hoje eu faço uma pesquisa quem ele é, de onde vem, para onde vai, vou fazendo. Tem esse cuidado, para isso eu tenho duas pessoas que cuidam de mim. Quando eu entrar no estúdio, quer dizer você, o cidadão que ouve, o ouvinte é muito exigente, pode crer. Ele não vai ouvir, por exemplo, se você entra no estúdio “estamos aqui com o, como é que chama, Carlinhos Brown, no estúdio aqui. O último lançamento seu qual é? Ah, então vamos rodar a música”. Queremos sim saber, porque você fez essa música (minúscula pausa). Está vendo?

FG: É buscar informação.

JR: Buscar informação, porque não é isso aí.

FG: O senhor tem alguma coisa para acrescentar?

JR: Só quero agradecer pela coragem, pelo zelo em perder alguns minutos e falar com a gente.

FG: Não. (risos)

JR: E parabéns pelo curso, também todos os seus colegas.

FG: Está jóia. Então obrigado.

ENTREVISTA 06

ENTREVISTADA: DALVA DE OLIVEIRA

DATA: 08 DE OUTUBRO DE 2005.

(Entrevista realizada em seu apartamento, no Setor Goiânia II)

Fábio Gaio: Dalva, quando que foi o seu início no rádio? Vamos chegar para cá se não vai pegar. (me aproximo da entrevistada)

Dalva de Oliveira: Propriamente Fábio eu não comecei. Eu comecei a minha experiência com microfone, eu praticamente era uma gurria, tinha uns sete anos de idade e isso foi na minha terra. Eu sou mineira de Campos Gerais e meu pai tinha um serviço de alto-falante. Campos Gerais, lá no sul de Minas. Então aí depois eu comecei a falar no microfone lá, por brincadeira e tal. Depois para cá para Goiânia e no ano de 51 nós fomos morar lá na querida Campininha e morávamos perto de um rapaz que tinha um serviço de alto-falante, o querido Sólon Gomes. Sólon Gomes era naquela época, a gente falava operador de som, né, na Rádio Difusora e ele tinha esse serviço de alto-falante e eu queria que queria falar lá e ele ficava, “menina sai para lá”. Eu tinha 11 anos. Até que eu conheci, aí eu passei a falar no serviço de alto-falante. Depois também nós passamos a frequentar o SESC. O SESC era ali no centro, perto da Rua 16, por ali. E ali tinha muitas festas, tinha peças de teatro essas coisas né. Festa caipira, então a gente fazia papel de noiva. E eu conheci um rapazinho, naquela época eu menina e ele interpretava lá no teatro do SESC e este rapaz estava fazendo uns testes e eu fui fazer o papel principal da primeira peça e esse rapaz era o Taufic Sebba. Taufic Sebba. E nós começamos no teatro lá na GT, depois eu fiz teatro com Otavinho Arantes. Então eu fiz teatro com Otavinho lá na GT, aí foi que eu fui para a Rádio Clube. Isso tinha o ano de 52, mais ou menos, era 52. Aí comecei a trabalhar na Rádio Clube como locutora. É... fazia programas de auditório. E eu tinha, eu radiofonizava contos e eles apresentavam como rádio teatro. Aí eu fiquei na Rádio Clube. Isso era na Rádio Clube lá na Rua 1, lá em cima, juntamente com a Folha de Goyaz. Aí eu fui para a Rádio Brasil Central, transferi para a Rádio Brasil Central. Na Brasil Central eu fazia também locução, programas de auditório com Sílvio Medeiros, Jeovah Bailão. Trabalhei ao lado de grandes nomes do rádio como Eli Mesquita, Cunha Júnior, Taufic, Sílvio, a Norma de Alencar, a Fifi Pinheiro. Então eu trabalhei ao lado dessa gente toda e eu gurria, gurria, muito gurria mesmo. Aí eu deixei o rádio. Deixei o rádio, acho que para me casar. Naquela época você sabe, uma moça que trabalhava em rádio era mal vista, tinha aquele preconceito todo. Tinha um preconceito muito grande então. Na época meu noivo falou “você decide, ou eu ou esse rádio seu”. Porque morria de ciúmes das rádio novelas.

E agente naquela época era tão boba que vivia em função do casamento. Criar filhos, aquela coisa toda que se não casasse tinha aquela história. Aí abandonei o rádio e me casei. Aí tive meus 4 filhos. Quando eu tive o meu terceiro filho, outra vez pela mão do Taufic Sebba que estava trabalhando lá, foi na minha casa me chamar para mim fazer um programa feminino. Eu falei “ô Taufic, tanto tempo que estou fora, não do conta de fazer mais”. “Dalva, você dá”. “E o meu marido não deixa”. “Nada, ele vai deixar”. E, no entanto meu marido deixou e eu voltei a trabalhar. Então só na Rádio Difusora eu fiquei 12 anos. Fiz um programa de muito sucesso que era o “Alô Princesa”, fiz um programa junto com Darcízio de Souza, “A Sorte é Sua”, programa “Disque Para Ouvir”, que era de pedidos musicais, que era à noite aos domingos. Então foi uma época muito boa na Rádio Difusora, mas eu, minha época mais assim, foi na Rádio Clube, quando eu comecei a trabalhar à noite. Eu tinha o “Clube da Noite” e “Eu e a Madrugada”. Eu entrava no ar às oito e meia da noite e saía do ar às quatro da manhã ao vivo.

FG: Todos os dias?

DO: Todos os dias.

FG: Inclusive a senhora tem o título de dama da noite.

DO: A dona da noite.

FG: A dona da noite!

DO: Aí foi esse tempo todo, eu trabalhando. Depois fui para a Riviera, voltei para a Rádio Clube e ficava aquele trem. Aí fui para a Riviera, da Riviera fui para a Jornal, da Jornal fui para a Riviera. Aí depois eu tive um problema de saúde. Aí eu deixei uns tempos. A última rádio que eu fiz foi a Rádio K. Mas, ih, meu filho, são tantas histórias nesse tempo todo, tanta coisa, é muita coisa. O rádio naquela época era um rádio muito gratificante, não financeiramente, mas o retorno que o ouvinte dava era muito grande.

FG: É. Isso que eu queria perguntar para a senhora. Como é que era a participação do ouvinte naquela época?

DO: Por exemplo, nessa época dos anos 50 mais ou menos, você tinha um contato assim, você fazia rádio teatro no auditório né, então você tinha aquele contato direto com o público, você via o ouvinte e era aquela coisa bonita, aquela coisa boa.

FG: Sempre com casa cheia?

DO: Sempre. Sempre com auditório cheio para ouvirem Josafá Nascimento, para ouvir aquele menino, como é o nome dele meu Deus... a voz era idêntica...Celi Coutinho, que tinha uma voz idêntica a do Nelson Gonçalves. Era a Eri Camargo que tinha o irmão dela, o Emerson Camargo, a Zizi, a Maria José que era a garota prodígio que cantava (falha na gravação de aproximadamente 15 segundos). Tinha sábado e domingo, né. E eu tinha um programa de auditório junto com o... Ah, meu Deus... Como é que chama o rapaz... Moacir... Ah, acho que era Moacir Júnior eu esqueci o nome dele. Nós fazíamos um programa domingo de manhã e ficava cheio de crianças e menininhas para cantar e declamar. Era bom demais naquela época. Ah, tinha muita coisa boa no rádio antigamente. Um noticiário muito bonito, muito bem feito. Então esse noticiário ainda tem até hoje na Brasil Central.

FG: “O Mundo Em Sua Casa”?

DO: “O Mundo Em Sua Casa” que era feito por Eli Mesquita.

FG: E Jerônimo Rodrigues, né?

DO: Não, Eli Mesquita e Jorge Abrão.

FG: Acho também que o Jerônimo Rodrigues participou mais depois.

DO: Mais depois.

FG: Eu estive lá com ele. Ele falou um pouco sobre essa história também.

DO: Mas depois, depois do Jorge Abrão veio o Jerominho.

FG: E a senhora acha, a senhora falando dessa época do rádio, daquele tempo para hoje, o que será que o rádio mudou? Será que mudou ou piorou?

DO: Ah eu não sei. Eu acho que piorou num sentido. A parte musical caiu demais. Essa gritaria, acho que não precisa gritar em rádio. Eu não sei, eu não ouço rádio.

FG: Eu sinto uma coisa, os pioneiros, quase todos não ouvem rádio.

DO: Não, eu não ouço rádio.

FG: O Taufic não ouve, o Sílvio não ouve. Eu tenho notado isso.

DO: Eu ouço assim, quando eu vejo, escuto uma boa música, geralmente na Executiva ou na Brasil Central FM, aí tudo bem. Quando você não escuta uma boa música, aí não dá, não dá. Inclusive esses dias eu estava assim no meu quarto pesquisando lá uma rádio, uma coisa, e dei de cara com uma moça, com uma locutora falando igual a mim. “Essa aí sou eu”! O mesmo estilo, o mesmo jeito de falar com o ouvinte. Eu nem sei

que rádio era. Eu falei, mais... “Para você que está no motel, para você que está ai, pá, pá, pá” Você entendeu? Eu falei assim, “uai”.

FG: Como é que era esse programa que a senhora fazia à noite. Era no estilo desses que a Rádio Nacional de Brasília faz hoje, que o ouvinte ligava conversava?

DO: Não, o ouvinte conversa comigo.

FG: Não conversa no ar não?

DO: Era, era um programa musical até dez e meia. Tocava uma música mais balanceada. Das dez e meia em diante você tocava uma música mais suave, mais tranqüila, mais própria para o fim de noite. Aí a gente lia cartas, lia poemas, pensamentos, coisas positivas, só se transmitia coisas positivas para o ouvinte. Porque o ouvinte noturno é aquele ouvinte mais carente que você pode pensar. O ouvinte carente é aquele que às vezes está sozinho em um quarto de hotel. Eu tinha vários ouvintes que por exemplo, moram em São Paulo e chagavam aqui em Goiânia iam para o hotel, no dia que ele chegava me ligava.

FG: Que beleza, que coisa bonita!

DO: Chegamos. Chegamos a Goiânia e estamos aqui te ouvindo. Uma coisa que muito me sensibilizou esse tempo foi ter conhecido um rapaz que para mim é um irmão, é um filho. É uma coisa que eu... o Paulo Beringhs. O Paulo Beringhs ele, ele em conversa para mim disse “Dalva quem diria que um dia eu ia te conhecer. Quando eu ceguei de São Paulo para cá, eu sentava ali num barzinho na Avenida Goiás tomando uma cerveja e eu ficava te escutando. E aquela voz me tocava, e eu ficava assim...” E então o Paulo Beringhs a partir daí, o Paulo...olha, o Paulo fez tanta coisa para mim sem me conhecer pessoalmente, sabe, sem me conhecer pessoalmente. Foi uma coisa maravilhosa na minha vida, foi o Paulo Beringhs. Agora tenho muitos amigos no rádio, que sempre, e... me proporcionaram muita coisa boa. Através do Paulo Beringhs em um programa dele de televisão eu fui entrevistada, porque todo mundo pensava que eu tinha morrido.

FG: Eu inclusive estava até vendo sobre isso. Tinha um recorte lá na Brasil Central, do Caderno 2 que falava inclusive da senhora.

DO: Aí eu falei “não pelo amor de Deus” Interessante, aí parece que Deus escreve as coisas, tem uma coisa predestinada, na vida da gente. Acho que não era para mim voltar para o rádio. Porque duas vezes que eu tentei, eu voltei, não que eu pedisse,

mas me ofereceram. Eu fui trabalhar na Rádio jornal fazendo um programa de manhã, isso foi em 94. E eu trabalhando lá de manhã, com três meses que eu estava trabalhando, eu sofri um enfarto. E foi três semanas e uma mamária. Bom, aí passou o tempo um dia, novamente no programa do Paulo Beringhs, no dia do Radialista ele prestando uma homenagem e não sei o que, e aquele rapaz, o Kajuru estava no programa dando uma entrevista. Aí ele prestou uma homenagem a mim, aí ele falou “ela não está trabalhando no rádio porque não quer, porque se ela quiser podemos começar a trabalhar comigo amanhã”. Um cara que para mim foi um dos melhores patrões que eu já tive, me recebeu com muito carinho. Eu trabalhei também três meses, gozado. Aí surgiram aqueles problemas comigo. Mas é um cara muito bacana o Kajuru. E outra pessoa na minha vida, o Sandes Júnior, também é uma pessoa muito especial na minha vida, O próprio Taufic e outros tantos. O Sílvio José. O Sílvio José foi um cara muito bacana.

FG: Lá da Brasil Central?

DO: Rádio Brasil Central. Ah, tenho muitos amigos, mas a gente quase não se encontra, quase não se fala. Tem um outro cara que me ensinou muito, ah, muito mesmo, que foi o Márcio Martins. Que mais você quer saber?

FG: Esse programa que a senhora fazia à noite, quanto tempo ele ficou no ar?

DO: Olha, o Clube da Noite na Rádio Clube e a Madrugada eu fiquei fazendo esse programa direto, foi uns dois anos. Aí eu deixei de fazer ao vivo a madrugada. Eu tive uma estafa muito séria, né, muito séria. Até hoje, né, a gente sente baquiada, né.

FG: Ficava sem dormir né?

DO: Então hoje a gente vê as conseqüências de tudo isso que a gente passava. A gente vai ficando mais envelhecida, a gente vai... aí foi. Depois eu fui para a Rádio Riviera e continuei fazendo programa à noite. Então foram bastante tempo (risos).

FG: Muito tempo, bastante tempo (risos). Sempre a noite e sempre ao vivo. A senhora falando aí do rádio teatro e da rádio novela, como é que era feito, era ensaiado ou improvisado?

DO: A gente ensaiava né. Tinha, tinha tudo escritinho né. O Taufic, por exemplo, que tinha um programa que se chamava “Sob o Manto da Noite”. Ah, e tinha o Sílvio Medeiros que também escreveu uma novela. A gente apresentou essa novela. Luís Carlos Pimenta também era um grande homem de teatro, como também era seu pai, que foi quem

introduziu, foi o pioneiro do rádio em Goiânia, né. Tinha o Pimenta Neto que era excepcional. Tinha muita gente bacana. E o rádio teatro era feito assim, a gente ensaiava e depois ia ao ar no outro dia, ao vivo.

FG: Ah, tinha o ensaio e depois ia ao ar ao vivo?

DO: Tinha o contra regra que fazia o trote de cavalo, chuva, raio, tudo ali ao vivo.

FG: Eram mais ou menos quantos capítulos? Era por capítulo, era igual uma novela?

DO: Era igual um capítulo. Tinha por exemplo, tinha uma história que era um capítulo só, “Sob o Manto da Noite”, era um capítulo só, né. Aí tinha vários programas de rádio teatro, tinha o Sílvio Medeiros que escrevia também, era o Taufic e o Sílvio.

FG: Naquele tempo também a televisão não era tão próxima.

DO: Mas eu vou te contar, mesmo com o advento da televisão, eu vejo que no meu tempo, eu trabalhava no rádio à noite, nossa, eu vou lhe contar... Tinha muita gente que deixava a televisão e primeiro desligava a televisão e ia dormir, colocava o radinho debaixo do travesseiro.

FG: Ah, então sou eu então.

DO: É. (risos).

FG: Eu só durmo com o radinho em baixo do travesseiro. Eu sou um apaixonado pelo rádio. A gente ouve muito falar que o rádio morreu ou está morrendo.

DO: Não, o rádio não é o mesmo não.

FG: Eu acho que ele modificou, agora morrer...

DO: Ele modificou muito, modificou muito mesmo e tem que ser. Principalmente a parte jornalística, sabe, o rádio tem que ter uma modernização.

FG: Como é que era a parte jornalística antigamente, tem diferença de hoje?

DO: A diferença de hoje que um locutor noticiarista como o Eli Mesquita, ela sentava e ele sofria de uma enxaqueca muito forte. O dia que ele estava atacado de enxaqueca ele pegava um lenço com água gelada, botava assim na testa e fazia o jornal sem ler nada.

FG: É paixão né!

DO: Porque você trabalhava naquela época, você trabalhava por amor. Você fazia rádio por amor.

FG: Hoje em dia o rádio está muito com influências políticas. Está muito na mão de políticos e tal.

DO: É, o negócio é que tem muitos grupinhos. Também tem muita rádio evangélica, muita gente que não tem registro, muita gente que não é radialista, você entendeu? Hoje parece que nem precisa mais de registro de jornalista, de radialista, na carteira para trabalhar. Na época, quando eu voltei exigia isso. Então eu tenho na minha carteira profissional, registro de jornalista e radialista. Hoje não, hoje não, qualquer um entra no estúdio aí, fala lá uma bobeira lá, sem saber por que, sem saber pontuação.

FG: É o que o Sílvio Medeiros havia falado para mim, o rádio está descuidado.

DO: Está muito descuidado e eu não ouço mais, não dá para ouvir não.

FG: Interessante que nenhum dos pioneiros ouve mais rádio. Isso é um fato assim, comum a todos.

DO: Não dá mesmo para ouvir. É uma gritaria, é uma músicas que não tem letra, não tem música, não tem melodia, não tem nada. Entra uma Kelly K da vida, um Latino da vida... Há grandes cantores que estão sem gravar.

FG: Por que não tem espaço? O tal do jabá hoje...

DO: Sem espaço. Porque a mídia faz, porque tanto ela faz como desfaz. Porque ela faz um cantor em um ano e se ela quiser ela desfaz em um minuto.

FG: O poder é muito grande.

DO: É muito grande, então a gente fica assim.

FG: A senhora lembra de um fato assim inusitado que tenha acontecido nas rádio novelas ou mesmo nos programas à noite, algum fato curioso?

DO: Aí quando eu trabalhava à noite, geralmente era muito, às vezes tinha assim aquele, aquelas coisas, uns rapazes meio atirados que achavam que era porque você estava ali, né, umas mulheres ciumentas porque os maridos ficavam escutando. Telefonava te ameaçando ou então faziam que iam por exemplo, porque a Folha de Goyaz era lá onde é hoje o Diário da Manhã, então ficava Folha de Goyaz de lá e a rádio de cá. Aí falavam que iam na Folha de Goyaz e ao invés de ir para a Folha, entrava para a rádio, entendeu? E um dia eu estava lá trabalhando e eu trabalhava com a porta aberta porque era muito calor e naquela altura ninguém ia entrar porque eu sabia que o guarda não deixava ninguém entrar na rádio né. E quando dou por mim está um rapaz atrás de mim dizendo “você vai sair

daqui agora e vai para o motel comigo”. Aí o operador viu, porque antigamente tinha operador de som, porque você trabalhava de um lado e o operador de som do outro. Aí ele foi e ligou para a portaria e foram lá e tiraram o rapaz. Mas esse fato ficou na história. A mulher que “ó você está destruindo o meu casamento”. Eu não!

FG: Só porque a pessoa ouvia a senhora à noite.

DO: Bobagem.

FG: A senhora tem alguma coisa mais para acrescentar.

DO: Não, só desejo sucesso para você na sua carreira. Fiquei muito feliz por você ter lembrado da minha pessoa para fazer parte deste trabalho. Que você tenha muito sucesso.

FG: Ah, muito obrigado.

DO: Que Deus te ilumine, que Deus te abençoe.

FG: Amém!

ENTREVISTA 07

ENTREVISTADO: TAUFIC SEBBA

DATA: 06 DE OUTUBRO DE 2005.

(Entrevista realizada em sua residência no setor Aeroporto, em Goiânia).

Fábio Gaio: Quanto tempo que o senhor, aliás quando o senhor começou no rádio, vamos começar por aí?

Taufic Sebba: Em 50.

FG: Em 50, lá na Brasil Central?

TS: Lá na Brasil Central.

FG: O senhor fazia...

TS: Eu posso dizer que eu comecei em 49, no fim de 49, porque quando eu fui fazer o teste com o Pimenta Neto, depois daqui a pouco vou te mostrar uma foto do Pimenta Neto que eu tenho, eu não posso ceder ela porque me emprestaram essas fotografias. Valter Pureza que foi um dos pioneiros também. O Valter falou “ó, tem uns trem lá, você não quer dar uma olhada?” Então ele largou aqui uma dessas fotos é dele, das fotos que ele deu. Então eles fizeram lá um teste e minha mãe tinha uma pensão na Rua 20, em 49, acho que você nem pensava em nascer.

FG: Não (risos)

TS: Seu pai, acho que nem tinha nascido?

FG: Não, meu pai é de 45 (risos).

TS: 45? 50, quase seis. Aí eu fui lá e fiz o teste porque tinha um rapaz lá na pensão, chamado... ainda está vivo, chamado Hélio Marinho, resolveu ir lá, ele tinha um vozeirão. “Agora eu vou, vou ser locutor” (imitando a voz). E foi para lá e falou assim “vamos lá comigo”. Eu falei “vamos”. Eu quero ver como é que você ia, a rádio era pertinho do Botafogo, na Anhanguera, pertinho do Botafogo, uma casa improvisada. Aí eu cheguei lá e tal. Aí ele o Helinho, eu chamava ele de Helinho, era um delegado de polícia. Aí o Helinho fez o teste, parece que pelo jeitão do Pimenta Neto ele não foi muito bem não. E ele falou assim, “esse menino aí, quer fazer não?” “Não, não senhor, não quero mexer com esse trem” (risos). “Vem cá. Sabe fazer um papel de velho”? “Sei lá uai, vamos fazer”. “Não, você chega e ó, ó, ó (imitando o velho)”. Aí eu fui lá e “ó, ó, ó”. “É isso mesmo, você não precisa ficar assim e tal”. Aí, ele está fazendo aqui (entra a esposa). Está com o play ligado (entra a esposa). Grava quanto, uma hora mais ou menos?

FG: É, uma hora cada fita né.

TS: Então mandou que eu voltasse mas o baixinho não. Ele ficou puto da vida. “Rapaz, mas eu te levo lá, pô, você me toma o lugar.” Eu falei “não era o seu lugar, eu

nem ia lá”. Aí voltei, fui admitido para ganhar cachê, não era salário não. Não era salário, ganhava por apresentação, cada capítulo, pagava assim, sei lá, cinco merréis, dez merréis. Mas, para quem estava matando tatu no chute (risos). Aí eu cheguei lá e tal, aí entusiasmei. Rapaz eu não era muita coisa não, mas me entusiasmei. Aí eu fiquei todo esse resto de 49. Aí a rádio entrou oficialmente no dia 3 de março de 1950.

FG: Ela já funcionava antes?

TS: Não, ela funcionava em caráter experimental.

FG: Ah sim!

TS: Porque ela não tinha sido aprovada ainda. Sei lá o que era, a federação aí. O negócio era lá no Rio (pausa).

FG: Porque a capital era lá.

TS: A capital ainda era lá. Não tinha mudado para Brasília. Aí nós fomos gravando peças curtas de 20, 25 minutos, 30 minutos, gravando aquele mundão. Quando a rádio entrou no ar, ele jogou tudo, né, por cada dia, então. Corre a história (dúvida quanto a pronúncia certa neste momento), não sei o que. Aí eu fiquei 50, só no rádio teatro. Aí eles aumentaram o cachê, uma coisinha, não dava para viver, mas... aí quando foi em 51, o diretor já era Valdir de Castro. E ele era secretário do Jerônimo Coimbra. Que a Rádio Brasil Central era dos Coimbra, depois que vendeu para o estado.

FG: A Fundação Coimbra Bueno, né?

TS: Fundação Coimbra Bueno, que a gente fazia inclusive a campanha da mudança. E então esse Valdir Garcia me falaram que ele está vivo até hoje, ele é um cara super inteligente, para mim um dos mais importantes de Goiás, Valdir Garcia, faltou um locutor, e ele bateu, a pensão era pertinho. E eu era garçom da pensão, a pensão era da minha mãe e eu era garçom na pensão, pagar a comida né, pelo menos. Aí ele chegou e falou “vamos embora”. Eu me lembro que minha mãe falou assim “não, ele não acabou o serviço dele e ele vai almoçar, ele não almoçou doutor, entra aqui”. Ele falou assim “não posso dona Bárbara, eu tenho, a rapaz está lá desde quatro, cinco horas da manhã, o outro que ia substituí-lo não apareceu”. Então eles me chamavam de Tufi, então o Tufi vai substituir o tal, se der certo a gente contrata ele como locutor. Aí a turma lá fazia uma força, “não dona Bárbara, deixa ele ir, liga o rádio aí, liga o rádio”. Estava na hora da bóia. Aí ela ainda falou assim “ô doutor, faz assim, fecha a porta”, minha mãe era libanesa,

“Fecha rápido, almoça e depois vai”. “Não pode dona Bárbara, a rádio não pode fechar”. “Que não fecha!” Eu vou falando aí, estamos nas preliminares. Aí eu comecei, foi quando eu comecei, tanto que para efeito de aposentadoria eu só peguei o restinho de 51 e fiquei lá, daqui para frente. Depois teve períodos em que eu saí. Eu tive uma banca de revistas na rodoviária, eu fiquei quatro anos fora da rádio e depois eu fui trabalhar em Campinas. Assumi a direção do hotel, Palace Hotel, que era na época da minha sogra. Então eu assumi a direção do Palace Hotel e fiquei dando uma colher de chá na Rádio Difusora, mas ganhando. Aí quando o diretor da Difusora que era o Jorge Abrão, irmão do Jackson Abrão, foi convidado para a superintendência do CERNE, ele falou “agora você vai comigo para a rádio”. Eu falei “não posso Jorge, eu não posso largar aqui”. “Esse hotel não está dando nada”. Aí eu falei “ não, mas eu não posso largar aqui”. “Não, você tem que largar”. Aí eu resolvi, conversei com a mulher, a mulher falou assim “não bem, vai sim”. Aí eu fui com ele, assumi a direção da rádio e ele ficou como superintendente. E ele tinha um problema muito sério de coração, ele tinha feito uma operação na válvula mitral em São Paulo, um cara muito ruim de cirurgia chamado Adib Jatene (risos).

FG: É (risos), foi ministro e tudo (risos).

TS: É (risos). E o Jatene botou uma válvula nele, mas falou assim, “ó, cuidado que isso não é definitivo, essa válvula pode falhar, então talvez a gente tenha que fazer um transplante”. Mas ele não ligava muito, e um dia ele foi em Anápolis dirigindo, na volta ele infartou e morreu, ele indo. Sentiu mal e tal. Teve uns caras que falaram assim “ó, o rapaz ali encostou no acostamento e parece que ele está se sentindo mal”. Aí eles foram lá viram que ele não estava bem. Aí passaram ele para o banco do passageiro. Um cara trouxe para cá, mas ele já chegou morto. Irmão do Jackson, aí o Jackson, mas o Jackson naquela época já tinha vindo para Goiânia e ele tinha tentado a Brasil Central, mas o próprio Jorge naquela época, viu que não era muito bom, o pessoal vai falar “colocou porque é irmão e tal”. Ele tentou a Anhanguera e está lá até hoje. Depois passou a atuar na televisão. Hoje ele é um dos diretores lá, é diretor de redação, do departamento de jornalismo, né. Aí eu, quando eu fui para lá era sessenta e... sessenta e... 65 ou 66. Você já tinha nascido?

FG: Não, não, eu nasci em 78.

TS: Quanto?

FG: 78 (risos).

TS: Aí eu fiquei lá até 72. Eu recebi um convite do Irapuã que era presidente da Celg, com um salário melhor, apesar de gostar da rádio, eu tive que fazer isso. Aí mais tarde eu saí definitivamente da rádio, e ingressei na Celg até 86, quando eu me aposentei. Quer dizer, de rádio, tanto que esse moço, pode citar aí?

FG: Pode.

TS: Que ele me perguntou, tempo de rádio e eu falei “ó, tempo de rádio uns 20,22 anos, contando os”...

FG: Desde 1950?

TS: Desde 50, mas eu saí várias vezes, né, para outras coisas, né. É, mas se contar tempo de rádio mesmo, diria, 66, 4 mais 2, 6 anos, depois na Brasil Central, antes 7, 7 com 13, na Difusora um ano, 14, mais ou menos uns 20 anos. Então que eu fui homenageado, o único que foi homenageado pelo Sindicato dos Radialistas, que tinha na presidência Sebastião campos, eu fui homenageado, eu tenho até fotografia, onde está eu não sei, mas eu fui numa churrascaria que tinha lá na Avenida Araguaia, era Crush, parece que era uma coisa assim. E eles fizeram lá uma festa, convidaram todos os radialistas, na época Ozires Teixeira estava como vice-governador, mas estava na governadoria. Eu fui convidado e fui. Mas eu e Ozires, nós trabalhamos na época na GT, no teatro e ele se tornou meu compadre, e ele batizou a mais velha que é professora na Universidade Federal, professora de Inglês. Aí ele foi, fez um discurso e tal, fez aquele discurso lá. Além dele e de mim homenageado. E eu recebi um troféu, foi o único, não deram mais nenhum, chamado de Águia de Ouro. Eu tenho esse troféu. Uma águia lá, com asas abertas. Então, tempo de rádio é isso aí, se não der talvez a Cleuza (mostra uma fotografia), talvez eu não esteja aí, eu entrei um pouquinho depois. A Cleuza, nós fomos colegas na Anhanguera.

FG: A Cleuza Jaques, né?

TS: É.

FG: É, eu também estive com ela.

TS: Eu tive na Anhanguera mais ou menos uns...

FG: Foi radio atriz né?

TS: Atriz e boa, boa mesmo.

FG: Ela contou sobre as novelas.

TS: Lívio Orcine, Dalva de Oliveira...

FG: Dalva de Oliveira, eu marquei com ela amanhã também.

TS: É a Dalvinha é uma cria minha (risos).

FG: A dona da noite né?

TS: A dona da noite. É isso veio depois, mais recente. Mas ela inclusive teve uma época que ela estava fora do radio e eu já tinha ingressado na Difusora. O Jorge era o diretor, presidente do CERNE. “Eu estou precisando de uma locutora”. Eu falei “eu sei”. Aí eu citei o nome dela e ele falou “ó, é mesmo, onde é que ela mora”. Eu falei “mora ali”. Como se ele não soubesse. Eu acho que ele sabia onde ela morava. Aí fomos lá. Ela estava toda esgrenhada na casa dela. “Baixinha, apronta aí que você vai estreiar na Difusora”. Ah, porque ela fez teatro quando eu dirigia o grupo do SESC e ela trabalhou comigo pela primeira vez, depois ela trabalhou com o Otavinho e ela foi para a Difusora. Quando eu saí da Difusora e do Hotel eu vim para a Brasil Central, aí ela ficou. Depois ela teve uns lances aí, mas ela é afilhada minha, digo (risos) assim, minha afilhada de...

FG: De rádio.

TS: Afilhada artística, de rádio e de teatro.

FG: É seu Taufic, como era lá o começo. Era muito difícil para você aqui no rádio, porque até então só tinha a Rádio Clube.

TS: Não, não era não, mas era gratificante. Eu não sei não. O rádio naquela época era mais completo, porque não tinha a televisão, então você substituía a televisão. A gente nem sonhava né, com a vinda da televisão, então você substituía a televisão. A primeira televisão não foi da Anhanguera, foi da Clube, que era dos Diários Associados, entendeu? Era ligado a Rádio Clube, que era a emissora pioneira. Então a gente fazia de tudo. A gente fazia rádio teatro que hoje é a telenovela. Fazia programas de auditório, que hoje é esses programas, aquele bicho lá da Globo, o gordão, o Gugu lá no SBT e outros mais por aí. Essas moças que fazem programa, a Xuxa. Então naquela época era Jeovah Bailão, tinha auditório. Jeovah bailão era um senhor, eles falavam animador e hoje é apresentador. Apresentador, como é o nome lá do cara da Globo?

FG: Faustão, né?

TS: Faustão! Aquilo é uma desgraça!

FG: (risos) Ele é terrível.

TS: Não põe isso aí não.

FG: (risos)

TS: Mas o Jeovah e o Sílvio eram animadores. Eu às vezes ajudava o Sílvio no auditório, fazia locução, propaganda. Então naquele intervalo comercial, Globo, Record, SBT, a gente fazia ao vivo no próprio palco. Ele acabava de falar lá né, e eu e uma moça, às vezes até a esposa dele, que era a Norma de Alencar, que era rádio atriz excelente. Então fazia, fazia os testes né.

FG: Os patrocinadores.

TS: É, e então era sabão não sei de onde, era Armazém do Chico, fazia propaganda. Aí de vez e quando ele saia para umas férias assim mais curtas e falava “toma conta”. E era aquela desgraça, eu não era bom animador, não. Aí a Norma falava “não, você vai bem?”. Nós tínhamos um elenco de cantores. Nós tínhamos um conjunto musical e foram dois. Primeiro veio o Conjunto Musical do Belo, percussionista, depois entrou Geraldo Almarão, diretor e foi professor de música na Universidade Federal, faleceu há pouco tempo. E...era um conjunto muito bom. Programas de auditório, de calouros, então tinha um elenco muito bom. Cantores excelentes.

FG: E sempre com casa cheia, sempre com muita gente?

TS: Muita. Também era de graça né (risos). Lá perto do Botafogo, o auditório era pequeno. Quando nós fomos para a Vila Nova, o auditório era um pouquinho maior. Aí ele enchia, lotava. Aí depois eles foram lá para...

FG: Parque Santa Cruz né?

TS: Sei lá. Longe pra burro. Então está tudo lá, CERNE...

FG: A TV.

TS: É, porque nessa época nós não tínhamos TV, mas tinha o CERNE, e a gráfica e os programas de auditório eram muito animados.

FG: E era uma vez por semana?

TS: Uma vez por semana, cada uma né. Um era um dia, o outro, eu acho que o do Jeovah, se não me engano era no sábado, Jeovah Bailão.

FG: Eu vi o nome dele lá.

TS: Falecido. Faleceu aí já há bastante tempo. Ele morreu novo. Ele trabalhou em São Paulo, trabalhou na Rádio América. Uma vez eu fui em São Paulo, mais a passeio, era

umas férias, eu fui na Rádio América visitá-lo. Aí ele falou “vem para cá” (imitando). Aí eu falei “ih, vou ficar morrendo de fome”. Aí depois veio para cá, voltou, tornou-se comerciante, ele mais o Fued Nacif, outro também que fez programa de auditório na época, faleceu agora há pouco tempo. Está todo mundo morrendo. Depois entrei em um programa de animação, de auditório, na Anhanguera, que chamava não sei o que, General Novilar, que era uma firma de eletrodomésticos. General, eu acho que era deles, parece que os dois eram donos, não tenho muita certeza não. Mas o Fued fazia programas, General Novilar Premia, uma coisa assim. E ele fazia o programa lá, lá... na Anhanguera, durante muito tempo. Aí com esse programa, com o advento da televisão, esses programas foram assimilados pela TV e passou a apresentar no lugar do rádio teatro, passou a teleteatro. E é o que dá audiência para a Globo, é esse trem, não é essa porcaria de Galvão Bueno que é uma porcaria como narrador. Ó, ó, ó eu vou (imitando).

FG: Fica numa gritaria.

TS: É uma gritaria. Novela de não sei o que lá das quantas, novela. Então passou a novela para a Globo, para a Globo, para a televisão. E o futebol passou. Você não vai ouvir mais, você vai ver e ouvir, não é verdade? Então eles perguntaram para mim uma vez, qual a diferença. A diferença é que você vai escutar e vai ter a imagem, do cara falando, cantando, um conjunto musical, o caipira, O Zezé Di Camargo e Luciano ao vivo, homenageados e tal. Então você faz o que, você vai escutar se pode escutar e ver? Então eu achava, eu dizia, que a concorrência era desleal, não é?

FG: É, com certeza. E como que era além dos programas de auditório e das rádio novelas, o que tinha na programação, das rádios daquela época?

TS: Tinha, tinha programas musicais que você fazia. Tinha programas especiais, que se escrevia, de humorismo. Eu tinha um programa de humorismo, que eu fazia chamado “De Bicanca”. “De Bicanca” falava antigamente quando o cara dava um chute no bico do pé, quando a chuteira, então você falava, ih o cara marcou um gol de bicanca, porque ele chutou com o bico. Então eu botei “De Bicanca”. Trabalhávamos com tudo, até a Dalvinha trabalhou comigo nesse programa, o João Neder, O Didi Costa, já falecido e Jerônimo Rodrigues fez também.

FG: Estive com ele ontem.

TS: É. A gente juntava aquele grupo. Tinha aquele grupo e fazia esse “De Bicanca”, que era só gozação sobre futebol, mais sobre futebol. Fazíamos esporte de um modo geral, mas era sobre futebol, 90% futebol. E tinha programas especiais, o próprio Jávier Gondinho, famoso jornalista do Diário da Manhã, companheiro nosso, ele produzia dois, três programas. Programa cultural, tinha histórias de poeta e nós tínhamos estante literária. Esse Estante Literária eu que produzia, eu e Ivone Gomes, que era filho do Pedro Gomes, que tem o nome de uma escola aí. A Ivone é filha do Pedro Gomes. Nós produzíamos esse programa. Nós tínhamos um programa diário sobre transito, que é uma das angústias até hoje. Então chamava “Alô, Alô, Motorista”, criado por um jornalista famoso, um cara bacana de mais que morreu num desastre de avião, chamado Otoniel da Cunha. Aí ele vendeu os direitos para a emissora, que era a Brasil Central e a Ivone produzia para nós esse “Alô, Alô, Motorista”, um programa de boa audiência. Crônicas, eu escrevia uma crônica chamada “Bom Dia Para Você” e a audiência nós já transmitíamos as novelas da Record e algumas da Nacional, então havia uma novela da nacional as dez horas. Era o maior pique de audiência do rádio goiano, dava uma média aí de 40, 45 por cento de audiência. O que que eu fiz, a crônica minha era 3, 4 minutos, mas diário. Então eu peguei a minha crônica, como eu já era diretor artístico, eu joguei a minha crônica 5 minutos antes da novela. A novela entrava no ar as dez e eu passei a transmitir as...

FG: Dez da manhã?

TS: Dez da manhã, uma audiência tremenda. E passei a pegar, peguei a audiência da novela. Logicamente no pessoal que queria ouvir a novela...

FG: Ligava o rádio um pouquinho antes.

TS: Ligava um pouquinho antes. Ó liga lá, Rádio Brasil Central, a novela. Aí já pegava a crônica, a crônica “Bom Dia Para Você”, escrita, eu me lembro, escrita e lida por Taufic Sebba, no rádio era Tufi. Aí entrava eu, sapecava o pau. Era 3, 4 minutos, porque tinha o intervalo antes do comercial, porque tinha que dar um espaço para a propaganda e logo em seguida entrava a novela. Aí a turma falava “não, mas você entra na fumaça da novela”. Eu falei “lógico” (risos).

FG: E daquele tempo para cá, o senhor acha que mudou muito, piorou, melhorou?

TS: Não, eu não acho que piorou não. Muita gente fala, piorou, ficou restrito a noticiário e transmissão de futebol, mas eu acho que está bom, o rádio está bom. Quer

dizer, tinha que mudar né, você não ia mais fazer programa montado, escrito, ensaiado, gravado, com sonoplastia, né, que eles chamavam aí de vestimenta musical, sonoplastia, sonoplasta. O cara sonoplasta é quem? É aquele que trabalha na mesa e ele tem de ser especialista em novela. Mas o rádio não deixou de ter essa função, ele é importante, lógico que não pode igualizar-se com...

FG: Ele teve que acompanhar a evolução, né.

TS: É. Não podemos fazer novela, apesar de muitas emissoras lá do sul voltaram a apresentar novela, fiquei sabendo, de uns tempos pra cá. Está dando uma audiência danada. Mas então abandonou as novelas, abandonou aqueles programas montados, que você fazia, de auditório e mesmo de estúdio, mas com música ao vivo, com perguntas que se fazia, até para o ouvinte. E agora e tal, dentro do Programa ‘Show Revista’... era, um programa, “Show Revista”, que tinha do Luís Carlos Pimenta na época. E os caras escreviam, telefonavam, tinha boa audiência. Então esse programas foram renegados, num segundo plano, né. Como é que você fala como diretor da rádio que você vai fazer, via ficar toda vida ali, sabendo que a televisão faz isso.

FG: Meio que teve que acompanhar a evolução.

TS: Mas dentro daquilo que foi e está sendo feito. Eu não tenho sido um ouvinte de rádio mais, eu ouço muito pouco, muito pouco, mas eu ouço falar. Tem fulano lá, fazendo um programa X. O Jerônimo tem a rádio dele, tem a FM, tem o noticiário, ele sempre foi noticiarista.

FG: Ele apresentou “O Mundo Em Sua Casa” bastante tempo.

TS: Muito tempo. O Jorge Abrão, esse que eu falei para você, era o superintendente e ele fez “O Mundo Em Sua Casa” durante muito tempo, tinha um vozeirão.

FG: E “O Mundo Em Sua Casa” está sendo feito até hoje.

TS: Foi criado pelo Lins, um cara que tinha vindo da Mayrink, Mayrink da Veiga. Ele veio para Goiás, casou e ficou aí mesmo. Morreu e ficou me devendo 2 sacos de arroz. Eu tinha uma mercearia perto de casa e ele tinha uma chacinha lá para as bandas do Urias, pra banda do Urias, lá pertinho do Urias, era pertinho da cidade, era uma chacinha. Ele passava lá de carro e falava para as minhas funcionárias, “olha estou levando, avisa

ele, um saco de arroz que eu estou levando para os piões lá”. Aí morreu e ficou me devendo. Lins Mesquita, ele que criou “O Mundo Em Sua Casa”.

FG: E o “Correspondente Brasil Central”?

TS: Que por sinal é um bom título.

FG: “O Mundo Em Sua Casa”.

TS: É.

FG: Difícil criar um título de programa. Eu tinha uma rádio novela que cada semana era uma novela, como uma peça, que se chamava “Sob o Manto da Noite”. O Manto da noite, que inclusive uma senhora lá de Goiás Velho, Goiás, cidade de Goiás, não gosto de falar Goiás Velho, a cidade de Goiás, antiga capital, escreveu uma poesia sobre O Manto da Noite. Aí eu peguei a própria poesia e fiz uma peça. Então estes títulos você cria como pontos ilustres, nós criamos pontos ilustres focalizando músicos ilustres, músicos famosos, escritores famosos, a gente cria, o autor, lia os livros e radiofonizava. Então era assim, Estante Literária que eu falava agora a pouco, são títulos que foram engolidos pela televisão, hoje você não vai fazer isso mais, porque você não tem que sentar...

FG: Porque o público também mudou, né?

TS: Mudou. Também entraram outros, mesmo que não tivesse mudado.

FG: A concorrência...

TS: Aquela evolução, então não vai ficar permanentemente ligado em rádio, quando tem a televisão para ver. Você fala, bom, ó, eu vou ver Corinthians, como ontem, vou ver Corinthians e Internacional, não foi Corinthians e Fluminense, vou ver, inclusive tem uma rádio transmitindo, porque o rádio transmite. Quando está passando na televisão, você vai ligar a televisão para ver.

FG: É, estando em um local que pega televisão.

TS: É, acho que qualquer currutela tem televisão.

FG: É (risos). O senhor tem algum fato que marcou o rádio, ou a história do senhor, alguma coisa assim?

TS: Tem aquilo que eu falei para você, né. Águia de Ouro que eu ganhei do sindicato. Foi um marco, um acontecimento que gravou bastante. Me deixou, que me deixa até hoje, muito emocionado. É... que mais...tem quando eu estava ainda na Brasil Central em 67, eu estava como diretor, eu fiz uma festa muito bonita e fiz exposição de

cartas que chegavam da Europa, da Ásia, do Japão, da Austrália. Eu fiz exposição de cartas que nós recebemos, cartas e gravações em fitas. Aí eu falo ainda, não sei se falo aí (referindo-se a um recorte de jornal com uma matéria escrita por ele). Eu sei que, eu sei que, não eu acho que falo. Aí o Golias que faleceu agora recentemente, nessa semana, o Ronald Golias e o Carlos Alberto estavam começando a fazer shows né. O pai dele que era o homem da, da...

FG: Manuel da Nóbrega. Né?

TS: É, Manuel da Nóbrega, que era o homem do banco. O Carlos Alberto que o substituiu.

FG: A Praça da Alegria, né?

TS: A Praça da Alegria. Depois passou para o que?

FG: A Praça é Nossa né.

TS: A Praça é nossa. Então eu trouxe aqui, nós trouxemos, o Golias, o Carlos Alberto e lotamos um estúdio em Goiânia. Em Goiânia, era o Cine Teatro, porque quando nós fazíamos peças de teatro, principalmente da GT, por exemplo, precisávamos rançar a tela, era uma dificuldade. Rançar a tela para fazer o cenário. Você utiliza o cenário ou a peça 3 dias no máximo, quase estourando quatro dias. E você ensaiava durante 2, 3 meses para levar. Lá em São Paulo, você vai ver uma peça lá, ela fica um ano em cartaz. Aqui era 3, 4 dias e depois às vezes levava para o interior também. Então, é esse, assim como um fato importante...de um modo geral muita coisa na vida da gente no rádio era boa, não tenho assim para reclamar.

FG: O reconhecimento, como é que era naquela época o reconhecimento do ouvinte, da população, como é que era a participação?

TS: Era bom. Era mais ou menos o que o público faz com todos esses elementos. Eles ligavam, escreviam e mandava até colaboração e você se sentia...ganhava pouco, então dizia Luís Carlos “ganhava pouco, mas era divertido”. Então a gente vivia disso, era uma coisa extraordinária. É... vivia disso, gostava de fazer, se sentia bem em fazer, alguma coisa, alguma coisa, naquela época, a sociedade não aceitava muito as pessoas que faziam rádio.

FG: É, como assim?

TS: Eu não sei, a gente era um pouco marginalizado. É tanto que eu me lembro de uma moça que eu namorei na época do Lyceu, eu estudava no Lyceu e fazia Rádio Brasil Central. Então moleque naquela época, eu comecei com 19 anos. Ela chamava Suzana, não sei nem o que foi feito dela. Era uma coleguinha muito bonita, mas era filha de um desembargador aí. Aí ele falou “Não, ele trabalha em rádio, você não vai mexer com isso não”. Rapaz, mas pelo amor de Deus, é só um namorico. Então lá tinha isso, hoje nem tanto. Hoje às vezes até falam “nossa ele está bem, ó está na televisão, o Jackson Abrão, o bichão aí, Zé Divino” então hoje especialmente esse pessoal da novela, Nossa Senhora. É o Gianechini da vida. Então é isso, naquele tempo Goiânia o que, porcaria, Goiânia tinha sido fundada em 33, então, 52, 17 anos né, 17 anos de Goiânia. O Jóquei era o fim , o Jóquei Clube era o fim da cidade, o resto era mato.

FG: Para você ver. Para ir em Campinas era um dificuldade.

TS: Não, tinha um trieirozinho. Então havia isso, não era todo mundo, mas havia uma parcela da população, que tinha vindo lá de Goiás, tinha vindo do interior, pessoal assim...

FG: Conservador.

TS: Conservador (ênfase) (termina um lado da fita). Não, ele mexe com rádio, é malandro. Mas não é todo mundo não, essas coisas.

FG: Tá, para eu não tomar muito o tempo do senhor...

TS: Não estou falando de mais não?

FG: Não, de maneira alguma, tudo, tudo está sendo extremamente útil.

TS: Mas você seleciona isso aí para ficar bem bonito.

FG: O senhor tem alguma coisa mais para acrescentar que às vezes eu não perguntei, alguma coisa assim, alguma história interessante para contar mais?

TS: Dá uma paradinha, deixa eu ver aqui, deixa u lembrar.

FG: (risos e pausa na gravação)

TS: Ah, ligou já?

FG: Liguei.

TS: É, eu queria dizer também, é importante que você diga também, escreva aí, que a rádio entrou no ar praticamente para trabalhar pela mudança da capital. E nós tínhamos

slogan da rádio que era Rádio Brasil Central pela mudança da capital. Rádio Brasil Central, a emissora que luta pela mudança.

FG: Antigamente parece que era Rádio Jornal do Brasil Central, né, o nome da emissora?

TS: Era, Rádio Jornal do Brasil Central, mas nunca aquele jornal a gente lia, a não ser no noticiário. Mais era Rádio Brasil Central, RBC, RBC e tal, Rádio Brasil Central. Mas nós trabalhamos muito tempo aí de 50 para frente, até 50, 51 que ela entrou no ar em março, aí teve aquele restante de 50, 51, 52, 53 até por volta aí de 58 quando houve aí, quando a mudança já era mesmo concretizada, era um fato, mesmo assim nós continuamos falando, era o slogan. Nós criamos cada um, um slogan, cada vez um slogan sobre a mudança. Foi um fato muito importante da Brasil Central, foi a primeira emissora a falar de Brasília.

FG: Fez a cobertura lá na capital.

TS: E fez a cobertura diretamente. Levou um transmissor para lá. Com muita dificuldade. Hoje os equipamentos são mais modernos, você transmite de lá sem essa situação de transmissor.

FG: É, hoje por celular você fala né.

TS: É, sei lá, é muito diferente. Mas naquela época teve que levar um transmissor.

FG: Era uma coisa muito grande?

TS: É, nós falávamos que era um geladeira, uma geladeira grande e tal, né. Botou numa caminhonete, aí foi para lá, instalar os elementos que a gente pode colocar como importantes na instalação dessa aparelhagem. Era o Orlando Consorte, que era diretor técnico nosso e o Luís era o auxiliar dele, auxiliar técnico e locutor. E lá então eles transmitiram a missa e todas as emissoras do Brasil entraram em cadeia com a Rádio Brasil Central.

FG: Quer dizer, foi a única...

TS: Você vê a importância da coisa. A Nacional, Rádio Tupi, Rádio Record, não sei o que dos pampas, Rádio do Rio grande do Sul, todo mundo entrou em cadeia. Então na dava nem para citar o nome. As emissoras brasileiras em cadeia com a Rádio Brasil Central para transmissão da, da santa missa, lá não sei o que, na capela tal assim, na mudança oficial da capital para Brasília. E foi o discurso de Juscelino e outros mais lá, que

estavam lá, presentes, convidados. Quem transmitiu com os locutores nossos, com a técnica nossa, foi tudo nosso. Esse foi um fato importante. Transmitindo de lá, todas as emissoras que não transmitiam pediram para entrar em cadeia. Avisa lá, ó, nós estaremos em cadeia com vocês, cita o nome lá. De vez em quando citava um ou outro nome e tal, mas não era para citar todo mundo, eram dezenas e dezenas de emissoras, até do interior de São Paulo, do Rio, de Minas, do Rio Grande do Sul, todas as emissoras entraram em cadeia.

FG: Para transmitir ao vivo lá da nova capital.

TS: É, para transmitir ao vivo de lá. Olha, era repórter, os locutores oficiais que fizeram a transmissão, com a técnica nossa. Eles avisaram que, eles avisaram que (barulho de sirene, olha para a janela), eles avisaram que...ah, é lá na clínica.

FG: Ambulância.

TS: Eles avisaram na, na, na hora lá que estava chegando, o som estava chegando perfeito e tal. Aí ficava um pessoal no estúdio e comunicando, “atenção fulano”, tinha o fone né, “alô fulano, ó, avisa aí para fulano”, que era o cara que estava transmitindo, se não me engano era o Eli mesquita o locutor oficial, que era o locutor oficial. Tinham outros, que faziam reportagem e tal. Aí espalhamos gente lá para todo o lado, avisando, ó, o som está chegando perfeito em São Paulo, no Rio, e eles estão satisfeitos e estão no ar. E pode aí ficar à vontade, ficar uma, duas horas no ar, nós estamos com vocês no ar. Foi, nós fomos a primeira emissora a transmitir a mudança, com esse mundão de gente atrás de nós. Isso é um fato importante.

FG: É, eu estava até lendo um pouco sobre isso ontem.

TS: Eles levaram um transmissor. Eu lembro que eles falavam “para que você vai levar essa geladeira, não adianta esse transmissor”.

FG: É, a rádio sempre começou como uma rádio potente?

TS: Potente.

TS: Desde o princípio ela pegava...

FG: Não, o pessoal que mandava, tinha aquele lá na Europa, que a gente chamava rádio ouvinte, tinha até prêmio para sintonizar rádio, descobrir rádio. Deve ser uns receptores assim...

FG: Bem potentes.

TS: De boa qualidade. E eles falavam “ó, na faixa tal, número tal, assim, assim, nós sintonizamos a sua emissora”, mandava escrito em inglês. “A sua emissora e estamos mandando um ok e tal, obrigado, a fita mostra como é que pega”. A gente rodava a fita e agradecia, pegava aquelas cartas e arquivava. Mandava muita flâmula, mandava vistas da cidade. Uma emissora, especialmente as ondas tropicais, que pegava na madrugada, por causa das ondas úmidas, ela pegava nesses lugares, recebia cartas. Aí entrou a Clube mas...

FG: Não tinha potência né?

TS: Não tinha.

FG: Era mais restrita aqui.

TS: E foi feito aquilo e o Coimbra se valeu disso para efeito político, aquela coisa toda né.

FG: Parece que ele era senador né?

TS: É.

FG: Senador Jerônimo Coimbra Bueno.

TS: Depois desse negócio da rádio, porque tinha muita gente contra, muita gente contra a mudança.

FG: Por que a rádio passou para o governo?

TS: Aí já não havia mais interesse, eu tenho essa impressão. Não tinha interesse, aí eles passaram, fizeram uma proposta, os Coimbra, porque eles eram irmãos Coimbra, porque não era só o Jerônimo, era o Jerônimo e o Abelardo. Eles são considerados construtores de Goiânia. Eles têm o título lá.

FG: Até os bairros, Setor Coimbra, Setor Bueno.

TS: É tanto que as áreas boas de Goiânia ficou tudo na mão dele. Ele ficou milionário. Vila Coimbra, setor Bueno, Bueninho, então tudo isso era dividido em lotes, quanto não rendeu tudo isso? Aí ele foi embora para o Rio, eu nunca mais vi o Jerônimo. O Abelardo sim, porque uma vez o Abelardo veio para Goiânia, quando a rádio ainda era do Jerônimo, do Jerônimo e do Abelardo. O Abelardo chegou lá e puseram ali, a mim e o noticiarista lá que redigia, que se tornou desembargador do estado, desembargador sei lá como chamava... Elísio de Assis Costa, professor e tal, advogado. Um cara bacana, até o irmão dele era muito bacana também, o Joaquim de Assis Costa. Hoje eles estão

aposentados. Mas eles puseram eu e o Elísio a disposição do Abelardo para redigir discurso, porque ele não sabia redigir nem texto. E aí puseram a gente para redigi o discurso dele, crônicas para ele falar no rádio e eu me lembro que a turma estava entusiasmada trabalhando com ele, eu não me lembro bem o ano, parece que foi no final de 58, por aí assim. Fim de 58, eu conclui o curso de Ciências Econômicas na Católica. A Católica tinha mudado lá para cima, a Católica era aqui na 1, mudaram lá para cima, um mato desgraçado lá. E foi mais ou menos isso. Mas depois andou uma conversa boba nos corredores da rádio, dizendo assim, conversou lá um cara “você vem aqui e tal, e aí vai mudar para cá”. “Não, eu vim aqui comprar um título de senador e vou embora”. Sabe o que aconteceu, nem os votos da rádio ele teve. Ora, um cara chega aqui dizendo uma besteira dessa, né. E andou fazendo uns trem aí meio doido. Um aviãozinho que ele tinha lá para Goiás, cidade de Goiás, eu acho que o aviãozinho andou dando uma estrumbicada lá, quebrou o avião todo e uma madame que estava com ele arrebentou a cara. Aí ele foi derrotado, mas solenemente. Nem os votos da rádio ele teve, não teve, se não me engano ele não ganhou nenhum voto.

FG: Também, agir dessa maneira.

TS: O cara pega, não eu vim aqui comprar um título de senador. Ele pode até desmentir quando ele vir então. Não precisa dizer isso, não precisa botar isso no Popular não. “Não, eu vim aqui me eleger senador, depois eu volto” que ainda não tinha mudado, o Senado e Câmara dos Deputados era lá no Rio. “Depois eu volto”. É isso aí.

FG: É.

TS: Se eu lembrar alguma coisa eu pego o seu telefone, depois eu ligo para você.

FG: Eu ainda volto aqui para o senhor poder assinar.